

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – LINGUÍSTICA APLICADA  
MESTRADO EM LETRAS

RITA DE LIMA NÓBREGA

**MULHERES DE FERRO: A DUPLA JORNADA DAS OPERÁRIAS SOLDADORAS  
NA CIDADE DO RIO GRANDE**

Pelotas  
2014

RITA DE LIMA NÓBREGA

**MULHERES DE FERRO: A DUPLA JORNADA DAS OPERÁRIAS SOLDADORAS  
NA CIDADE DO RIO GRANDE**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras na linha de pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Campello

Pelotas  
2014

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N754m Nóbrega, Rita de Lima

**Mulheres de ferro: a dupla jornada das operárias soldadoras na cidade do Rio Grande /** Rita de Lima Nóbrega . – Pelotas: UCPEL, 2014.

157f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas , Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2014. Orientadora: Eliane T.A.Campello.

1.mulheres soldadoras. 2.gênero.. 4.análise crítica do discurso.  
I.Campello, Eliane T.A., or. II.Título.

CDD 401.41

RITA DE LIMA NÓBREGA

**MULHERES DE FERRO: A DUPLA JORNADA DAS OPERÁRIAS SOLDADORAS  
NA CIDADE DO RIO GRANDE**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras na linha de pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Área de concentração: Linguística Aplicada.

Data de aprovação:

---

**Dra. Eliane Campello (UCPel) - Orientadora**

---

**Dra. Aracy Ernst Pereira - (UCPel)**

---

**Dra. Renata Kabke Pinheiro - (UFPel)**

## **AGRADECIMENTO**

*Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pelotas, por ter me incentivado à pesquisa.*

*À CAPES, por ter me propiciado a realização de um sonho.*

*À minha orientadora, Eliane Campello, pela dedicação, pelo carinho e pela paciência, vivenciados no processo de orientação.*

*Às Mulheres Soldadoras.*

*A todos que de uma forma ou de outra contribuíram com a pesquisa.*

### *La autoridad*

*En épocas remotas, las mujeres se sentaban en la proa de la canoa y los hombres en la popa. Eran las mujeres quienes cazaban y pescaban. Ellas salían de las aldeas y volvían cuando podían o querían. Los hombres montaban las chozas, preparaban la comida, mantenían encendidas las fogatas contra el frío, cuidaban a los hijos y curtían las pieles de abrigo.*

*Así era la vida entre los indios onas y los yaganes, en la Tierra del Fuego, hasta que un día los hombres mataron a todas las mujeres y se pusieron las máscaras que las mujeres habían inventado para darles terror.*

*Solamente las niñas recién nacidas se salvaron del exterminio. Mientras ellas crecían, los asesinos les decían y les repetían que servir a los hombres era su destino. Ellas lo creyeron. También lo creyeron sus hijas y las hijas de sus hijas.*  
*(Eduardo Galeano)*

## RESUMO

Esta pesquisa de cunho qualitativo disserta a respeito da representação das mulheres soldadoras da cidade do Rio Grande. Tem como *corpus* as respostas das entrevistas realizadas com as soldadoras da empresa Ecovix/Engevix Construções Oceânicas, atuantes no Polo Naval da cidade. À luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), segundo Norman Fairclough, e dos estudos de gênero, objetiva verificar o perfil (profissional e doméstico) dessas trabalhadoras por meio do discurso, no entender de que este advém de uma prática social, constituída em meio a ideologias e relações sociais. Nesse viés, a dupla jornada de trabalho e a entrada das mulheres nessa profissão, até então masculina, são os fatos problematizados aqui. A dissertação possibilita refletir acerca de algumas questões socioculturais presentes no imaginário social, como o fato de relacionar as mulheres com a subordinação ao masculino e a incapacidade produtiva e intelectual feminina. Apesar de as mulheres terem conseguido muitas vitórias, configurando uma nova divisão sexual do trabalho, esses discursos preconceituosos e hegemônicos ainda são veiculados nos mais variados artefatos culturais e na sociedade em geral. Isso ocorre porque a sociedade, ainda patriarcal, vê o gênero ligado às questões biológicas e não sob a vertente teórica que o remete às questões culturais. A ACD é uma teoria interdisciplinar que propõe uma análise tridimensional do discurso, a qual engloba o texto, a prática discursiva e a prática social. Dentre as várias possibilidades de categorização do *corpus*, neste trabalho, são elencadas o vocabulário, a intertextualidade, a polidez e o *ethos*.

**Palavras-chave:** mulheres soldadoras; discurso; gênero

## ABSTRACT

This quantitative research deals with the representation of welder women in Rio Grande city. The *corpus* consists of the welder women's interviews, employed in the Ecovix/Engevix Construções Oceânicas, who are nowadays working in the Naval Cluster of the city. This thesis is based on the Critical Discourse Analysis (CDA) according to Norman Fairclough's research principles and gender studies, *and* aims at examining these workers' profiles, both professional and domestic, throughout the analysis of their discourse, understood as a result of these women's social practice structured according to their ideologies and social relationship. From such a perspective, the double journey and the enrollment of these women in that profession, up to now a man's job only, are the issues under discussion in this thesis. It leads us to investigate social-cultural issues that are present in the social imaginary such as the fact of associating the idea that women are subordinated to men, and the intellectual incompetence of production that affects the female figure. Although women have achieved many victories, and shaped a new sexual division of work, these prejudiced and hegemonic discourses are still found in many cultural artefacts and in society. This fact happens because society, still patriarchal, considers gender linked to biological issues and not to the theoretical view that places it within cultural issues. CDA is an interdisciplinary theory that proposes a tridimensional analysis of discourse that comprises text, discourse practice and social practice. Among the several possibilities of choosing among the categories of CDA in order to analyze the *corpus*, in this thesis, the selected ones are: vocabulary, intertextuality, politeness, and *ethos*.

Keywords: welder women; discourse; gender

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 - Participação de mulheres em parlamentos no mundo .....                                  | 14 |
| Gráfico 2 - Distribuição das pessoas ocupadas de 16 anos ou mais por sexo e ramo de atividade ..... | 30 |
| Gráfico 3 - Algumas características das mulheres de 16 anos ou mais trabalhadoras domésticas.....   | 30 |
| Gráfico 4 - Proporção de homens e mulheres que se dedicam aos afazeres domésticos.....              | 41 |

## **LISTA DE FIGURAS**

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Modelo tridimensional e Fairclough ..... | 46 |
|---|----|

## **LISTA DE QUADROS**

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1 - Categorias analíticas propostas pelo modelo tridimensional ..... | 47  |
| Quadro 2 - Informações sobre as entrevistadas .....                         | 62  |
| Quadro 3 – Compilação dos dados.....  | 114 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 13  |
| <b>1 MULHERES E O TRABALHO:</b> distintos lugares, uma mesma realidade ..... | 20  |
| 1.1 A PROFISSÃO DE SOLDADOR/A .....  | 29  |
| 1.2 MULHERES SOLDADORAS E DONAS DE CASA: a representação ressignificada .... | 37  |
| <b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....   | 44  |
| 2.1 PRINCÍPIOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO .....                          | 44  |
| 2.2 AS MULHERES E O GÊNERO: uma questão a refletir .....                     | 48  |
| <b>3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE</b> .....                                      | 53  |
| 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA .....                                       | 59  |
| 3.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....   | 61  |
| 3.2.1 Soldadora A .....  | 63  |
| 3.2.2 Soldadora B .....  | 70  |
| 3.2.3 Soldadora C .....  | 81  |
| 3.2.4 Soldadora D .....  | 87  |
| 3.2.5 Soldadora E .....  | 95  |
| 3.2.6 Soldadora F .....  | 103 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 112 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 121 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 127 |

## INTRODUÇÃO

Dentre as várias teorias e disciplinas que um programa de Pós-Graduação oferece, seguramente, elencar o tema de pesquisa não é tarefa fácil. A escolha é permeada por vários fatores, os quais se articulam e se tecem como uma colcha de retalhos no intuito de construir um todo. Nessa perspectiva, tendo em vista que as práticas sociais influenciam a linguagem, as possibilidades de sentido e as relações estabelecidas pelo discurso se tornam o foco deste trabalho.

Pensar sobre como se dão e se mantêm as relações sociais que, muitas vezes, excluem e oprimem os sujeitos de um determinado grupo possibilita uma reflexão que pode ajudar na mudança de uma situação, por isso, é importante analisar discursos que invisibilizam sujeitos. No dia a dia, são várias as ações carregadas de ideologias hegemônicas fossilizadas, arraigadas em pressupostos tidos como certos, impostos pela sociedade, disfarçados, mascarados por uma falsa inclusão. A mídia se diz inclusiva para alcançar a todos. Mas será verdade? Até que ponto isso acontece? Em pleno século XXI, esse artefato cultural dita padrões como se houvesse uma única verdade estanque e inviolável. Um exemplo disso são as novelas da teledramaturgia brasileira, em que a pobreza não aparece, a maioria das famílias está representada de acordo com séculos passados e as mulheres são perfeitas segundo os padrões da sociedade: corpo esguio sem nenhum percentual de gordura. Essa massificação de estereótipos contribui para a insatisfação feminina. Wolf em *O mito da beleza* (1992) destaca que:

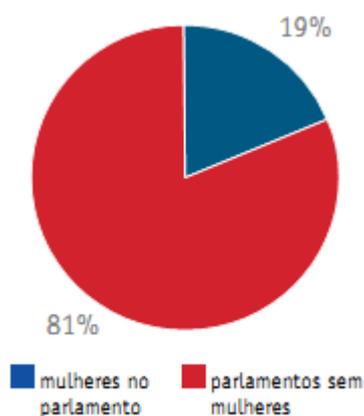
enquanto apenas um homem em cada dez se sente “extremamente insatisfeito” com seu corpo, um terço das mulheres está “extremamente insatisfeito” com o delas. Embora o excesso de peso ocorra nos dois sexos em igual proporção – cerca de um terço – 95% dos inscritos em programas de emagrecimento são do sexo feminino. As mulheres consideram ter um grave problema quando atingem cerca de sete quilos acima da média nacional de peso. Os homens só começam a se preocupar quando estão com dezessete a mais (p. 123, grifos da autora).

Os dados levantados por Wolf evidenciam que as mulheres são mais preocupadas em relação à aparência, mas, ao mesmo tempo, mostram que elas são as mais dispostas a reverterem uma situação em busca do bem-estar e da não rejeição. Porém as mulheres não estão dispostas a mudar apenas sua aparência, mas, também, sua condição profissional ao saírem dos ambientes privados para ocuparem os diferentes espaços públicos. Nesse viés, este trabalho expõe uma prática pioneira no Brasil que tem a cidade do Rio Grande como cenário e as mulheres soldadoras como protagonistas ao construírem sua representação, visto que o sujeito se constitui histórica e socialmente.

É possível perceber que mesmo as mulheres tendo obtido êxito em suas lutas, pois, hoje, elas têm representatividade em diversas áreas, ocupam cargos de chefia, são juízas, delegadas, profissões anteriormente destinadas aos homens, ainda existe desigualdade em alguns setores. No político, este índice é mais elevado, conforme dados mundiais da União Interparlamentar, apresentados no Relatório Anual 2009/2010 Mulheres poder e decisão (p. 11):

**Gráfico 1**

**Participação de mulheres em Parlamentos no mundo - em %**



Fonte: IPU, 2009

Embora as mulheres representem mais de 50% da população, apenas 19% ocupam cargos parlamentares, denotando que ainda existe preconceito e dificuldade das mulheres em conquistarem cargos de chefes. Dentre as possibilidades responsáveis por essa situação, está a

difícil tarefa de conciliar família e trabalho. Isso é o que mostra um estudo realizado pela empresa de consultoria de negócios Bain & Company (2013). Segundo a pesquisa, apenas 4% dos principais executivos entre as 250 maiores companhias brasileiras são mulheres e 14% dos cargos de gerência executiva são ocupados por profissionais do sexo feminino. Os líderes entrevistados destacam os motivos dessa equação:

[...] as mulheres não chegam à liderança pelos seguintes motivos: elas abrem mão de parte da progressão na carreira para obter um estilo de vida mais balanceado (66%), a carreira avança mais lentamente (ou não avança) por conta da combinação de compromissos profissionais e familiares (55%), elas dão prioridade à família em detrimento do trabalho (55%) e elas são mais bem preparadas para cuidar da família do que os homens (46%) (p. 1).

Esses dados vêm de uma herança que define as profissões pelo sexo, a qual perdura no século XXI nos grandes e pequenos centros. Isso é o que ocorre em alguns estabelecimentos da cidade do Rio Grande, como os relacionados à pesca, segundo Silva e Spolle (2014):

Na produção industrial, as atividades de captura e beneficiamento se separam e cabe às mulheres realizarem em terra, a última tarefa. Pois esta se constitui ideologicamente como “um serviço para mulher”. A relação de trabalho é precária, dependendo das preferências pessoais do capataz e em função da sazonalidade e quantidade da matéria-prima. As fábricas de pescado operam com esteiras e em torno de 25 mulheres por esteira realizam as tarefas de classificação dos peixes; de armazenagem em banheiras com gelo; executam atividades de fileteamento (peixes), limpeza (peixes, camarões e siris); empacotamento; armazenamento nos frigoríficos. O trabalho de classificação é feito pelas diaristas, com turno de oito horas e estendido, de acordo com a quantidade e a qualidade de peixe. As tarefas executam o trabalho mais qualificado. As chefias, capatazes ou gerentes, são masculinas (p. 1).

O trabalho dos autores descreve uma prática em que as mulheres se encontram em situação de trabalho inferior a dos homens. Não obstante, dentro da hierarquia da empresa, existem entre a chefia os “capatazes” ou “gerentes”. O último termo, segundo o dicionário Aurélio online, significa: “Chefe de um grupo de encarregados de trabalhos braçais” e “Administrador de uma fazenda”. Capataz é uma palavra permeada por questões sócio-históricas que remontam o período da escravidão em que este açoitava os negros que não mantinham a disciplina e os dominava com a punição. A indústria de peixe, referida na

citação anterior, ao recorrer ao termo, iguala as mulheres aos escravos, a fim de manter o cárcere e a soberania masculina no trabalho. É evidente que o imaginário social<sup>1</sup> tem algumas representações acerca do feminino e masculino relacionadas a estereótipos<sup>2</sup> e ao preconceito que esta dissertação questiona e tenta desmitificar.

Atualmente, a cidade do Rio Grande passa por um processo de crescimento econômico, devido à construção das Plataformas de Petróleo para a Petrobras e, com isso, a cidade é reconhecida nacionalmente. Com a expansão do Polo Naval, às mulheres é oportunizada a chance de trabalhar, desempenhando uma profissão, até então, exclusivamente, masculina: soldadora. “Há quatro anos, não se encontravam mulheres trabalhando no Polo Naval”, conta o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Rio Grande, Dercy Anchieta de Souza (2010), em entrevista. E, completa: “Só eram contratadas [as mulheres] para cargos em escritórios ou funções administrativas. Agora, as empresas estão mais abertas à contratação” (p. 1). As mulheres, ao tomarem outros espaços, admitem outras representações, marcadas não só pela profissão, mas pela linguagem e pela vestimenta. No caso das soldadoras, esta última contraria os padrões de feminilidade: macacão, luvas e botas não são empecilhos para mães e esposas terem uma profissão remunerada e reconhecida.

Segundo o *Diário de Pernambuco* (JC, 2011), “Um/a soldador/a é a pessoa responsável pela união de materiais assegurando que estes não se rompam. É uma profissão que nem todos os candidatos têm preparo físico para enfrentar o dia a dia de trabalho” (p. 1). A profissão conta com algumas particularidades que englobam a força e o preparo físico. Será que as mulheres têm esse preparo? Se não, isso é um fator que lhes oferece alguma limitação? No ideário social, o trabalho portuário sempre foi tido como “pesado” e relacionado aos homens. Como será que as mulheres se veem ocupando esse espaço? Como elas administram a dupla jornada de trabalho?

Outro fato a observar está relacionado com o conhecimento técnico. Antes das construções das Plataformas, os cursos que preparam os trabalhadores para atuarem no Polo Naval são poucos e restritos aos homens. As condições salariais se mantêm desiguais, visto que um homem pode ter um salário até três vezes maior do que o de uma mulher. As

---

<sup>1</sup> Segundo Chauí (1999), o imaginário social “é um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas, sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes” (p. 417).

<sup>2</sup> Para Charaudeau e Maingueneau (2004), “estereótipo e clichê denunciam uma cristalização no nível do pensamento ou no da expressão; portanto, estereótipo designa o que é fixo, estratificado, cristalizado” (p. 23).

mulheres ficam em condição salarial inferior, sem a qualificação suficiente. Entretanto, a escassa mão de obra para a construção das Plataformas faz com que alguns empresários da cidade providenciem cursos para qualificar trabalhadores e trabalhadoras para tal, além dos cursos profissionalizantes gratuitos oferecidos pelo governo em parceria com entidades empresarias, como o Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Promimp)<sup>3</sup>. Com isso, abre-se a possibilidade de as mulheres poderem se qualificar e disputar as vagas desse mercado.

A partir do exposto, esta pesquisa pretende verificar a representação (doméstica e profissional) das mulheres soldadoras rio-grandinas, por meio das marcas linguísticas veiculadas no discurso e dos sentidos da dupla jornada, ou seja, a obrigação feminina de arcar com todas as tarefas domésticas, depois de um dia inteiro de trabalho na empresa. Para tanto, a Análise Crítica do Discurso (ACD) é a teoria que conduzirá esse diálogo.

O estudo se torna relevante, visto que essa mão de obra feminina é recente e equivale a uma pequena porcentagem da classe. Logo, este movimento das mulheres incluídas no referido mercado de trabalho adquire feições ideológicas, na medida em que o processo de inclusão/exclusão é uma questão de gênero, a qual está vinculada diretamente às normatizações sócio-históricas, muitas do senso comum<sup>4</sup>, e culturais<sup>5</sup> da sociedade, bem como à necessidade de desconstrução de representações e de valores de determinados grupos.

O *corpus* a ser analisado no âmbito qualitativo é decorrente de entrevistas orais semiestruturadas às mulheres operárias, soldadoras, da empresa Ecovix/Engevix Construções Oceânicas, atuantes no Polo Naval da cidade do Rio Grande. A escolha metodológica se justifica porque a ACD entende que a linguagem é uma prática social, portanto, o contexto em que os sujeitos estão inseridos é constituinte de seu discurso, assim como os constituem. Além disso, Soares (2007) complementa:

---

<sup>3</sup> O Governo Brasileiro, através do Ministério de Minas e Energia, em articulação com as entidades empresariais da indústria e operadoras de petróleo com atuação no Brasil, especialmente a Petrobras, lançou, em 19 de dezembro de 2003, através do decreto nº 4.925, o Prominp - Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural. O Programa foi criado com o objetivo de maximizar a participação da indústria nacional fornecedora de bens e serviços, em bases competitivas e sustentáveis, na implantação de projetos de investimentos do setor de petróleo e gás natural no Brasil e no exterior.

<sup>44</sup> Para Chauí (1999), senso comum são “certezas [...] transmitidas de geração em geração, e, muitas vezes, transformando-se em crenças religiosas, em doutrina inquestionável” (p. 247).

<sup>5</sup> Segundo Hall (1997), “a cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. [...] Ela é um elemento chave no modo como o ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modos mundiais” (p. 5).

[...] a ACD postula que os indivíduos realizam ações por meio da linguagem. Estas ações podem ser de reafirmação de ideologias circulantes ou de rejeição das mesmas já que são construídas nas interações entre os discursos e as estruturas sociais. O sujeito, então, através do seu discurso, reconfigura a realidade, intencionalmente ou não, e a reproduz. Dependendo da posição social ocupada pelo sujeito, tais realidades casuais podem se naturalizar e adquirir o status de verdade absoluta, criando uma hegemonia que favorece certos grupos em detrimento de outros. A ACD se propõe a identificar e relativizar realidades criadas discursivamente que funcionam como instrumento de poder e dominação de uns sobre os outros, viabilizando a possibilidade de resistência frente a esses discursos através da compreensão do funcionamento dos mesmos (p. 4).

Sob esta ótica, para desenvolver a ideia proposta, esta dissertação está estruturada em três capítulos, além da “Introdução” e das “Considerações Finais”. O primeiro, “A mulher e o trabalho: distintos lugares, mesmos enfrentamentos”, expõe as dificuldades da entrada das mulheres no trabalho produtivo, bem como recapitula alguns feitos sócio-históricos entre o recorte temporal, que vai do final do século XIX até o século XXI, ocorridos tanto nos grandes centros como no município que circunda a pesquisa. Nesta seção, também é apresentada a profissão soldador/a, pois se torna relevante entender este ofício e suas implicações. Para tanto, é fonte de subsídio a dissertação intitulada “Análise ergonômica do trabalho do soldador: contribuição para projeção ergonômica”, de Simone Antunes da Silva, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2003.

Tendo em vista que o objetivo do estudo é verificar a representação das mulheres soldadoras na dupla jornada, faz-se necessário um espaço dedicado a essa temática. Em “Mulheres soldadoras e donas de casa: a representação ressignificada”, são apresentadas as perspectivas de identidades em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2002) de Hall e em *Memória e identidade* (2012) de Candau. Nesta seção, é colocado o cotidiano das trabalhadoras com a intenção de discutir como se constitui a representação das mulheres – mães, esposas, donas de casa – soldadoras, com foco na dupla jornada de trabalho e no fato de que esta profissão é recente e ainda tem pouca visibilidade social. Para esta conversa, são trazidos a baila os artigos *Emprego, responsabilidades familiares e obstáculos sócio-culturais à igualdade de gênero na economia* (2010) de Hirata; *Espaço feminino no mercado produtivo*

(2012) de Matos e Borelli e *A construção do papel social da mulher na Primeira República* (s/d.) de Santos.

O segundo capítulo é dedicado ao diálogo com os teóricos que sustentam e tornam possível a pesquisa em um movimento interdisciplinar. Portanto, está subdividido em duas linhas teóricas: discurso e gênero. Em um primeiro momento, é fundamentada a Análise Crítica do Discurso e seus princípios embasados em *Discurso e mudança social* (2001), de Norman Fairclough, com intuito de que a possibilidade de entendimento de discurso e de análise fiquem explicitadas. No segmento, em “As mulheres e o gênero: uma questão a refletir”, é discutido, a partir da visão das autoras Joan Scott e Teresa de Lauretis, o conceito de gênero, sua abrangência e repercussões ideológicas.

No terceiro capítulo, “Procedimentos de Análise”, são apresentados os enquadres teóricos que sustentam a pesquisa. Além da perspectiva de Norman Fairclough (2001), há um diálogo com os autores Dominique Maingueneau (2008; 2010), Ruth Amossy (2011) e Kerbrat-Orecchioni (2006), tendo em vista que estes trazem importantes contribuições acerca de duas categorias da ACD selecionadas para análise, são elas: *o ethos* e a polidez. Neste capítulo, também é dedicado um espaço para o contexto, “Contextualização da pesquisa”, visto que, para a ACD, os fatos que cercam o *corpus*, também o constituem. Nessa contextualização, a perspectiva de gênero é imprescindível para a análise. Ainda, nesta seção, após as colocações acerca da metodologia, as análises são desenvolvidas, observando as categorias: vocabulário, intertextualidade, polidez e *ethos*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Nesta pesquisa, o termo “*ethos*” está padronizado de acordo com a grafia de Fairclough (2001).

## 1 AS MULHERES E O TRABALHO: distintos lugares, mesmos enfrentamentos



Neste capítulo, dentro do recorte temporal que abrange o final do século XIX até o século XXI, é feita uma explanação histórica das condições social e econômica vigentes, a qual retrata a rotina do trabalho feminino. Tal fato se faz importante porque o cotidiano apresenta as relações sociais entre o espaço público e o privado, o racional e o irracional, o informal e o institucional, de maneira a dar visibilidade às trabalhadoras operárias – soldadoras – na cidade do Rio Grande. Em outras palavras, a intenção é a de percorrer a caminhada das mulheres ao adentrarem no setor produtivo, levando em consideração principalmente o contexto municipal. A industrialização das fábricas, bem como os conflitos civis são fatores preponderantes para impulsionar o trabalho feminino e esse contexto é, por vezes, cenário dos acontecimentos aqui descritos.

Historicamente, o ideal de representação das mulheres e de suas funções está relacionado com os afazeres domésticos, com a maternidade e com o cuidado com a família em geral. Essa concepção provem do próprio corpo feminino e do fato de que as mulheres possuem atributos peculiares, culturalmente aprendidos. Entretanto, na visão de Stein (1999):

Só quem estiver ofuscado pela paixão da luta poderá negar o fato óbvio de que o corpo e a alma da mulher foram formados para uma finalidade específica [...] a mulher é destinada a ser companheira do homem e a mãe dos seres humanos. Para isso está preparado seu corpo, e a isso corresponde igualmente sua peculiaridade psíquica. A existência dessa peculiaridade psíquica é, outra vez, um fato evidente da experiência; [...] onde as forças são tão diferentes, deve haver também um tipo de alma diferente, apesar da natureza humana comum (p. 57).

A partir dessas ideias, a autora discorre sobre a possibilidade de que existem características inatas que distinguem homens de mulheres, justificando a subjetividade do ser feminino: as mulheres dão mais amor e atenção ao próximo ou à atividade que desenvolvem.

Essa visão essencialista contribui para a convenção de que as mulheres estão vinculadas às profissões referentes ao cuidado e à educação. Entretanto, as mulheres, informalmente, desde a Idade Média, vêm desempenhando várias funções, como a de lavadeira, engomadeira e passadeira, apesar de esses ofícios não serem bem remunerados e muito menos valorizados, como afirma Scott (1994):

[...] é evidente que a mulher trabalhadora já existia muito antes do advento do capitalismo industrial, ganhando o seu sustento como fiandeira, costureira, ourives, cervejeira, polidora de metais, fabricante de botões ou de rendas, ama, criada de lavoura ou criada doméstica nas cidades e no campo [...] (p. 443).

Além disso, nesse período, não lidam com as transações comerciais de grande vulto e tampouco participam de decisões, reafirmando o seu desprestígio civil. Essa atitude reforça a célebre máxima: aos homens, a razão; às mulheres, o coração. Esse estereótipo impede as mulheres de exercerem cargos públicos, uma vez que as vincula à falta de raciocínio e de inteligência, logo, estão fadadas a serem esposas e mães. Mesmo as mulheres tendo sua imagem ligada ao lar e aos afazeres domésticos, o título de “donas de casa” só lhes é entregue no início do século XIX, pois, até então, os homens é quem são “os donos de casa”, a qual é entendida como uma empresa, com as funções determinadas, estipuladas pelo sexo.

Na Idade Moderna, no período que precede a Revolução Industrial inglesa do século XIX, o trabalho feminino se expande, surgem as profissões como vendedoras ambulantes e, no setor produtivo, as mulheres laboram no ramo das sedas, das rendas, dos tecidos, mas também nas ferragens, nas olarias, com objetos de metais. Nessa mesma época, o êxodo rural impulsiona a inserção das mulheres nas indústrias, as quais, muitas vezes, recusam o trabalho feminino em virtude do preconceito, fazendo com que elas voltassem ao espaço doméstico (NOGUEIRA, 2004, p. 6-7).

A mão de obra feminina também não é aceita devido à necessidade de força física, fato que passa a desaparecer. As máquinas, em virtude do avanço tecnológico, dispensam a força muscular, o que intensifica a presença feminina no mundo produtivo, gerando dúvidas na sociedade sobre a possibilidade de as mulheres conciliarem, segundo Scott (1994), “lar e o trabalho, a maternidade e o salário, a feminilidade e o trabalho” (p. 444). No que se refere à emancipação feminina, é oportuno lembrar que as mulheres abastadas, as quais não

necessitam prover seu sustento, reivindicam a liberdade para o uso da razão, do pensamento crítico, e o direito à participação no mundo político e filosófico.

No final do século XIX, nos grandes centros do Brasil, como a cidade de São Paulo, as mulheres começam a fazer parte do contingente produtivo sob condições sub-humanas: turnos prolongados de até 14h e baixos salários, devido ao capitalismo emergente. No decorrer da história, as mulheres vêm enfrentando o preconceito, pois, aos olhos da sociedade, ao saírem do ambiente doméstico, elas burlam o ideal de “boa mulher e de boa esposa”: Quem cuidará da casa? Quem cuidará dos filhos?

Margareth Rago (2006) também discute essa questão. A autora salienta que, para muitos médicos higienistas da época, o trabalho fora do lar levaria à desagregação da família: “De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, [...] O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação de seu caráter?” (p. 587). Levando em consideração esses questionamentos e essas afirmações, a tentativa do trabalho feminino esbarrava nessa base social que tornou o homem, nas palavras de Scott (1994), um “trabalhador exemplar” (p. 443).

Esse processo de inserção do trabalho feminino é atravessado pela primeira Guerra Mundial. Na França, as jovens camponesas aos 14 anos são colocadas em casas de família para servirem de criadas ou encaminhadas à cidade para trabalharem em fábricas de seda. Essas indústrias são supervisionadas por religiosos, a fim de tranquilizar as mães dessas moças que, sem outra escolha, contam com seus ganhos para o sustento. Nem todas as moças se submetem a esse sistema de internato industrial e trilham novos caminhos: estudam e se instruem no intuito de se tornarem professoras ou trabalhadoras dos correios. Funções essas que distanciam as mulheres do ambiente doméstico e lhes possibilitam colocar em prática outras habilidades que não as ações repetitivas diárias que envolvem o balde, o pano e a vassoura.

No campo, as mulheres sem a presença de seus maridos passam a lavrar a terra e a gerir os negócios. Isso justifica o que Stein (1999) afirma: “não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher” (p. 61). Em tempos de guerra e desemprego, as mulheres urbanas têm na costura uma habilidade produtiva que lhes possibilita contribuir com o orçamento da casa e, muitas vezes, essa atividade é a única fonte de renda familiar. Perrot (2010) destaca a esse respeito: “E num congresso operário de 1867, um congressista declara: ‘Para o homem, a

madeira e o metal. Para a mulher, a família e os tecidos” (p. 187). O sonho dessas costureiras é possuir uma das recém-lançadas máquinas de costura Singer para dinamizar a atividade. Com a aquisição do produto podem fazer alguma peça de vestuário para as senhoras da burguesia, a fim de garantir o jantar da família, por exemplo.

No início do século XX, essa nova realidade também figura na cidade do Rio Grande, município gaúcho em importante fase de desenvolvimento por contar com um porto marítimo responsável por alto número de importações e exportações. Ademais, a cidade conta com um complexo industriário, como as Companhias de tecelagem Ítalo-Brasileira e Rheingantz e as alimentícias como a Companhia Swift e a Sociedade Comercial e Industrial Rio-Grandense, que alavancou a estagnada economia. Em decorrência disso, Rio Grande não muda apenas economicamente, mas sua população também, a qual, além de duplicar em um curto período, abarca alemães, italianos, franceses e portugueses. Tais influências se manifestam também na urbanização que recebe ares europeus.

Com tantas indústrias, a mão de obra se faz necessária, assim, o trabalhador sem qualificação passa a exercer o trabalho produtivo para alavancar a economia da cidade e prover seu sustento e o de sua família. Afinal, essa é a representação de sociedade, patriarcal, vigente em que às mulheres burguesas caberiam os afazeres referentes à casa, à maternidade e à educação dos filhos, como ilustra Santos (s/d.) a esse respeito:

No imaginário do século XIX e XX, o sexo feminino estava à mercê de seu aparelho reprodutivo, que, segundo se acreditava, tornava seu comportamento emocional errático e imprevisível. Nesse momento, a imagem construída para a mulher destacava a sua fragilidade física, da qual decorriam sua delicadeza e debilidade moral (s/p.).

Apesar de o município estar em uma fase crescente economicamente, essa prosperidade é absorvida por poucos, ou seja, pelos donos das indústrias e dos vários comércios de menor porte espalhados pelos bairros rio-grandinos. Enquanto isso, a maior parte da população sofre com a falta de infraestrutura urbana e o baixo poder aquisitivo.

Nessa nova configuração da província, o modelo ideal de família, principalmente, nas camadas populares também muda, possibilitando a inserção das mulheres no mercado de trabalho. As mulheres começam a exercer uma atividade remunerada e a viver em outro ambiente que não o doméstico. Mas que ambiente é este? Quais atividades exercem?

Às mulheres operárias têm, agora, a possibilidade do trabalho, sim, porém as atividades destinadas a elas ainda as remetem aos afazeres do lar: costura nas indústrias têxteis e domésticas no trato com os alimentos e o pescado, conforme destaca Torres (2009):

Para um período tão recuado no tempo em que o espaço da rua no Brasil ainda é majoritário para os homens, em Rio Grande enquanto cidade em expansão industrial, constata-se uma significativa presença do gênero feminino na classe operária. A indústria de tecelagem é o grande fator desta significativa participação. Os dados para o ano de 1919 trazem os seguintes indicadores: na Companhia União Fabril havia 1.024 operários, sendo 370 homens e 71 meninas, com idade entre 12 a 70 anos, e 444 mulheres e 139 meninas, com idade entre 12 a 60 anos; Fábrica de Tecelagem Ítalo-Brasileira, com 600 operários, sendo 150 homens entre 20 e 50 anos e 450 mulheres entre 15 e 40 anos (salários diários em média dos homens 6\$500 e das mulheres 5\$000); Companhia Swift do Brasil, com 944 operários, sendo 896 homens com 27 anos em média e 48 mulheres com 22 anos em média; Leal Santos & C. empregava 300 operários, sendo 200 homens entre 20 e 40 anos e 100 mulheres entre 18 e 30 anos [...] (p. 82).

Os dados do historiador comprovam que, nas indústrias têxteis, o número de mulheres é mais representativo do que o de homens, o que não ocorre na indústria alimentícia, na qual as mulheres são a minoria. A distinção salarial também consta em seu relatório, o qual mostra que as mulheres ganham menos, apesar de exercerem a mesma atividade. Outro fato que Torres coloca é o do uso da mão de obra de crianças e adolescentes. Tal prática se justifica tendo em vista o baixo custo para o empregador e o alento para os pais que têm a certeza de que seus filhos e filhas aprenderiam um ofício. Em muitos casos, assim como em Rio Grande, as fábricas, principalmente, as têxteis promulgam uma imagem paternalista. A indústria Rheingantz oferece um complexo que, além de casas para seus operários, conta com uma escola, ambulatório médico, armazém, biblioteca e um clube “União Fabril”, enfim, uma Vila Operária. Marx (2008) vê essa força de trabalho como uma mercadoria, a qual deve ser paga, comprada diariamente e substituída:

Os donos da força de trabalho são mortais: a fim de que ela se encontre sempre no mercado, como o reclama a transformação contínua de dinheiro em capital, é necessário que se perpetuem, que reproduzam em quantidade igual, pelo menos, a quantidade de força de trabalho que o cansaço e a morte subtraem. A soma dos meios de subsistência necessários para a produção da força de trabalho compreende, pois, os meios de subsistência dos substitutos, isto é dos filhos dos trabalhadores (p. 80-1).

Essa estrutura é oferecida para que os operários se sintam protegidos e agraciados pelo dono da empresa. Ao mesmo tempo, essa é uma maneira inteligente de controlar e arrebanhar as famílias para as fábricas. Contrariando a perspectiva da divisão sexual do trabalho<sup>7</sup>, como se pode perceber em Torres (2009), em alguns setores, a maioria é de mulheres. Essas operárias, ao saírem do ambiente domiciliar, são vistas como transgressoras da ordem social e como mães e esposas relapsas ao assumirem a dupla jornada de trabalho, além de serem subjugadas, visto que o ambiente fabril é tido como hostil e insalubre. Nas palavras de Santos (s/d.), “o espaço onde a mulher, frágil e indefesa, corre o risco de corromper-se” (p. 1).

As operárias rio-grandinas que não estão nas indústrias têxteis, trabalham em alguma das muitas fábricas de peixe da cidade, a qual dispõe desse setor por ser banhada pela Lagoa dos Patos e Oceano Atlântico. Essa privilegiada localização ajuda a alavancar a captura, o beneficiamento e a negociação do produto, exigindo um maior número de trabalhadores, os quais têm suas funções bem distintas, os cargos de chefia e de captura são direcionados aos homens, às mulheres, resta-lhes o serviço relacionado com a limpeza e o preparo do alimento.

Esse cenário de efervescência econômica admite e incentiva a entrada das mulheres no mercado produtivo. No entanto, à custa de um alto preço: poucas condições de trabalho, baixos salários e preconceito por parte da sociedade, como ilustra o periódico *A Luta* (15/12/1906, p. 2, apud BILHÃO s/d.) a respeito de uma fábrica na capital gaúcha:

Na fábrica Companhia Fabril Portoalegrense três quartos dos empregados eram mulheres, trabalhando por baixos salários, em condições insalubres. Em relação a essa indústria, *A Luta* denunciou o fato de que, algumas vezes, o preço das agulhas era deduzido do já minguado salário das operárias. Além disso, a disciplina era extremamente rígida, as multas e confiscos por faltas como atrasos, conversas durante o trabalho, ler ou subir as escadas de tamancos, variavam entre 100 e 500 mil réis, o que representava de um a cinco meses de salário da operária (p. 1).

---

<sup>7</sup> Segundo Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho “[...] é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). Sobre essa definição, todo mundo, ou quase, está de acordo. Contudo, do nosso ponto de vista, era necessário ir mais longe no plano conceitual. Por isso, propusemos distinguir claramente os princípios da divisão sexual do trabalho e suas modalidades. Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)” (p. 599).

A descrição denota que o sistema industriário tem um regimento interno altamente disciplinar e abrangente. Este dita todo tipo de regras, do cumprimento do horário até o que vestir, além de aplicar multas por faltas, baixa produção, deterioração de máquinas, brigas, etc., disciplinando não só o trabalho, mas o corpo da/o operária/o, seus gestos e comportamento. Kuenzer, em *A pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador* (2002), define tal processo: “Este não é um trabalhador qualquer; é um homem que, ao vender sua força de trabalho, se transforma em fator de produção, perdendo, junto com o controle do processo e do produto do trabalho, o controle sobre si mesmo” (p. 12). O autor em sua obra atenta para a educação do trabalhador na fábrica, a qual ainda que dissimuladamente impõe um verdadeiro processo pedagógico com o objetivo da educação técnica e política, determinada pelos interesses capitalistas.

Para “educar” e vigiar a classe operária, existe o contramestre, cargo mais elevado que dispõe de algumas regalias, como um pagamento melhor e até moradia de acordo com a arquitetura de sua nacionalidade, como é o caso da Companhia Rheingantz<sup>8</sup> que traz contramestres alemães, proporcionando-lhes morar em casas com arquitetura alemã. Essas vantagens existem porque o patronato entende que esses imigrantes têm mais experiência para comandar e gerir o trabalho. Esses vigilantes, ao desempenharem suas funções, têm as relações com a classe operária estremecidas, devido ao não cumprimento das regras. Segundo Perrot (2010, p. 70), esse estreito relacionamento nas indústrias se agrava com as operárias que constantemente protestam contra as intimidades e exigências sexuais dos contramestres, denunciando a exploração sexual e o abuso de poder<sup>9</sup>.

A desequiparação salarial entre mulheres e homens é outro fator que contribui para o não reconhecimento do trabalho feminino. Ainda que desempenhando a mesma função, as operárias ganham cerca de 30% a menos do que os homens. Torres (2009) evidencia a porcentagem:

---

<sup>8</sup> Conforme dados do historiador Martins (2006), “A fábrica Rheingantz, fundada em 1873, marca o início da industrialização na cidade do Rio Grande. [...] foi idealizada pelo comerciante Carlos Rheingantz, juntamente com o alemão Herman Vater [...]. Instalada em um terreno cedido pela municipalidade de 143.000m<sup>2</sup>, e com área coberta de 43.000m<sup>2</sup>, a empresa logo se tornou um ícone de referência para o município, visto que empregava uma parcela significativa da população ativa que residia na cidade [...]. Em 1966, a fábrica diminuiu drasticamente a produção, devido à crise econômica, sendo, posteriormente, vendida” (p. 106-8).

<sup>9</sup> Para Fairclough (2001), o poder é um fenômeno social e ideológico que surge das relações hegemônicas. Para o autor, “hegemonia é tanto liderança quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico” (p. 122).

[...] com salários diários médios para homens de 6\$000 e para mulheres 1\$400; Companhia de Charutos Pooock, empregando 200 operários, sendo 60 homens e 140 mulheres, com salários diários entre 3\$000 e 15\$000; Llopert & C., empregando 120 operários, sendo 65 homens com idade de 12 a 50 anos e 55 mulheres entre 12 e 50 anos (p. 82).

Nas primeiras décadas do século XX, acontecem muitos movimentos grevistas no país e na cidade gaúcha em prol de condições melhores de trabalho e de salários mais justos. Desses movimentos, surgem muitos sindicatos que, por meio de seus representantes, lutam a favor da classe operária. As notícias referentes a esses movimentos e sindicatos pouco ou quase nada falam sobre as mulheres, como se estas não tivessem direitos. O fato, por exemplo, das operárias ganharem menos do que os homens é aceitável e não causa estranheza.

No entanto, as mulheres participam ainda que discretamente de algumas dessas reuniões, ocupando o cargo de secretária na feitura das atas. Sem direitos e com muitos deveres, iniciam-se os movimentos feministas, os quais logram grandes feitos em benefício a essa classe excluída da vida pública: em 1907, em São Paulo, há a greve das costureiras no pleito pela jornada de 8h de trabalho. Em 1917, as mulheres começam a ser admitidas no serviço público e, em 1934, conquistam legalmente o direito ao voto.

Infelizmente, nesses conturbados embates entre governo e classe operária, o desfecho nem sempre é tranquilo. O primeiro de maio de 1950, na cidade de Rio Grande, é conhecido como o “Massacre da Linha do Parque”. Nesse episódio, após um almoço comemorativo ao dia, os operários decidem fazer uma caminhada até a sede da Sociedade União Operária (SUO), que se encontra fechada por ordem do Ministro da Justiça. Nas imediações do campo do Esporte Clube General Osório, a manifestação é interceptada pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que exige a sua dispersão. A partir daí, começa uma briga generalizada que acaba com três mortes, contando-se entre as vítimas, Angelina Gonçalves, morta a tiros pela polícia. A tecelã fica conhecida como heroína, conforme relato da *Gazeta Sindical* apud Segundo (s/d.):

Entre as cenas de heroísmo e de firmeza proletária cumpre destacar a da morte da tecelã Angelina Gonçalves. Ia ela com um grupo de senhoritas que acompanhavam a Bandeira Nacional. À certa altura, os policiais tentaram arrebatar a bandeira da menina que a carregava. Angelina, porém, não podia deixar que a Bandeira passasse das mãos honradas que a transportavam, para as mãos assassinas dos policiais. Adiantou-se, pois, e em luta com os tiras conseguiu retomar a bandeira. Foi neste instante, quando defendia o Pavilhão Nacional com o próprio corpo, que Angelina foi fuzilada friamente

por Gonçalo Gonçalves, tombando morta, envolta na bandeira que defendeu com sua própria vida (p. 1359).

Da mesma forma que Angelina Gonçalves, outras mulheres também devem ter sido mortas nas lutas pela igualdade civil e profissional, visto que suas reivindicações vêm de longa data<sup>10</sup>. Essas mulheres precursoras dos movimentos feministas lutam por seus ideais na certeza de que saia, salto alto e batom não são empecilhos para produzirem e alcançarem seus objetivos profissionais, sem deixarem de ser mães, esposas e donas de casa.

Essas manifestações que se iniciam são fundamentais para a reestruturação do sistema produtivo e para o ingresso das mulheres no cenário político, a fim de reivindicarem seus direitos. A partir de 1960, com o movimento feminista conhecido como o da segunda onda e com a chance do controle de natalidade, as mulheres passam a investir mais na carreira profissional. A partir dessa época, elas desenvolvem outras atividades que não as relacionadas ao setor doméstico, as indústrias farmacêutica e eletrônica se tornam novos desafios.

Uma das bandeiras que essas militantes levantam é a de que os homens também assumissem o trabalho doméstico, assim, isso passa a ser questionado e, dentre suas prioridades, as mulheres incluem, conforme destaca Pedro (2012), que:

[...] o Estado criasse creches nas quais as crianças pudessem ficar enquanto elas e eles iam para o trabalho; lavanderias coletivas, onde pudessem lavar e secar rapidamente as roupas da família; restaurantes populares para não precisarem fazer almoço e janta em casa todos os dias (p. 250-51).

Segundo a autora, e os próprios fatos, essas metas ainda hoje, no século XXI, não são realizadas a contento. Poucas mulheres têm a possibilidade de dividir o trabalho doméstico com o marido ou companheiro e os recursos públicos não são investidos para oferecer essas facilidades. Sendo assim, a dupla jornada continua sendo um grande peso para as brasileiras.

Nas décadas de setenta e oitenta, as mulheres participam ativamente das manifestações políticas, ainda que sob preconceito e discriminação acerca de suas reivindicações. Entretanto, mesmo nessas condições, Matos e Borelli (2012) ilustram que:

as sindicalistas conseguiram abrir alguns espaços políticos como a criação da Comissão da Questão da mulher Trabalhadora na CUT (1986), que se

---

<sup>10</sup> “Em 1791, por exemplo, a revolucionária Olímpia de Gouges compôs uma célebre declaração, proclamando que a mulher possuía direitos naturais idênticos aos dos homens e que, por essa razão, tinha o direito de participar, direta ou indiretamente, da formulação das leis e da política em geral” Cancian (2008, s/p.).

propunha discutir, além das condições de trabalho e da militância sindical, o cotidiano feminino e as práticas familiares (p. 144-45).

Nos anos noventa, as mulheres têm grande representatividade nas universidades nos mais variados cursos: Engenharias, Arquitetura, Medicina e Direito. É neste último campo que obtêm o maior número de cargos, além da atuação liberal.

No século XXI, as mulheres continuam ocupando novos espaços, como acontece com as soldadoras. Essa chance não ocorre repentinamente, é um processo que vem de longa data, influenciado por uma série de fatores, tais como os discutidos anteriormente. Entretanto, as mulheres com seus empregos cheios de responsabilidade ainda fazem todo o trabalho não remunerado que faziam antes. A reflexão proposta até aqui destaca algumas passagens sócio-históricas, as quais subjazem as conquistas femininas, principalmente, na cidade de Rio Grande, dentre estas, a possibilidade de uma nova profissão.

### 1.1 A PROFISSÃO DE SOLDADOR/A

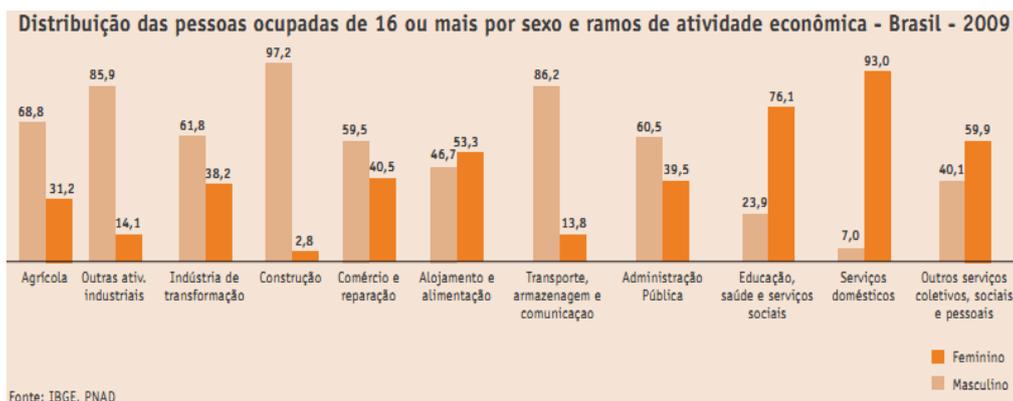
Segundo Nogueira (2004, p. 67), a força de trabalho feminina no Brasil sofre um acentuado crescimento na década de 1990, o que se denomina “feminização do trabalho”. Isso se dá em virtude da ampliação do próprio conceito de trabalho adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Este passou, desde 1992, a incluir atividades para o autoconsumo, a produção familiar e outras até então não consideradas trabalho. [...] “O novo conceito de trabalho inclui: a) ocupações remuneradas em dinheiro, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, etc.), na produção de bens ou serviços; b) ocupações remuneradas em dinheiro ou benefícios no serviço doméstico; c) ocupações sem remuneração na produção de bens e serviços, desenvolvidas pelo menos uma hora na semana, em ajuda a membro da unidade familiar, conta-própria ou empregador; em ajuda a instituição religiosa, beneficente ou cooperativismo; como aprendiz ou estagiário; d) ocupações desenvolvidas pelo menos uma hora por semana na produção de bens e nas construções de edificações e bem feitorias para o uso próprio ou de pelo menos um membro da família (BRUSCHINI; LOMBARDI s/d.).

Nogueira (2004) coloca, a partir desse entendimento, que a participação das mulheres no mundo do trabalho aumenta nos setores químico, farmacêutico, cosmético, plástico e metalúrgico. A autora discorre sobre o processo de emancipação das mulheres e pontua que

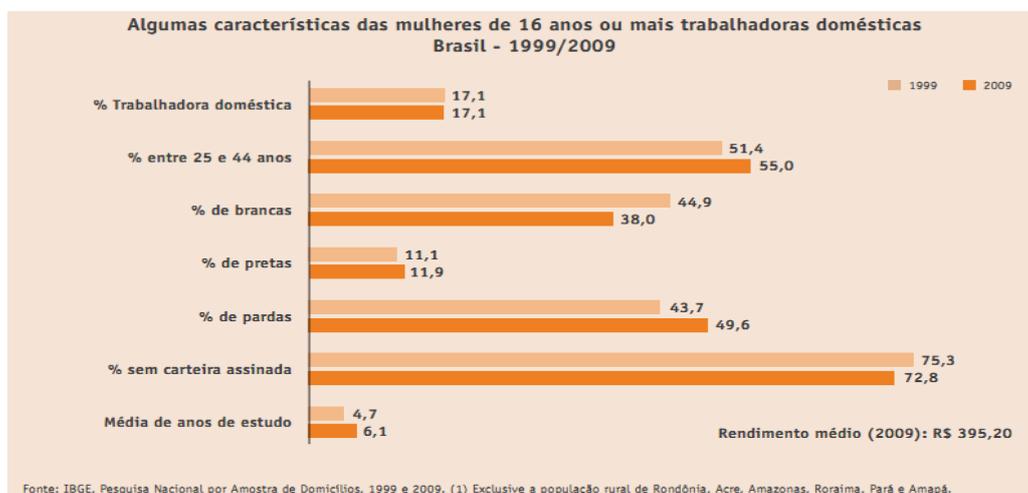
estas laboram em atividades precárias e com baixa remuneração. Entretanto, essa desigualdade ainda prevalece como mostram os dados do Relatório Anual 2010/2011 Trabalho e Gênero:

**Gráfico 2**



Na maioria dos setores, como da indústria, administração pública e comércio a presença feminina não ultrapassa os 50%. Em muitos destes, os números não chegam nem perto disso. Em contrapartida, esse índice se inverte nas ocupações referentes à educação, serviços domésticos, pessoais e sociais. Os dados do instituto também traçam um perfil das trabalhadoras que desempenham os serviços domésticos, ou seja, do setor com maior representatividade feminina, com índice de 93%:

**Gráfico 3**



O gráfico revela o perfil sócio econômico dessas mulheres: sem qualificação; sem carteira assinada e com baixos salários. O gráfico 3 mostra ainda que, passada uma década, os números de trabalhadoras com tais características se equivalem havendo uma pequena oscilação em alguns casos. No entanto, o gráfico 2, referente às ocupações, evidencia que as mulheres são flexíveis na reestruturação produtiva e, portanto, dispostas a mudanças. Devido a essa flexibilidade e vontade de mudar, tornam-se também soldadoras.

Até o século XX, a profissão de soldador é percebida como algo mágico e científico. Durante muito tempo, a profissão é mantida em segredo e passa de pai para filho. Unir elementos por meio do aquecimento intriga e surpreende aqueles que não têm tal conhecimento. Esse sigilo acerca da arte propicia, principalmente, em tempos decadentes economicamente, que tais profissionais conseguissem algum *status* e, com isso, lucrassem um pouco mais e mantivessem seus vínculos empregatícios. Mesmo com a industrialização, esse trabalho manual não se torna obsoleto, reafirmando a importância do recurso humano nesse setor.

Teoricamente, a soldagem, segundo Magrini (1999), é a “técnica de reunir duas ou mais partes que passam a construir um todo, assegurando continuidade do material, assim como suas características mecânicas e químicas” (p. 20). Existem mais de cem processos de soldagem reconhecidos. Estes são divididos em treze grupos, os quais são utilizados para vários fins, como a solda MIG/MAG<sup>11</sup>, desempenhada pelas trabalhadoras, cujos discursos são analisados nesta dissertação.

Todos esses processos de soldagem envolvem energia, contato com gases e exposição aos raios ultravioletas. O ofício apresenta riscos frequentes para a trabalhadora e para o trabalhador, tais como queimaduras e choques, além dos malefícios causados à saúde pela inalação de gases e pelo contato com outros elementos, como o níquel, o zinco, o cobre e o manganês. A esse respeito, podem ocorrer efeitos colaterais, que variam desde uma simples febre ou dor de garganta, até problemas no sistema nervoso central ou enfisema pulmonar. É importante salientar que o descarte desses resíduos, mesmo acumulados com outros, não

---

<sup>11</sup> O processo MIG/MAG (Metal Inerte Gas/Metal Active Gas), GMAW (Gas Metal Arc Welding), conforme Barra (2013), “é um processo de soldagem, por fusão, caracterizado pela abertura e manutenção do arco elétrico entre o metal de base (poça de fusão quando em regime) e o metal de adição (arame maciço alimentado continuamente). Como o arame/eletrodo não apresenta revestimento (comum no processo Eletrodo Revestido) torna-se necessário a inserção de uma proteção gasosa (inerte "MIG" ou ativa "MAG"), externa, suprida com pressão e vazão adequadas. Tal inserção é justificada na necessidade de, ao mesmo tempo, viabilizar a proteção da gota metálica e da poça de fusão contra a atmosfera vizinha ao arco voltaico e, além disso, auxiliar na formação e manutenção do arco elétrico” (s/p.).

chega a afetar a população. Entretanto, não se pode esquecer de que o processo por consumir energia gera impacto ambiental, por isso, já se buscam alternativas sustentáveis para a fabricação de materiais que dependem da solda.

Outras implicações que envolvem a profissão estão relacionadas ao físico e ao corpo da trabalhadora e do trabalhador. Isto é o que mostra a Soldadora F acerca de um dos ambientes profissional:

Espaço confinado são é espaços menores pequenos de pouco de difícil acesso onde o soldador entra lá pra dentro mas o técnico de segurança fica em volta é aí fica o vigia cuidando entra as mangueiras de ar pra gente não poder ficar sufocado lá dentro na hora da gente soldar né tem todo um cuidado uma segurança pra o soldador trabalhar com segurança lá dentro e em altura também trabalhar em altura tem os andaimes [...] Ah é época de calor né o espaço muito apertado tem que tá te contorcendo (SOLDADORA F, RELATO ORAL, ANEXO 6, p. 154, 2013).

Devido aos processos de soldagem se darem de forma estática, a/o profissional tem de permanecer por muito tempo em uma determinada posição, realizando várias vezes os mesmos movimentos. Com isso, são comuns as ocorrências de Lesões por Esforço Repetitivo (LER). Cerca de 40% das doenças ocupacionais do Rio Grande do Sul estão relacionadas com as/os profissionais da solda, conforme dados levantados por Silva (2003).

Problemas musculoesqueléticos estão presentes em grande número na classe. Estes são ocasionados pela excessiva permanência em uma mesma posição, afastando centenas de soldadoras/es de seus postos. No depoimento de uma das entrevistadas, ela conta como estão seus joelhos em virtude da postura imposta pelo trabalho: “Tão, tão pretos de tá ajoelhada mas a gente tem que trabalhar e quer trabalhar né” (SOLDADORA B, RELATO ORAL, ANEXO 2, p. 135, 2013). Dentre as posições de trabalho, existe uma que merece destaque devido ao seu grau de extenuação: a soldagem sobre-cabeça, atividade em que a/o profissional tem de executar sua tarefa com os braços erguidos acima da cabeça, demandando uma sobrecarga para os ombros, agravada pelo peso do equipamento de soldagem. Esse processo ocorre tanto na produção como na reparação dos estaleiros e navios. A/o profissional depende da força para lidar com os equipamentos, como destaca a Soldadora B:

Ah a gente tem ah o rolo de arame tem 15 quilo, a máquina não sei quantos quilos tem, mas é pesada também e a gente bota o rolo de arame dentro da máquina aí a gente bota a tocha aí a gente bota cabo e puxa tudo né até o local de serviço e às vezes a gente muda dum lugar pro outro tá toda hora

mudando que acabou aquela solda tem a solda mais na frente tem solda em outra peça e lá vai a gente com máquina com tocha com tudo (RELATO ORAL, ANEXO 2, p. 133, 2013).

A respeito da periculosidade, a Soldadora B complementa “a gente tem que usar óculos escuro pra soldar com robô porque ele vai queimando né a gente a radiação faz a gente ir queimando o rosto quem é clara mesmo se não é um protetor solar bem forte fica sai de lá um pimentão, bem vermelhona” (RELATO ORAL, ANEXO 2, p. 134, 2013). Para tentar diminuir todas essas possibilidades de acidentes e lesões, as/os profissionais têm de usar os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), que contam com a máscara de soldagem, luvas, avental de couro, sapatos de segurança, auriculares e óculos: uma espécie de armadura que tenta minimizar e evitar os prejuízos para soldadoras e soldadores. Silva (2003), em sua pesquisa, salienta que tais equipamentos, por vezes, geram desconforto: a máscara utilizada dificulta a respiração, além de as luvas e o avental não serem ajustados ao tamanho da/o profissional.

A partir dessas considerações, delinea-se a profissão de soldadora/soldador, a qual tem extrema importância, visto que garante que materiais não se rompam. No entanto, esta também é caracterizada por fatores negativos, como trabalho físico pesado e repetitivo, o qual exige preparo do corpo e uma capacidade para executar a atividade.

Essas exigências facilitam a compreensão do porquê de as empresas não pensarem, há quatro anos, em admitir mulheres: tidas como o sexo frágil não se submetem a essas condições por incapacidade física. Porém, durante a segunda Guerra Mundial, por um curto período, existem registros de que as mulheres desempenhavam a atividade de soldadoras em arco<sup>12</sup> na França, nos Estados Unidos e no Canadá. Após o término da guerra, elas são mandadas embora para suas casas e para seus fogões e retornam a essa profissão muitos anos depois.

No século XXI, o mercado para a/o profissional de solda é diversificado, esta/e pode atuar na montagem de estruturas metálicas em áreas como a indústria de automóvel, mineração e na construção naval. Na cidade de Rio Grande, desde 2007, com a construção da Plataforma de Petróleo – P-53 – para a Petrobras, a mão de obra dessa/e profissional é cada vez mais necessária, sendo prevista para 2014 cerca de mil vagas somente nesse setor. Para

---

<sup>12</sup> Segundo Silveira (s/d.), “A soldagem de peças de aço por arco submerso é um dos processos mais tradicionalmente usados na fabricação de componentes estruturais. Teve início em 1935 e, mais adiante, foi usado na fabricação de tubos e navios” (p. 1).

dar conta dessa falta de mão de obra, além de receber trabalhadores de todo país, as mulheres também entram nesse mercado, até então, plenamente masculino.

A fim de qualificar essas/esses trabalhadoras/es, instituições rio-grandinas e as próprias empresas navais investem na capacitação das/os profissionais. Na cidade, existem cursos particulares de solda parceiros das empresas, possibilitando que a/o aluna/o, após sua capacitação, já saia empregada/o. O governo do estado também está articulado para contribuir com essa capacitação, o resultado desse comprometimento pode ser visto na matéria de Ziebell (2011):

Maria Cristiani dos Santos Costa, 29 anos, também do Rio Grande, trabalhava como balconista, se sentiu atraída pelo trabalho na área naval, ‘que é promissora’, e pelo serviço de solda. Fez um curso de soldagem Eletrodo e buscou uma vaga na Quip. Precisava aprimorar seu conhecimento no serviço e foi encaminhada à escolinha de solda, onde a preparação é mais direta. Nela disse ter aprendido a regulagem da máquina, o tipo de material utilizado e de solda a ser feito. **‘Aprendi a conhecer a solda’**. Contratada em fevereiro deste ano, ela já está na frente de trabalho da retroárea do dique seco, onde são complementadas estruturas para a P-55, e quer passar a atuar na montagem da plataforma dentro do dique. **‘Fiquei contente por a empresa ter acreditado em minha capacidade e me dado essa oportunidade’** (p. 1 grifos do autor).

Dercy Anchieta de Souza (2010), presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Rio Grande, conta em entrevista: “Há quatro anos, não se encontravam mulheres trabalhando no Polo Naval” (p. 1). Essa afirmação leva a alguns questionamentos: o que será que despertou essa mudança de ambiente de trabalho feminino, o qual, até então, restringe-se a setores de limpeza e administrativo nas indústrias? Salários? Igualdade? Satisfação? Essas perguntas surgem porque diferentemente do século XIX e início do XX, as mulheres têm mais opções profissionais e o atual momento econômico da cidade de Rio Grande oferece oportunidades em serviços menos insalubres e que envolvem menos riscos.

Em entrevista concedida ao jornal *Zero Hora*, o engenheiro e vice-presidente do Estaleiro Engevix/Ecovix, Ivo Dworschak (2011), pondera:

O Porto de Rio Grande tem buscado mulheres para desenvolver uma função até então considerada masculina: soldadores. A atitude foi motivada pela falta de mão-de-obra no setor, mas mostrou-se [...] uma estratégia essencial. As mulheres, segundo o engenheiro, são excelentes artistas, além de serem mais sensíveis e acabam executando melhor o trabalho. Até 2012 a empresa

pretende ter cinco mil funcionários. Ele acredita que pelo menos 30% desses serão mulheres (s/p.).

Nessa perspectiva, é inquestionável que as mulheres podem desempenhar as mesmas funções que os homens e competirem por uma vaga de trabalho, ao desempenhá-lo da melhor forma como salienta Dworschak. Entretanto, o vice-presidente atribui às mulheres a característica “sensível”. Nos estudos sobre os processos de soldagem para a realização desta pesquisa, tal atributo não foi categorizado, o que mostra que, na falta de argumentos, o presidente se utilizou de características atribuídas às mulheres culturalmente e afirma que são excelentes artistas, idealizando uma profissão que não requer criatividade, condição para a arte.

No imaginário social, a representação de um soldador é a masculina, pois toda a indumentária e os riscos da profissão afastam a representação das mulheres, tidas como frágeis e sensíveis. O trabalho envolve outros fatores que se distanciam das exemplares donas de casa, como a deselegância e a sujeira da vestimenta de trabalho e do próprio corpo, contrariando os enquadres femininos.

Acerca dessa temática, em 1983, é lançado o filme estadunidense “Flashdance”, o qual conta a história de uma moça de 18 anos que é soldadora na cidade de Pittsburgh durante o dia e dançarina em uma boate à noite. A protagonista é uma jovem com traços delicados e corpo escultural escondido em trajes masculinos que sonha ser aluna do Conservatório Pittsburgh de Dança. Na empresa em que trabalha, é a única mulher e parece não enfrentar problemas por isso, pois com o uso da máscara de solda e das roupas largas se torna uma mulher invisível, sem despertar desejos masculinos. Tanto é assim que o dono da empresa quando vai até a boate em que ela dança, apaixona-se por ela sem nunca imaginar que aquela mulher linda e sexy trabalha para ele como soldadora. O filme desconstrói os estereótipos tanto da mulher ideal – dedicada à casa e à família –, quanto o da profissão de soldador – entendida como exclusivamente masculina. Ainda no que tange os Estados Unidos, é importante ressaltar que, atualmente, as soldadoras equivalem a 5% dos profissionais do ramo e, diferentemente do que acontece no Brasil, ganham 30% a menos do que os homens. No Brasil, não há distinção salarial.

Mesmo sem o *glamour* de Hollywood, as operárias/soldadoras rio-grandinas soldam e transformam suas vidas, igualmente às operárias/costureiras da Rheingantz. Este movimento das mulheres incluídas no referido mercado de trabalho adquire percepções ideológicas, visto

que o processo de inclusão/exclusão é uma questão de gênero, que está vinculada diretamente às normatizações sócio-históricas e culturais da sociedade, bem como à necessidade de desconstrução de representações e de valores de determinados grupos. Tais aspectos se tornam mais aparentes à medida que as práticas discursivas das próprias soldadoras são analisadas. Por meio de seus enunciados, tornam nítidas suas ideologias e a sua representação, o que, para Fairclough (2001), “é a construção das realidades sociais e do ‘eu’” (p. 174).

## 1.2 MULHERES SOLDADORAS E DONAS DE CASA: a representação resignificada



*É o caráter repetitivo da vida cotidiana, as crenças, as aspirações, as representações da realidade e a ideologia que configuram a identidade feminina, e é através dela que se reproduz o modelo de feminilidade, definidor do que é e do que deve ser a mulher para o sistema dominante, constituindo um verdadeiro controle para a mulher (COSTA, 1998, p. 205).*

No intuito de buscar a representação das mulheres soldadoras da cidade do Rio Grande que trabalham no Polo Naval, a partir do discurso das informantes, segundo os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), faz-se necessário refletir acerca do próprio conceito de identidade e de como esta se constrói e se metamorfoseia, visto que a identidade do sujeito não é única, nem estanque e sim fragmentada, dinâmica e construída historicamente. Tal pensamento comunga com a possibilidade de mudança proposta pela ACD, pois se propõe a desestabilizar o que é naturalizado. As mulheres podem ser mães, filhas, mas também chefes de famílias, provedoras do lar, circulando entre diferentes espaços.

Importa saber que identidade é um processo produzido continuamente. O sujeito é histórico e ideológico, o meio e as relações sociais são responsáveis por sua constituição e por sua representação, conforme Hall (2002),

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado

sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está “sempre” “sendo formada” (p. 38, grifos do autor).

Dentro do ideário histórico, as mulheres são relacionadas com os afazeres domésticos, à maternidade, bem como à feminilidade. Essa é a representação que rodeia e assombra as mulheres até o século XXI, ainda que muitas mulheres desde sempre dessem conta da dupla jornada de trabalho, contrariando tal ideologia<sup>13</sup>.

Essas ideias convivem no imaginário social e criam representações à medida que tais atitudes, as vestimentas, os acessórios e o próprio corpo são associados a um estilo de vida: se são gordas, são vistas como preguiçosas e relaxadas, se são musculosas, só exercitam o físico e não a mente. No que se refere aos homens, essas equações também parecem ser verdadeiras, pois se são vaidosos, a virilidade deles pode ser questionada.

Tais associações preconceituosas também vigoram na cidade de Rio grande. A sociedade rio-grandina, cenário deste estudo, ainda não se acostumou com o visual das mulheres soldadoras que trabalham no Polo Naval. O relato de uma colaboradora da pesquisa, a qual, inclusive, chorou em seu depoimento, mostra que há preconceito com as mulheres soldadoras devido ao fato de que suas vestes e seu trabalho não condizem com os estereótipos das representações femininas, segundo a transcrição:

eu tive que vim cadastrar meu dedo não ri que eu vou contar que era é o meu ponto que a gente bate o ponto pela digital eu vim da oficina muito suja a gente tinha chegado chego e não tinha solda eu tava no visual e é o visual que suja mais a gente com a poeira do esmeril e eu vim aqui eu fui num lugar pra cadastrar a minha digital e a moça ficou e olhando com cara de nojo aí eu peguei e disse pra ela que ela melhorasse o rosto dela ao me olhar porque era eu que pagava o salário dela se eu não produzisse ela não ia receber tá certo então que ela se situasse no lugar dela porque que ela fez um rosto pra mim como se tivesse olhando algo nojento e eu me senti com aquilo toda vez que a gente que eu lembro do rosto dela [choro] foi horrível parecia que ela tava olhando algo nojento se eu tiver que ir no centro eu vou no supermercado eu vou mas agora aqui dentro da firma onde todo mundo sabe onde todo mundo sabe o que a faz na rua a gente já espera (SOLDADORA C, RELATO ORAL, ANEXO 3, p. 138, 2013).

---

<sup>13</sup> Para Fairclough (2001), “[...] as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (p. 117, grifos do autor).

Situações como esta se devem ao fato de que a cultura nacional<sup>14</sup> está vinculada a um sistema em que as mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho, devem se adequar a padrões pré-estabelecidos, os quais estão vinculados à representação de mulheres atreladas a serviços ditos “leves e limpos”, como o trabalho administrativo dentro de uma empresa. A esse respeito, Meurer e Dellagnelo (2008) destacam:

Dessa relação de influência mútua entre discurso e sociedade, decorre a influência do discurso nas crenças e conhecimentos das pessoas, na constituição de suas identidades e, ainda, no modo como se relacionam; da mesma forma que nossas crenças e conhecimentos, assim como nossas identidades e relações determinam nosso uso de linguagem. Enfim, o discurso revela a pessoa que somos, refletindo nossa visão de mundo e do outro e, ainda, o modo como nos relacionamos com esse outro (p. 43).

Como colocam os autores, o discurso sofre influência da sociedade, por isso as mulheres não aceitam mais o conceito de frágeis e buscam a quebra de paradigmas sociais nas suas lutas diárias. Apesar do reconhecimento da igualdade salarial<sup>15</sup> entre sexos, em 1943, fica claro que a inserção das mulheres no mundo do trabalho se deu paulatinamente em uma relação conflitiva, devido a representações e ideologias do passado que refletem na identidade feminina. Para Candau (2012), a memória está relacionada com a identidade: “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada com um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (p. 19). As grandes estruturas organizadoras da memória, como a escola e a religião, com o passar do tempo, precisam rever alguns conceitos, em virtude das mudanças sociais. É necessário que haja um movimento de algumas concepções, para que certos fatos não fiquem petrificados. Candau, em *Memória e identidade* (2012), discute esse aprisionamento do sujeito a uma profissão:

Essa memória de lutas e sacrifícios da corporação se nutre de estereótipos que apresentam o mineiro como um ‘ser corajoso, amante de seu trabalho, vinculado à mina e ao bairro operário no qual vive’. Essa memória participa da construção de uma identidade cultural ‘estatutária’ que os torna inaptos a toda adaptação ao presente e ao futuro (p. 191, grifo do autor).

---

<sup>14</sup> Para Hall (2002), “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e de representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (p. 50-51).

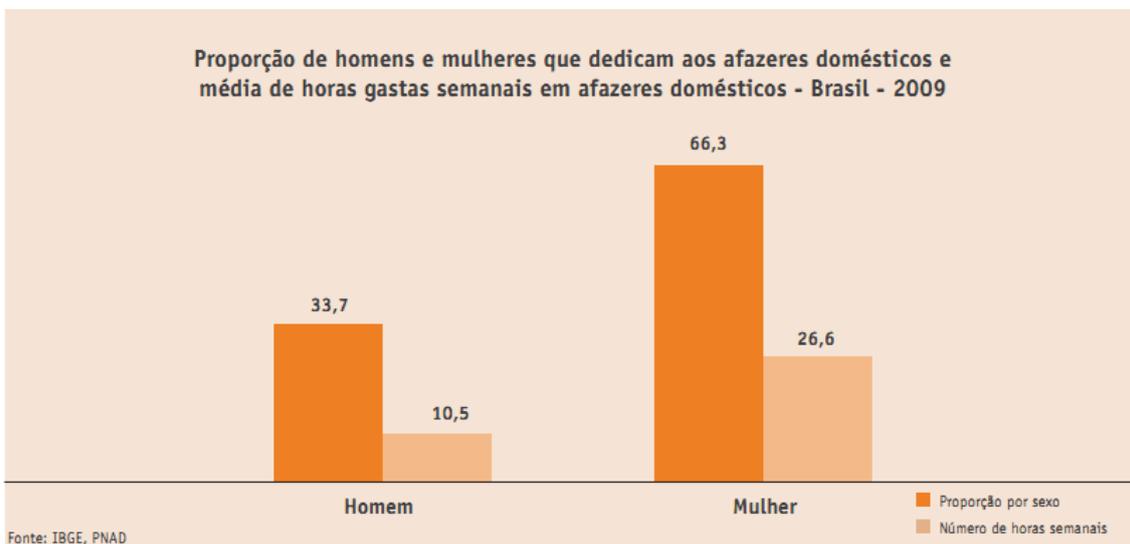
<sup>15</sup> Conforme Matos e Borelli (2012, p. 141).

A identidade cultural rege e condiciona os sujeitos. Segundo Hall (2002), “a identidade plenamente unificada, completa, segura é coerente uma fantasia” (p. 13). Quando se ouve falar em soldagem, vem à mente a representação masculina em um uniforme, o qual é quase uma armadura: avental de couro, máscara de proteção, luvas e botas fortes para que possam aguentar e proteger tais profissionais do calor emitido pela tocha da solda. Essa é uma imagem petrificada, estereotipada de uma profissão, mas também uma construção de uma identidade, vinculada aos saberes e às habilidades, principalmente, inscrita nos corpos dos sujeitos. Daí a dificuldade em conceber o corpo frágil feminino nessa profissão, a qual exige um grande esforço físico, além de expor a/o profissional a uma série de acidentes e riscos à saúde, como queimaduras, intoxicação por fumos de soldagem e fadiga muscular. Para Candau (2012), “Todo grupo profissional valoriza os comportamentos apropriados e reprime os demais, a fim de produzir uma memória adequada à produção dos saberes e fazeres e a manutenção de uma identidade da profissão” (p. 118).

Com a transmissão de saberes masculinos às mulheres, a representação de soldador começa a se modificar. As mulheres entram nesse meio como uma “exceção aceita”. Há a perda do monopólio masculino dos soldadores, a perda do poder e a fragmentação da identidade. Portanto, as mulheres ao conquistarem uma profissão minimizam as desigualdades engendradas pela sociedade. Eduardo Galeano (1995) apresenta, em seu microconto, o qual consta na epígrafe deste trabalho, uma possibilidade de poder independente de características genéticas e sim relacionada com a posição social conquistada.

Entretanto, no que se refere aos afazeres domésticos, essa igualdade não se configura. As mulheres ainda são as maiores responsáveis por esses feitos. Isto é o que comprova a pesquisa realizada pelo IBGE, disponibilizada no Relatório Anual 2010/2011 Trabalho e Gênero:

**Gráfico 4**



O estudo apresenta um dado alarmante, pois as mulheres trabalham em casa 26,6 horas, o que configura um turno de trabalho com quatro horas diárias, incluindo os finais de semana, não remunerado. Levando em consideração que as mulheres soldadoras cumprem, na empresa, 40h semanais, essas trabalhadoras perfazem um total de 66,6h de trabalho. Essa dupla jornada é o que Hirata (2010) chama de modelo de conciliação em que “a mulher trabalha fora, mas concilia trabalho profissional e trabalho doméstico. O homem não concilia, não há exigências nesse sentido por parte das instituições da sociedade ou das normas sociais” (p. 46). A esse respeito, a autora traz outros modelos de conciliação entre a vida profissional e a familiar:

*O modelo da parceria:* homens e mulheres repartem as tarefas domésticas e de cuidado da família. Mas é preciso levar em conta que a ideia de parceria supõe igualdade e ausência de relações de dominação. Pode-se dizer que essas condições existem? *O modelo da delegação:* a mulher delega a outras mulheres o cuidado com a casa, a família, as crianças. Essa tendência, de recurso à empregada doméstica [...] (p. 46, grifos da autora).

Conforme a citação, o modelo da parceria ainda se apresenta de forma utópica e, por isso, os homens desfrutam de privilégios perante a vigência de tal ideologia. Quanto ao modelo da delegação, este contribui para a dupla jornada de trabalho da empregada doméstica

e ao mesmo tempo contribui para que essas mulheres não busquem qualificação e outras profissões. Muitas dessas trabalham como diaristas e não têm seus direitos constituídos, segundo dados que Ávila (s/d.) coloca:

As empregadas domésticas constituem uma das maiores categorias de trabalhadoras do país, formada por 6,7 milhões de mulheres, o que equivale a 93% do número total (7,2 milhões) de trabalhadoras/es domésticas/os. Apenas 26,3% dessas trabalhadoras têm carteira assinada (p. 1).

Naturalizações que determinam os homens como o sexo forte e a cozinha um espaço exclusivamente feminino reforçam o panorama apresentado. Nesse cenário, ao romper com estereótipos, é possibilitada a chance de conceber a profissão de soldador também feminina, com as particularidades específicas do gênero, ressignificando uma representação. Isso comprova que os sujeitos podem se adequar à realidade, a fim de reverter imagens fossilizadas, tais como a subalteridade masculina e a divisão das tarefas. Mesmo tendo conquistado os espaços públicos, elas não se desvencilham do privado, o que gera a sobrecarga de trabalho. Santana (2006) problematiza essa questão:

[...] todo serviço doméstico é por elas executado, e não há mudanças na participação masculina nesses serviços, além de que os homens não as apoiam na saída para os espaços públicos. Há, entre a maioria, as queixas quanto às saídas do universo da casa [...] (p. 52).

Essa é a ideologia da família ideal em que as mulheres têm de abdicar de seu trabalho produtivo em benefício da família. Quando decidem reverter tal situação arcam com a dupla jornada de trabalho. Essas obrigações domésticas as impedem de realizar outras atividades em seu benefício, ou em esferas mais importantes. A este respeito, Santos e Maia (s/d.) afirmam:

A divisão sexual do trabalho consiste em ser uma forma de organizar a sociedade. Entretanto, as tarefas atribuídas à mulher na esfera privada sobrecarregam sua vida de modo a limitar sua participação na esfera pública, ou seja, a dicotomia entre “trabalho feminino” e “trabalho masculino” restringe o desenvolvimento da mulher. Assim, a divisão sexual do trabalho doméstico tem por princípio que o trabalho exercido nela não só beneficia a mulher, mas também ao homem (p. 5).

As lutas femininas não se encerram na conquista do espaço público. Para haver uma igualdade de fato, os homens precisam circular pelos espaços privados, sem cobranças respaldadas por discursos vinculados a uma cultura patriarcal, visto que as mulheres do século XXI produzem, têm poder aquisitivo e não são mais seres invisíveis. As donas da casa têm profissão, são qualificadas, estudam e progredem na carreira profissional. No entanto, muitas delas, quando chegam à casa não há tempo para o descanso, pois se inicia outra jornada, a doméstica. A necessidade de mudança é defendida por Santos e Maia (s/d.):

É visto que existe uma relação desigual de gênero que se reflete nas diversas esferas na vida social que acaba por interferir no desenvolvimento da mulher enquanto profissional, e enquanto pessoa humana. De tal forma, faz-se necessário problematizar mais e mais essas questões tendo em vista que o trabalho realizado pela mulher abarca não só a ela, mas a todos. Deve-se desconstruir essa ideia de que mulher foi feita para servir ou para cuidar. A igualdade de gênero carece da divisão sexual do trabalho doméstico; não é justo que a mulher fique sobrecarregada em benefício de todos (p. 8).

Os homens podem e devem participar dos afazeres domésticos, a fim de diminuir a sobrecarga de trabalho feminino. Nas palavras de Hall (2002), “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (p. 12). Os papéis sociais precisam ser ressignificados de acordo com as práticas atuais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 PRINCÍPIOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma teoria desenvolvida por Norman Fairclough que considera a linguagem como uma forma de prática social. A ACD oferece um espectro multidisciplinar e operacionaliza conceitos necessários para a realização de uma análise do discurso, em que os aspectos linguísticos se articulam a teorias sociais. Um de seus objetivos é o de mapear as conexões entre as relações de poder e os recursos linguísticos nos textos. Com isso, esta pretende apontar os fundamentos ideológicos marcados no discurso que, historicamente, se naturalizam e passam a ser tratados como ocorrências comuns e aceitáveis pela sociedade.

Fairclough, em *Discurso e Mudança Social* (2001), explica que a abordagem crítica implica, por um lado, mostrar as conexões e causas que estão ocultas e, por outro, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àquelas/es que possam se encontrar em situação de desvantagem em relação àquelas/es que estão no domínio do poder. Devido ao seu caráter crítico-investigativo, a ACD é uma importante ferramenta de análise, pois além de desvelar o discurso opressor, acena para uma possibilidade de mudança por meio da linguagem.

Nesse viés, o discurso é entendido como constituinte do social e como um modo de ação, pois é uma das maneiras pelas quais as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, ou seja, é uma maneira de representação, nele valores e identidades são apresentados de forma particular. Os indivíduos são inseridos em práticas discursivas e sociais que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas, privilegiando uma visão dialética e não unilateral da faceta discursiva.

Fairclough (2001) admite que dentro dessas estruturas dialéticas também são analisadas outras presentes no discurso, fundamentais para a (re)produção de conceitos: a ideologia e a hegemonia. Os discursos podem ser considerados ideológicos e a representação da realidade é construída nas várias dimensões das formas simbólicas em práticas discursivas, iluminando a possibilidade de mudança social. O teórico relativiza:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (p. 119).

Para chegar a tal conclusão, o teórico faz uma reflexão acerca do conceito de ideologia em *Discurso e mudança social* (2001), evidenciando que este tem sido objeto de muito debate e discussão. Em sua interpretação, o autor retoma teoricamente as três asserções de Althusser:

Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz à concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso (segundo Althusser, 1971:161, n. 160), é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado’ (instituições tais como a educação e a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente (p. 116-17, grifos do autor).

Entretanto, Fairclough (2001) entende que se o discurso é influenciado por essas posições, também sofre limitações, visto que a ideologia é tida como unilateral e dominante. Nas palavras do autor, a ideologia funciona como um “cimento social universal” (p. 117), sem chance de diálogo e transformação. E esse é justamente o entender da ACD, ou seja, a possibilidade de transformar práticas discursivas naturalizadas. Tal posição assemelha-se à de Thompson. Segundo Fairclough (2001, p.117), a ideologia é sentido a serviço do poder. Isto é, estudar ideologia é compreender e explicar as maneiras pelas quais as formas simbólicas são usadas para a implantação e para a manutenção de relações de dominação. Fairclough (2001) entende hegemonia como:

o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais mas nunca alcançando, senão parcial e temporariamente, um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção e alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar consentimento. Hegemonia é um foco de luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas (p. 122).

Isto posto, para a ACD, a hegemonia tem papel fundamental, pois esta é responsável por um equilíbrio discursivo, não dialético, o qual a ACD tenta modificar, definindo-o como um processo de, no entendimento de Fairclough (2001), “articulação, desarticulação e rearticulação dos elementos do discurso” (p. 122). Com esse movimento, o conceito de hegemonia fornece uma matriz para analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, ou seja, essas relações reproduzem, reestruturam ou desafiam hegemonias existentes.

A hegemonia se naturaliza nas práticas discursivas e cabe à analista crítica investigar tal prática no intuito de modificar a opressão manifestada pela linguagem dos que se encontram em situação desprivilegiada.

Fairclough (2001) propõe um modelo tridimensional de Análise de Discurso, intitulado “Teoria Social do Discurso” (p. 89), que compreende texto, prática discursiva e social, exemplificado na figura a seguir:

Figura 1 – Modelo tridimensional de Fairclough



Na análise do texto, a qual verifica como as informações são trazidas ou relegadas, são descritos, dentre outros aspectos, o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura social. Na análise da prática discursiva, a qual contribui para reproduzir a sociedade, são interpretadas condições como a produção, o contexto, a coerência, entre outras. Na análise da prática social, a qual tem orientação econômica, política, religiosa, cultural, são explicados os sentidos, a ideologia, as pressuposições, as metáforas e a hegemonia. Meurer e Dellagnelo (2008) explicitam:

Desse modo, na ACD, não podemos referir as características de um texto sem fazer alusão aos processos de descrição (texto), interpretação (prática

discursiva) e explicação (prática social). É a partir dessa integração das três dimensões que podemos verificar como a linguagem e os processos de ordem social se entremeiam (p. 49).

O quadro a seguir, apresentado por Resende e Ramalho (2006, p. 29), a partir do modelo tridimensional de Fairclough (2001), mostra como as características analíticas podem ser agrupadas:

Quadro1 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional

| TEXTO             | PRÁTICA DISCURSIVA | PRÁTICA SOCIAL  |
|-------------------|--------------------|---|
| VOCABULÁRIO       | PRODUÇÃO*          | IDEOLOGIA   |
| GRAMÁTICA         | DISTRIBUIÇÃO       | SENTIDOS  |
| COESÃO            | CONSUMO            | PRESSUPOSIÇÕES  |
| ESTRUTURA TEXTUAL | CONTEXTO           | METÁFORAS   |
|                   | COERÊNCIA          | HEGEMONIA   |
|                   | INTERTEXTUALIDADE  | ORIENTAÇÕES<br>ECONÔMICAS, POLÍTICAS,<br>CULTURAIS, IDEOLÓGICAS |

\* Neste quadro, as categorias *ethos* e polidez não estão contempladas explicitamente. Importa salientar que tais categorias fazem parte das condições de produção.

Nessa ótica, a linguagem é vista como uma forma de interação, um sistema aberto a mudanças socialmente orientadas, o que lhe provê sua capacidade ilimitada de construir significados. Nesse sistema de interação, significados são construídos e reconstruídos a cada vez que o sistema linguístico é acessado.

Dentre as categorias propostas por Fairclough (2001), agrupadas por Ramalho e Rezende (2006), na análise do texto, será trabalhado o vocabulário. Na dimensão discursiva, a intertextualidade, a polidez e o *ethos*. As palavras admitem significados sobrepostos ao do dicionário. Estes surgem à medida que são feitas as relações intertextuais, as quais se apresentam de uma determinada forma. Essa maneira de se expressar é a polidez. Todas essas características do discurso constroem o *ethos*, ou seja, uma autorrepresentação dos sujeitos, as soldadoras, evidenciada por uma prática social, a qual sofre influências ideológicas, hegemônicas, de ordens culturais, políticas e econômicas.

## 2.2 AS MULHERES E O GÊNERO: uma questão a refletir



A questão da identidade dos gêneros se tornou assunto de grande repercussão nos últimos tempos, tendo em vista a necessidade de se repensar as representações sociais engendradas somente pelas características sexuais. Tal linha de raciocínio permite que tanto mulheres e homens fiquem presos a um determinado estereótipo que os incluem em um grupo, excluindo aqueles que não se enquadram nos padrões eternizados – adequados e aceitáveis.

No entanto, esse viés não acompanha a dinamicidade do mundo e reproduz práticas naturalizadas, que rodeiam e aprisionam os sujeitos desde o nascimento, como a imposição fatídica do uso das cores relacionado com o corpo biológico: onde e por que se vinculou azul para meninos e rosa para meninas?

A identificação das crianças com as cores, na infância, é muito presente e elas se criam sabendo que o azul é “coisa de menino” e o rosa “é coisa de menina”, fazendo relações preconceituosas com os que, por algum motivo, inclusive financeiro, utilizam a “cor proibida”. Discursos opressores são comuns sobre meninos que usam a cor rosa: “mariquinha, bichinha, etc.”, o que pode gerar conflitos psicológicos nesses sujeitos. Outras formas de distinção são por meio dos brinquedos que impõem as atitudes infantis: as meninas brincam de bonecas, de panelinhas e os meninos com bola, com ferramentas e aparatos da área da saúde. Esse é um ensaio para a vida adulta devido a todo o contexto que a brincadeira envolve. As meninas passam a exercitar a maternidade, tornam-se esposas e donas de casa. O menino, por exemplo, ao se intitular médico adquire a mesma postura de um profissional adulto desta área. Na década de 60, é lançado um brinquedo, dito pedagógico, “O futuro

engenheiro”. O clássico, atualmente, é conhecido como “O pequeno engenheiro<sup>16</sup>”, o qual deixa explícito em seu nome que somente os meninos podem se tornar engenheiros. A partir dessas práticas sociais, as representações vão se construindo e se solidificando.

Além da clara distinção das brincadeiras que engendram significados, as sensações, os sentimentos também são banidos e, ao mesmo tempo, incitados: meninos não choram, quem chora são as meninas. Sem perceber, a sociedade passa valores aos sujeitos e estes são incutidos e perpassados ao longo dos anos. Não há nada de errado em um menino, em um homem, chorar e expressar seus sentimentos. Tais concepções não podem ser condicionais para a construção dos sujeitos, pois reproduzem práticas ultrapassadas e preconceituosas.

Em tempos passados, a partir da inserção das mulheres no mercado de trabalho, surge o discurso referente às profissões femininas, relacionando-as aos afazeres domésticos e à educação dos filhos, como se as funções desempenhadas por ambos os sexos estivessem cimentadas e não sofressem mudanças advindas, principalmente, das práticas sociais. Hoje, no século XXI, não temos mais somente o modelo ideal de família – homem/mulher/filhos –, existem novos modelos e novas práticas e novos modos de ser e agir, que não aqueles atrelados a estereótipos de representações ideais dos sujeitos, como, por exemplo, “as mães solteiras”, que, muitas vezes, são as únicas responsáveis pelo seu sustento e o dos filhos.

A fim de rever essa situação, fizeram-se fundamentais as pesquisas e os movimentos sobre esse tema no intuito de mostrar que as diferenças sexuais não são apenas biológicas, mas também culturais e sociais à medida que constroem os sujeitos, portanto, há uma ressignificação do termo gênero. Nessa perspectiva, Lauretis (1994) coloca que as diferenças do ponto de vista das relações de gênero são mais uma questão cultural do que biológica: “gênero não representa um indivíduo e sim uma relação social, por meio de uma classe, dentro de uma cultura e assim formam um sistema de gêneros” (p. 211). Em outras palavras, gênero é um sistema simbólico ou um sistema de significações, que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Logo, a construção de gênero é tanto produto como processo de sua representação. A ideologia do gênero é reproduzida na vida diária, por meio das representações do feminino e masculino. A imagem das mulheres vinculada à maternidade, à doçura; a dos homens, à força e ao poder.

No entanto, o poder também aparece em mãos femininas, gerando outras representações ligadas a um lado não tão meigo das mulheres. Segundo Perrot (2010), “Se

---

<sup>16</sup> Brinquedo composto por pecinhas de madeira que simulam estruturas de casas e prédios.

elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes” (p. 167): o poder da sedução, personificado em Eva, o inspirador nas decisões e, biologicamente, o poder de gerar a vida, bem como o da feitiçaria. Por muitas vezes, as mulheres são relacionadas com o lado soturno, o que, historicamente, as atrela à culpabilidade seja no discurso bíblico ou até mesmo nos discursos informais, ou nas expressões artísticas. Galeano (1995), em seu microconto, discorre sobre a culpa feminina ao atribuir o fato de as mulheres “causarem terror nos homens”, sendo, portanto, as culpadas pelo genocídio, ou seja, este é uma consequência da conduta feminina. Como sugere o título, “La autoridad”, o autor discute as relações de poder hierarquizadas perpassadas pelo trabalho doméstico, o qual é encarado como um castigo, uma escravidão.

Com intuito de rever essas concepções e adquirir representação produtiva e política, o movimento feminista, respaldado pelo surgimento da pílula anticoncepcional, possibilita uma visão diferente da imagem das mulheres perante a sociedade, desestabilizando a superioridade masculina, uma vez que o discurso vigente é, de certa forma, conformador: a expressão “rainhas do lar” é advinda do lugar destinado às mulheres para se sentirem valorizadas, enquanto isso; para os homens, a rua e o resto do mundo. Com o auxílio do método contraceptivo, as mulheres passam a ter poder sobre seu próprio corpo e a separar prazer de reprodução, possibilitando uma alteração nos padrões sociais.

Nessa mesma ótica, as mulheres em uma empresa estão relacionadas a profissões, como a de secretária (aquela que leva/traz o cafezinho) e a de recepcionista (aquela que dá informações básicas) – não ocupam cargos elevados e de chefia e nem desempenham tarefas como a de soldadora. Essas questões estão incutidas no imaginário social por meio da mídia, da sociedade, das instituições, entretanto, muitas vezes, são reproduzidas no dia a dia, sem serem percebidas, evidenciando a perpetuação de discursos hegemônicos. Mostrar essa não neutralidade do discurso é apenas o início de um longo caminho em busca da equidade social entre mulheres e homens, uma vez que as relações se transformam e ressignificam os papéis femininos, como a eleição da presidenta do Brasil Dilma Rousseff. A este respeito, Pitanguy (2011) afirma:

A recente eleição de uma mulher para a Presidência da República e a ampliação do número de mulheres em cargos ministeriais têm um efeito pedagógico fundamental na transformação do imaginário social, para o qual o espaço político apresenta-se ainda como lócus eminentemente masculino (p. 37).

As mulheres são silenciadas, ao longo da história geral. É possível perceber que pouco ou nada aparecem nela e quando surgem são apenas registradas como participantes e não atuantes. Scott (1990) afirma que existe a história das mulheres e a dos homens: a primeira trata do sexo e da família e a última da economia e política. A historiadora discute essa abordagem teórica, a qual aparece como oposição feminino/masculino, ou amparada pelos estudos feministas, conforme se lê em:

Essa interpretação limita o conceito de gênero à esfera da família e à experiência doméstica, e para o(a) historiador(a) ela não deixa meios de ligar esse conceito (nem o indivíduo) com outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder. Sem dúvida está implícito que as disposições sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães cuidem da maioria das tarefas de criação dos filhos, estruturam a organização da família. Mas a origem dessas disposições sociais não está clara, nem o porquê delas serem articuladas em termos da divisão sexual do trabalho (p. 15).

A autora repensa o gênero como categoria de análise com duas proposições: “como um sistema de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “[...] uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 21). O gênero é, portanto, um meio de interpretar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana, como as apresentadas neste trabalho em que as representações de feminino estão diretamente relacionadas ao comportamento, à profissão, ao modo de agir e, por que não dizer, de pensar. A utilização do termo admite que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, portanto, invalida a ideia de esferas separadas (SCOTT, 1990, p. 7).

O gênero é estabelecido culturalmente e é responsável por várias crenças que naturalizam representações, manifestadas pela linguagem, como acontece com a/o profissional da solda. Em consulta a alguns dicionários, não foi encontrada a inserção da profissional feminina nesta área. No dicionário Houaiss (2009), está grafado “Soldador/ adjetivo, singular, masculino” (p. 1765). No Aurélio (2008), a especificação para tal profissional é: “*soldador*: adjetivo, substantivo masculino” (p. 399). Diferentemente do que ocorre com a grafia de “professor/professora”, soldador não contempla as mulheres ao mesmo tempo em que as torna invisíveis dentro da história. Há cinco anos, já havia soldadoras e contratações destas para a função. No entanto, elas estão negligenciadas na linguagem, visto que, na versão 2013 do referido dicionário, ainda não consta a grafia *soldadora*. A esse respeito, Funck (2008) afirma:

[...] o discurso não só revela a discriminação entre posições de sujeito a serem ocupadas por homens e mulheres, como também contribui para uma construção social que faz com que as mulheres leitoras sejam excluídas da possibilidade de se pensarem iguais aos homens, em seus direitos, deveres e até em seus problemas (p. 189).

Nos anúncios publicitários, é comum a referência a essa mão de obra como soldador, assim como pedreiro, quando na verdade há mulheres que desempenham essas funções. Ocorre que ainda soa estranho, aos olhos da sociedade, admitir que as mulheres podem exercer essas profissões que são tidas como masculinas, determinadas pelo sexo. Além disso, em soldador está incluso o termo “soldado”, o que aponta para outros sentidos e, conseqüentemente, traz outras implicações ideológicas, as quais são relacionadas aos homens. São eles, os soldados, os responsáveis, na visão retrógrada e tradicional da sociedade, por defender a pátria e a família, além de nos induzir a pensar em valentia e força física como características atreladas unicamente aos homens.

Essas associações pairam no inconsciente coletivo e podem ajudar a distanciar as mulheres deste ofício. Aspectos que precisam ser revistos em virtude da própria Constituição Federal do Brasil, a qual no seu 5º artigo expressa que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...] I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (BRASIL, 1988).

Sendo assim, é preciso que haja uma identificação dessas trabalhadoras na linguagem, a fim de que estas possam ser amplamente reconhecidas por seus feitos profissionais e com isso possam ressignificar as suas representações e identidades, desvinculando-se do ideal de mulher que as mantêm como o sexo frágil.

### 3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE:

Tendo em vista que este estudo objetiva mostrar a representação doméstica e profissional das mulheres soldadoras rio-grandinas, por meio de seus discursos, à luz da ACD, importa reiterar que tal escolha teórica se justifica porque esta entende que a linguagem está diretamente relacionada aos sentidos e a crenças, a ideologias e à própria sociedade. Meurer e Dellagnelo (2008) corroboram com a noção de uma teoria interpretativa e orientada, pois: “[...] ao fazermos interpretações relevantes acerca das ideias, crenças, preferências, identidades e relações que subjazem ao uso de linguagem, focalizamos também elementos linguísticos de modo a fornecer evidências das interpretações que fazemos” (p. 46).

Nesse viés, a ACD descreve, interpreta e explica as ocorrências discursivas com intuito de relacioná-las às práticas sociais e desvelar relações de poder que estejam subjacentes ao discurso. Na análise do *corpus*, na dimensão textual, a categoria vocabulário é elencada. Nesta, a partir da análise das escolhas lexicais – substantivos, advérbios, adjetivos, verbos e pronomes – são analisados os significados das palavras. Na prática discursiva, se observa como essas escolhas se apresentam, evidenciando as categorias: intertextualidade, *ethos* e polidez. Na prática social, são analisadas as ideologias, a hegemonia, as pressuposições<sup>17</sup> presentes no discurso.

É fundamental referenciar que a divisão desses tópicos analíticos textuais e da prática discursiva, por vezes, não é nítida, em virtude do modelo tridimensional da ACD, que, segundo Fairclough (2001): “Onde os aspectos formais são mais destacados, os tópicos são aí incluídos; onde os processos produtivos e interpretativos são mais destacados, os tópicos são incluídos na prática discursiva, mesmo que envolvam aspectos formais dos textos” (p. 102). O autor sugere que ao examinar textos, simultaneamente, são analisadas formas linguísticas e efeitos de sentido, propiciados pela prática social. No que se refere ao significado das palavras, Fairclough (2001) especifica que:

a ênfase da categoria significado das palavras está nas palavras-chave que têm significado geral ou mais local; nas palavras cujos significados são variáveis e mutáveis; e no significado potencial de uma palavra – uma estrutura particular de seus significados – como um modo de hegemonia e um foco de luta (p. 288).

---

<sup>17</sup> As pressuposições são entendidas nesta pesquisa como uma visão intertextual, ou seja, nas palavras de Fairclough (2001), “proposições que são tomadas pelo produtor(a) do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’ (embora haja a questão sobre para quem elas são dadas) [...]” (p. 155, grifos do autor).

Para o autor, o significado das palavras não resulta de leituras individuais, mas de leituras de indivíduos inseridos em um contexto histórico e social. Os signos são socialmente motivados, pois no seu entender: “[...] ‘terrorista’ e ‘lutador pela liberdade’ são combinações contrastantes de significante e significado, e o contraste entre elas é socialmente motivado” (p. 103, grifos do autor). Nesse sentido, a análise não se baseia somente no significado do dicionário, mas nos significados sobrepostos, o que implica processos de lexicalização do mundo que ocorrem em tempos e épocas e com pessoas diferentes, como acontece em “terrorista” e “lutador da liberdade”. O significado das palavras entra em disputa nas lutas sociais, ou seja, ao contrário da visão estruturalista<sup>18</sup>, o signo<sup>19</sup>, na abordagem crítica, é motivado por razões sócio-históricas.

Assim, são analisados os substantivos, advérbios, pronomes e verbos de modo a construir a representação social das soldadoras, observando a sobrecarga da dupla jornada de trabalho, o “eu”, revelado pelo *ethos*, visto que para Fairclough (2001), “O conceito de *ethos* constitui um ponto no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma versão particular do ‘eu’” (p. 209, grifos do autor). Para o teórico, essas questões são negligenciadas pelos estudos da linguagem que distinguem as funções emotiva/expressiva, por exemplo, apenas na medida em que dão conta de como os sujeitos sentem/expressam as opiniões, mas deixam de perceber o papel do discurso na construção/constituição do “eu”. Conforme Fairclough (2001):

Quando se enfatiza a construção, a função da identidade da linguagem começa a assumir grande importância, porque as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para seus membros são um aspecto fundamental do modo como elas funcionam, como as relações de

---

<sup>18</sup> No entendimento de Fairclough (2001), o estruturalismo “considera a fala como não acessível ao estudo sistemático por ser essencialmente uma atividade individual: os indivíduos usam uma língua de formas imprevisíveis, de acordo com seus desejos e suas intenções, uma *langue* (língua) que é em si mesma sistemática e social. Os linguistas nessa direção identificam a *parole* para ignorá-la, pois as implicações da posição saussureana é que qualquer estudo sistemático da língua deve ser um estudo do próprio sistema, da *langue*, e não de seu ‘uso’” (p. 90 grifos do autor).

<sup>19</sup> “Na terminologia de grande parte da linguística e da semiótica do século XX, analisam-se ‘signos’, isto é palavras ou sequências mais longas de texto que consistem de um significado combinado com uma forma, ou de um ‘significado’ combinado com um ‘significante’ (ver Saussure, 1959)” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102-3, grifos do autor). Ainda, segundo Fairclough (2001), na visão estruturalista, é enfatizada “a natureza arbitrária do signo, a concepção de que não há uma base motivada ou racional para combinar um significante particular com um significado particular” (p. 103).

poder são impostas e exercidas, como as sociedades são reproduzidas e modificadas (p. 209).

Nessa ótica, Fairclough (2001) afirma que o *ethos*

[...] pode ser considerado como parte de um processo mais amplo de “modelagem” em que o tempo e o lugar de uma interação e seus participantes, assim como o *ethos* desses participantes, são constituídos pela valorização de ligações em certas direções intertextuais de preferência a outras (p. 207, grifos do autor).

Na ACD, a concepção de *ethos* está embasada em Maingueneau (2005, p. 67), quem o vê não da forma que o promulga a retórica clássica, um meio de persuasão, sem pouco importar a sinceridade, mas como parte constitutiva da cena da enunciação<sup>20</sup>, permitindo refletir sobre a adesão dos sujeitos a certos discursos, englobando tanto características linguísticas como comportamentais, ou seja:

O *ethos* implica assim um caráter tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia, e por sua vez, contribui para reforçar ou transformar (p. 72).

Nesse sentido, o autor defende que sua abordagem compreende aspectos sócio-históricos e institucionais não só na oralidade, mas nas situações comunicativas escritas também. O *ethos* está ligado ao momento da enunciação. Maingueneau (2005) coloca que o texto não é para ser contemplado, mas, sim, mobilizado. Este movimento permite identificar os sentidos e valores indicados, visto que: “O discurso não resulta da associação contingente entre um “fundo” e uma “forma”; é um acontecimento inscrito em uma formação sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação da cena discursiva” (p. 73, grifos do autor).

Nessa perspectiva, o *ethos* não pode ser considerado apenas como uma forma de argumentação, mas como parte constitutiva da cena da enunciação. Conforme Maingueneau (2005), “O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela “doutrina”; as “ideias” se apresentam por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de

---

<sup>20</sup> Em consulta ao *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009), de Flores et al., nesta pesquisa, o conceito de enunciação se baseia na perspectiva de Jakobson, para quem esta é: “atividade pela qual se manifesta a presença codificada do falante naquilo que é falado” (p. 105)

ser [...]” (p. 73, grifos do autor). As soldadoras, os sujeitos desta pesquisa, não se expressam de determinada maneira, elas são inscritas em uma configuração cultural que implica papéis, legitimados no momento do evento discursivo.

Para Ruth Amossy (2005), “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (p. 09). Desse modo, ao analisar o *ethos*, as escolhas lexicais feitas pelas soldadoras nas entrevistas denunciam a imagem que elas têm de si, seu autorretrato, atravessado por efeitos de sentido oriundos de suas crenças e ideologias.

A polidez é conhecida como uma característica do gênero entrevista, alicerce desta pesquisa. Nesse processo interacional que se dá oralmente, os participantes assumem papéis, posturas – entrevistadora/entrevistada – no intuito de manter ou diminuir a distância, cumprindo uma espécie de cronograma social que gerencia um protocolo, o qual inclui certas etapas como agradecer, informar, etc. No entendimento de Fairclough (2001, p. 204), a a polidez vai além das convenções políticas, é uma condição estrategista que possibilita transmitir a imagem desejada na interação entre os interlocutores, suavizando possíveis conflitos. Dentre essas estratégias, os autores pressupõem um conjunto de interesses que constituem as faces humanas: uma positiva em que as pessoas querem ser amadas, compreendidas, admiradas e outra negativa, na qual não querem ser controladas ou impedidas. Fairclough (2001) exemplifica como se dá esse processo em um pedido de ajuda para troca de um pneu furado:

Um pedido é potencialmente danoso para a face negativa de um(a) receptor(a) (A) - assim como para a face do(a) falante - na medida em que pressiona A para agir de determinada maneira. O pedido pode ser feito 'claramente' (estratégia 1) sem a tentativa de mitigá-lo, isto é, sem 'ação reparadora' ("Ajude-me a trocar esse pneu"); pode ser feito com 'polidez positiva' (estratégia 2), em cujo caso é mitigado ou reparado - por exemplo, demonstrando afeição, simpatia ou solidariedade com A (“Dê uma ajuda para trocar esse pneu, amigo”) pode ser feito com 'polidez negativa' (estratégia 3) em cujo caso é mitigado ao mostrar respeito pela privacidade de A, ou por seu desejo de não ser perturbado(a) ou controlado(a), etc. ("Desculpe incomodar, mas poderia ajudar com esse pneu?"); pode ser feito 'implicitamente' (estratégia 4) de modo que tenha de ser inferido, e o que é dito está aberto para interpretações alternativas ("Agora, como diabo vou trocar isso?", ou sugerindo: "Você notou que estou com um pneu furado?") (p. 205, grifos do autor).

O teórico mostra que a polidez positiva é aquela que se utiliza de expressões de agradecimento e de afeição e são mais fáceis de evidenciar no discurso. Já a polidez negativa se manifesta em procedimentos que admitem o uso de formas e termos suavizadores, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), como “desculpe incomodar, por favor, se for possível etc.” (p. 88). Outros procedimentos suavizadores acompanhantes possíveis são os minimizadores pelo uso do sufixo diminutivo “inho” ou de alguns advérbios e o uso do pronome pessoal “nós”/“a gente” com valor solidário. A função destes operadores é justamente reduzir uma provável ameaça na formulação dos atos, visto que é nos momentos de interação que se exercem as leis da polidez. O objetivo de Fairclough (2001), nesta categoria, é: “determinar quais estratégias de polidez são mais usadas na amostra, se há diferença entre os participantes e o que as características sugerem sobre as relações sociais entre os participantes” (p. 287).

Na análise da prática discursiva, a categoria elencada é a intertextualidade<sup>21</sup>. Segundo Fairclough (2001), textos inevitavelmente fazem implicações, o que é dito em um texto é sempre dito em concordância ou discordância em relação a outro. As pressuposições podem se referir a coisas ditas ou escritas por alguém em algum lugar, ou mesmo alusões a um grupo de textos ou a um repertório de informações, ou, ainda, ideias partilhadas, as quais constituem crenças, historicidades, valores socioculturais, além de identidades e relações sociais.

No entender de Fairclough (2001, p. 136), a intertextualidade divide-se em intertextualidade manifesta, quando o texto recorre explicitamente a outros textos específicos e intertextualidade constitutiva, na qual a configuração das convenções discursivas entram na produção.

Os usuários da linguagem se utilizam dessa rede de relações nas práticas cotidianas ao elaborarem seus próprios discursos e ao atribuírem sentido aos textos alheios. É fundamental que se tenha um conhecimento prévio do assunto para poder entender, perceber essa rede de relações, que tanto pode se manifestar explícita como implicitamente. A intertextualidade manifesta é, nas palavras de Fairclough (2001), “Uma área cinzenta entre a prática discursiva e o texto [...] diz respeito ao que está na superfície de um texto” (p. 285). A intertextualidade constitutiva de um texto é a configuração de convenções que entram em sua produção.

---

<sup>21</sup> A respeito do conceito de intertextualidade, Fairclough (2001) afirma que “o termo foi cunhado por Kristeva no final dos anos 1960 no contexto de suas influentes representações para audiências do trabalho de Bakhtin” (p. 133). Fairclough (2001), afirma que Kristeva, em seus estudos, observa que a intertextualidade implica a inserção da história em um texto. Nas palavras do autor, “o texto absorve e é construído de textos do passado [...] o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudanças mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes” (p. 134-35).

O *corpus* a ser analisado no âmbito qualitativo foi coletado por meio de entrevistas semiestruturadas (ANEXO 1, 2, 3, 4, 5, 6) às mulheres operárias, soldadoras, da empresa Ecovix/Engevix Construções Oceânicas, atuantes no Polo Naval da cidade do Rio Grande. As análises foram feitas separadamente, a fim de propiciar uma melhor visualização de cada perfil<sup>22</sup> das soldadoras. A compilação dos dados foi realizada no intuito de destacar possíveis semelhanças ou diferenças discursivas, referentes às práticas sociais, configurando a metodologia analítica, uma vez que a teoria em questão é flexível e admite várias possibilidades.

Esta proposta visa elucidar a construção da representação das mulheres soldadoras. Para tanto, é analisado como o discurso se constrói a partir das categorias selecionadas. Além disso, devido ao caráter tridimensional da teoria, não foram realizadas divisões explícitas em ordens analíticas, visto que as categorias se sobrepõem em prol da construção dos sentidos.

A opção por realizar as entrevistas foi pensada no sentido de que o *corpus* fosse colido em uma situação de interação, o que pode tornar a comunicação mais fácil e espontânea. As perguntas foram articuladas no sentido de tecer um perfil socioeconômico das entrevistadas, com ênfase nas atividades domésticas e profissionais das trabalhadoras, de modo que a pesquisadora pudesse refletir sobre esses dados, mas também no sentido de dar voz e visibilidade às mulheres soldadoras e, ao mesmo tempo, esposas, mães, donas de casa.

ACD é uma teoria transdisciplinar que admite seu modelo tridimensional em que o contexto é fundamental para a análise, por isso, a seguir, será feita uma exposição de como se deram as entrevistas e uma compilação dos dados socioeconômico (quadro 1) para melhor visualização e interpretação dos dados.

Importa salientar que os dados foram transcritos (ANEXO 1, 2, 3, 4, 5, 6) tais como a fala das colaboradoras.

---

<sup>22</sup> Nesta pesquisa, o entendimento de perfil está embasado nas características do *ethos*, segundo Fairclough (2001) e Maingueneau (2005, p. 70), uma vez que este equivale a um conjunto de traços psicológicos e corporais, apoiados em representações sociais valorizadas ou desvalorizadas de estereótipos culturais.

### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O contexto tem sido objeto de estudo de muitos teóricos, visto que é de grande valia para as teorias sociais, pois dele muitas apreciações podem ser depreendidas, as quais são fundamentais para as teorias interacionistas, como a ACD. O contexto, para a teoria, é fundamental para explicar os processos da linguagem, visto que nesta há uma série de fatores que corroboram para a materialidade linguística, sendo o discurso um destes. Nesse sentido, faz-se necessário uma contextualização do momento e do local em que se deram as entrevistas, bem como das percepções que perpassam as falas.

As entrevistadas, cujos discursos constituem o *corpus* desta pesquisa, são as soldadoras contratadas pela empresa Ecovix/Engevix Construções Oceânicas. A partir de sua instalação, a empresa, que também tem sede no Rio de Janeiro, é uma das responsáveis pelo atual cenário de expansão econômica da cidade de Rio Grande, a qual tem sido reconhecida tanto nacional como internacionalmente no setor naval. Segundo dados disponíveis no *site* da Ecovix/Engevix, esta é criada em 2010 para executar a construção de oito cascos de Plataformas para a exploração de petróleo. A perspectiva da empresa é a de movimentar, nos próximos dez anos, cerca de US\$ 300 bilhões em contratos, ao mesmo tempo em que colabora com a economia local, como mostram os dados do Relatório da Subcomissão do Polo Naval do Rio Grande (2011):

Segundo estudos realizados pela FURG, os setores mais intimamente ligados à atividade naval (siderurgia, material elétrico e eletrônico, madeira e mobiliário, químicos e transportes), poderão gerar cerca de 26 bilhões de dólares em termos de bens e serviços, e mais de 700 mil empregos diretos e indiretos ao longo de quinze anos, através do efeito multiplicador da economia do Rio Grande do Sul. Ainda citando a cidade de Rio Grande (município mais afetado pelos investimentos), a arrecadação do município passou dos R\$ 83 milhões em 2001 para R\$ 255 milhões em 2010 (p. 19).

Em meio a tantas projeções, a coleta de dados para desenvolver uma pesquisa sócio-discursiva se torna uma tarefa difícil. Ainda que com muita delicadeza e atenção por parte dos cargos de chefia, adentrar a empresa é um processo longo e burocratizado, vários e-mails e insistentes telefonemas antecedem as entrevistas. No primeiro momento, os diálogos acerca de cumprir as exigências do Comitê de Ética e, posteriormente, o agendamento das entrevistas.

Após vários contatos, a empresa concede as entrevistas com seis soldadoras, contrariando o pedido de dez. Destas, apenas quatro comparecem no dia marcado e as outras não justificam a ausência. O espaço reservado para a conversa é restrito, devido ao fato de ser nos limites da Petrobras, a qual exige um treinamento por segurança que despense tempo e pessoas, e, por isso, não é oferecido à pesquisadora. Em virtude disso, não é possível filmar o próprio espaço de trabalho das soldadoras, resumindo o encontro a uma sala, em um ambiente administrativo, com computadores e divisórias para separar as/os trabalhadoras/es. A psicóloga que proporciona o trabalho faz várias ressalvas a respeito de que as filmagens e fotografias exteriores só podem ser feitas fora dos portões da empresa.

Posteriormente à explicação sobre do que trata a pesquisa, em uma conversa informal, as colaboradoras se mostram bem empolgadas e receptivas em participar. Como já esperado, há certa resistência, quando colocado que as entrevistas seriam filmadas: “Que vergonha”, “Eu não sei falar” são as frases, bem como a preocupação com a aparência: “Filmada, assim”. No entanto, aos poucos, a timidez e a vergonha, naturalmente, dão lugar aos discursos e, no meio de uma manhã, essas soldadoras expressam para uma desconhecida sentimentos e anseios que geram risos e choros.

As entrevistadas relatam que trabalham em uma oficina, dentre muitas do complexo, e que têm colegas homens: “No setor de robô tá mais mulheres do que homem, mas na oficina em si tem mais homens” (SOLDADORA A, RELATO ORAL, ANEXO 1, p. 129, 2013). Afirmam que no setor em que trabalham – automação robótica – mulheres têm mais representatividade: “7 ou 8 mulheres para 4 homens” (SOLDADORA A, RELATO ORAL, ANEXO 1, p. 129, 2013). Os dados evidenciam que as mulheres representam o dobro de profissionais nesse setor, apesar de ainda serem uma pequena parcela no montante da empresa, que, segundo informações das próprias soldadoras, totalizam dez por cento do efetivo.

Tendo em vista que nem todas soldadoras comparecem à entrevista, em outro momento, é feita uma nova tentativa com outras cinco soldadoras, a fim de realizar as entrevistas no portão da empresa. Destas, duas se disponibilizam e, dessa forma, seus depoimentos também passam a fazer parte do *corpus* de análise.

### 3.2 ANÁLISE DO *CORPUS*

Quadro 2: Informações sobre as entrevistadas

| <b>Soldadoras</b>  | <b>Cidade natal</b> | <b>Idade</b> | <b>Estado civil</b> | <b>Filhos</b> | <b>Escolaridade</b>      | <b>Domicílio (Próprio/alugado)</b> | <b>Bairro</b>  | <b>Faixa Salarial</b>          |
|--------------------|---------------------|--------------|---------------------|---------------|--------------------------|------------------------------------|----------------|--------------------------------|
| <b>A (Anexo 1)</b> | Rio Grande          | 35 anos      | Divorciada          | 1             | Superior completo        | Do pai                             | Cidade Nova    | Dois a três salários mínimos   |
| <b>B (Anexo 2)</b> | Rio Grande          | 34 anos      | Casada              | 1             | Primeiro Grau            | Da sogra                           | Getúlio Vargas | Dois a três salários mínimos   |
| <b>C (Anexo 3)</b> | Rio Grande          | 32 anos      | Casada              | 2             | Ensino Médio             | Emprestado                         | Vila Municipal | Dois a três salários mínimos   |
| <b>D (Anexo 4)</b> | Erechim             | 39 anos      | Casada              | 3             | Curso Técnico Incompleto | Terreno da sogra                   | Vila Municipal | Dois a três salários mínimos   |
| <b>E (Anexo 5)</b> | Rio Grande          | 31 anos      | Solteira            | 0             | Segundo Grau completo    | Alugado                            | Buchholz       | Três a quatro salários mínimos |
| <b>F (Anexo 6)</b> | Rio Grande          | 39 anos      | Casada              | 2             | Superior completo        | Próprio                            | Lar Gaúcho     | Três a quatro salários mínimos |

### 3.2.1 Soldadora A (ANEXO 1)

Os primeiros dados transcritos para o quadro 1 permitem visualizar que a Soldadora A é uma mulher que já viveu diferentes situações tanto afetivas como profissionais. Divorciada e com um filho pequeno de cinco anos, hoje, possui outra profissão diferente do curso em que se formou. Graduada em Recursos Humanos não teve a oportunidade de exercer tal profissão:

Pergunta: Na tua área dos Recursos Humanos não chegaste a trabalhar?

#### Resposta 1

“Não, infelizmente, eu não consegui”.

Na escolha de suas palavras, a Soldadora A se utiliza do advérbio “não”, o qual é enfatizado para demarcar o que ela considera um fracasso na tentativa de desenvolver a atividade para a qual estudou. Para Fairclough (2001), “as frases negativas carregam tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente, incorporando outros textos somente para contestá-los ou rejeitá-los (p. 157)”. Logo, é possível depreender que, quando se escolhe um curso, uma profissão, o que se espera é poder praticá-la. Anos de estudos, sacrifícios, tudo em prol de obter uma carreira e satisfação, portanto, quando não se consegue fazer parte desse grupo, há uma frustração perante essa rejeição. Tanto é assim, que a colaboradora recorreu ao advérbio “infelizmente”, comprovando o seu descontentamento e frustração. Essa escolha deixa transparecer um sentimento de não realização profissional, advindo de uma prática social, marcada pela exclusão.

Por outro lado, o ser humano possui uma autodefesa para enfrentar as situações contrárias e a negação passa a servir como mecanismo impulsionador para vencer os obstáculos e buscar novas conquistas. Sem desistir de obter sua independência financeira e satisfação profissional, a Soldadora A encontrou na solda uma oportunidade, como destaca a respeito do destino de seu salário e a preocupação com o futuro na “Resposta 2”:

Pergunta: Qual o destino do teu salário?

#### Resposta 2

“Minha casa meu filho planos futuros um automóvel que é o meu sonho de consumo [risos] meu objetivo agora [...] futuramente né arrumar a minha casa pra ter mais conforto na

A Soldadora A estabelece um paradoxo temporal demarcado pelos advérbios “agora” e “futuramente”, demonstrando que entende que o seu salário é responsável por seu bem-estar. Ela não tem dependência financeira no presente e se preocupa com o futuro. Dentre suas prioridades financeiras, a entrevistada, primeiramente, elenca a preocupação com o futuro do filho e a casa. A casa própria é um dos objetivos da maioria das pessoas, pois esta é sinônimo de segurança. É um refúgio particular, mas também se relaciona ao poder. Quem manda dentro dela é a/o dona/o de casa. Conforme discutido no primeiro capítulo dessa dissertação, ao longo da história, as mulheres sem uma renda tinham que se submeter aos pais e maridos, muitas vezes, em troca de moradia e comida ou até mesmo de uma vida confortável, mas sempre em uma relação de servilidade e obediência.

Atualmente, essa situação se modificou e muitas mulheres não são apenas donas de casa, mas donas da propriedade, sendo responsáveis pela compra e manutenção desta. Tanto é assim que a Soldadora A demonstra essa preocupação em manter e melhorar a casa, com o auxílio do pronome “minha”. Essa posse conquistada é tão importante que um programa do governo faz tal referência, relacionando-a com um bem maior, a vida, “Minha casa minha vida”.

Além da preocupação com o conforto na residência, a Soldadora A pretende comprar um “automóvel”, seu “sonho de consumo”. O substantivo “automóvel” é outro objeto desejado relacionado com a liberdade e o poder, não designa apenas a nomenclatura de algo. É uma palavra com significados e discursos sobrepostos. São inúmeras as campanhas publicitárias que se utilizam dessas representações para impulsionar as vendas. Um detalhe importante é que nessas propagandas quase sempre os homens aparecem dirigindo o veículo, daí surgem algumas suposições, tais como o homem é quem tem o comando e é ele quem conduz as mulheres, logo, estas não têm vontade própria, são submissas, etc. A questão econômica também está presente nesses discursos midiáticos, com as propagandas voltadas para os homens é como se as mulheres não tivessem condições financeiras para a aquisição do bem.

Ao enfatizar “sonho de consumo”, a Soldadora A se insere em um universo consumista, o qual está atrelado, intertextualmente, ao mundo feminino, no entanto, seu

desejo não é por acessórios, roupas e, sim, por algo de maior vulto, que lhe possibilitará mais conforto e liberdade.

Mostra-se preocupada com o futuro. Isso fica claro ao mencionar o substantivo “velhice”, tendo em vista que esta é uma etapa em que, provavelmente, a Soldadora A não terá as mesmas possibilidades de trabalho. Por isso expõe seu objetivo profissional no enunciado que segue:

**Pergunta:** Tem algum objetivo profissional?

**Resposta 3**

*“Sim, eu pretendo fazer minha pós né e quero fazer a parte de solda tipo ficar no mesmo ramo [...] né pra mim pode de repente fazer um concurso pra Petrobras”.*

A Soldadora A tem a pretensão de continuar estudando, “Sim, eu pretendo fazer minha pós né”. O verbo “pretender” não marca apenas uma possibilidade, mas uma determinação, denotando que a Soldadora A tem objetivos a serem realizados. Para isso, investe em sua carreira no intuito de lograr uma condição melhor dentro da empresa, “quero fazer a parte de solda tipo ficar no mesmo ramo”, talvez, um cargo mais elevado. Essa situação é uma prática que ocorre em vários setores, ou seja, é comum que as pessoas queiram buscar promoções, melhores salários, como acontece aqui. A qualificação é essencial para isso, fato que a Soldadora A tem bem claro. A estabilidade financeira é mencionada pela entrevistada, “concurso pra Petrobras”. Milhares de profissionais, anualmente, fazem dezenas de concursos públicos em busca da estabilidade e a Petrobras é uma estatal importante, logo, é preciso se qualificar mesmo para tal. A Soldadora A se mostra uma mulher independente que quer ter condições melhores por meio de seu esforço, de seu trabalho. No que se refere ao estudo, a colaboradora mostra-se bem preocupada, conforme a “Resposta 4”:

**Pergunta:** O que a motivou ser soldadora?

**Resposta 4**

*“Bom eu não morava em Rio Grande eu tava fora de Rio Grande há oito anos e quando eu retornei pra cá eu fiquei sabendo que aqui a solda tava sendo do momento né tanto pra mulher aí eu resolvi fazer o curso em 2009 fiz um curso de eletrodo até paguei o curso na época foi R\$800,00 demorei dois anos e meio pra ingressar sim porque na época eles pediam 6 meses experiência na carteira porque na época não tinha a Ecovix aí demorou*

*isso aí pra consegui o emprego”.*

Dentre as entrevistadas, foi uma das que pagou pelo curso, já em 2009, quando as empresas da cidade começam a admitir mulheres nas equipes de soldagem. A Soldadora A deixa claro que, ao regressar a Rio Grande, soube que a soldagem estava “sendo do momento”. Depois, enfatiza — “tanto pra mulher” —, o que discursivamente significa que, até pouco tempo, era uma profissão somente masculina. A admissão de mulheres neste ramo é recente, uma vez que sempre foram excluídas do mesmo, por questões físicas e culturais. Em outros termos, por preconceito.

Mesmo sob esse aspecto, a Soldadora A aventura-se nesta escolha e teve que esperar dois anos para conseguir seu emprego, visto que apesar de capacitada não possuía a experiência. Essa exigência nada mais é do que uma forma disfarçada de barrar a entrada das mulheres neste setor, pois como elas teriam tal requisito se antes nem cogitavam a possibilidade de ingresso nesta área. Devido à grande demanda, esse fato deixa de ser condicional. Acerca do que exatamente consiste seu trabalho, ela destaca em seu relato:

Pergunta: Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê?

**Resposta 5**

*“Agora eu trabalho na equipe do robô né que no caso a gente trabalha com um robozinho termina a solda e aí a gente faz o visual da solda pra deixá-la direitinha pra que o rapaz responsável vá lá e verifique se tá tudo ok e libera a solda”.*

A colaboradora tem clara a sua individualidade ao utilizar o pronome “eu”, entretanto, ela se vê como equipe, “equipe do robô”. Há uma inserção do papel social, uma representação e então o “eu” passa a ser “a gente”, ou seja, mais um/a no contingente da firma, uma “peça” responsável pela engrenagem de algo maior, no caso, a construção de um navio. Até que o navio fique completamente pronto ele irá passar por várias etapas e a Soldadora A terá contribuído para isso, sob o olhar de um responsável: “o rapaz responsável vá lá e verifique se tá tudo ok e libera a solda”. Para a Soldadora A ter usado o vocábulo “rapaz”, é possível deduzir que se trata de um jovem, pelo menos, mais jovem do que ela. Seu superior é um rapaz, um jovem que, hierarquicamente, controla e avalia seu trabalho. Essas são atitudes polidas, uma estratégia para estabelecer a relação de cooperação entre as/os colegas. A este respeito, Fairclough (2001), afirma que “investigar as convenções de polidez de um dado

gênero ou tipo de discurso é um modo de obter percepção das relações sociais dentro das práticas e dos domínios institucionais” (p. 204). A Soldadora A complementa sua explicação sobre o trabalho, explicitando como é o “robozinho” em sua descrição:

Pergunta: Como é esse robozinho?

**Resposta 6**

*“Ai é uma é um quadradinho assim de ferro né e ali a gente coloca a tocha da onde sai o arame e aí a gente liga ele quando ele funciona bem né aí ele vai e faz a solda pra nós até a gente não sente tanta dor nas costas na hora né só na parte do visual que a gente cansa mais joelho coluna”.*

Mais uma vez, a entrevistada utiliza “a gente” para falar do seu trabalho, reforçando a ideia de grupo, de equipe e se distanciando do “eu”, da individualidade. Para Fairclough (2001), essa é uma estratégia da polidez, uma maneira da Soldadora A rebater possíveis ameaças (p. 206). Tal fato, somado a vestimentas, uniformes, evidenciam uma historicidade, um papel social, mas, ao mesmo tempo, um apagamento do sujeito e, principalmente, da mulher.

O uso do diminutivo “inho”, “robozinho”, “direitinho”, “quadradinho” para se referir ao trabalho é uma marca relacionada com a meiguice, uma estratégia da polidez, uma prática discursiva que dá ideia de afeto, carinho. É o que mostra a Soldadora A se referindo ao seu filho “um gurizinho”. No que tange às escolhas lexicais da entrevistada, é possível observar que ela utiliza o pronome possessivo “meu”, em sua resposta à pergunta “Onde fica o teu filho no período em que trabalhas?”:

**Pergunta:** Tens filhos pequenos, onde ficam as crianças no período em que trabalhas?

**Resposta 7**

*“É no caso de manhã ele fica com meu pai que ele já é aposentado aí na parte de meio dia meu pai leva ele até a escolinha e da escolinha a professora responsável leva ele até o colégio onde ele tá fazendo o jardim”.*

Por meio do pronome “meu”, é reafirmada a posse e com o acréscimo do substantivo “pai”, há a representação de filha da soldadora. Neste momento da entrevista, a Soldadora A

passa a ocupar o lugar de filha. Em outros termos, ela assume uma posição social que acarreta ações, identidades e ideologias diferentes daquelas que a entrevistada assume quando no desempenho de sua profissão. Além disso, nesse modelo de família, a Soldadora A ao destacar que seu pai é “aposentado”, explicita que os papéis hierárquicos se invertem. O adjetivo aposentado condiciona que o genitor não faz mais parte do mundo produtivo e, portanto, pode desempenhar o papel atrelado às mulheres, o de cuidador. No discurso da Soldadora A, nota-se esta ressalva que não poderia acontecer se o pai não estivesse aposentado. Essas são relações intertextuais que surgem em meio ao discurso.

Da mesma forma que a Soldadora A se dedica à profissão, dedica-se também a seu filho, conforme nos mostra o excerto a respeito de como administra seu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais.

Pergunta: Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

**Resposta 8**

*“É quando eu chego em casa eu tenho que dar banho no meu filho né ajeitar a comida dele brincar com ele dar atenção porque tá sempre no 220W aí alimento ele tomo meu banho janto no caso e aí me deito com ele”.*

Ao desempenhar a função de mãe, a soldadora reforça seu papel social e utiliza o pronome “eu” para demarcar seus afazeres, ou seja, os cuidados com o filho, já o possessivo “meu” marca, além da posse, a dependência da criança. A soldadora A se refere ao menino com o substantivo “filho”, com o uso do pronome “ele” e da contração “dele”, dando a entender que em seu lar o seu papel é de mãe e dona de casa, visto que recorre aos termos que remetem aos afazeres das mulheres/mães: limpeza e alimentação. Por meio desses pronomes, a soldadora constrói sua representação, enquanto sujeito agente. Há uma preocupação por parte da informante em alimentar e higienizar a criança: “dar banho no meu filho né ajeitar a comida dele”. Ao utilizar os verbos “dar” e “ajeitar”, a soldadora afirma a dependência de seu filho, o qual necessita de seus cuidados. Além disso, a afirmação “dar atenção porque tá sempre no 220W” elucida que, apesar de todos os afazeres profissionais e domésticos, uma criança necessita de energia e disposição, logo, em meio à dupla jornada de trabalho, a soldadora também tem essa preocupação. Intertextualmente, surge o discurso da mãe ideal, a única responsável pelo zelo da família. Isso se intensifica quando a Soldadora A é questionada sobre o que faz quando está de folga:

**Pergunta:** O que costumas fazer quando estás de folga?

**Resposta 9**

*“Ah eu saio com meu filho o que dá pra arrumar na casa eu ajeito mas eu procuro ficar com ele leva ele pra passeá leva ele pra comê fora ficar com ele meu filho é primordial”.*

No recorte, é possível perceber um discurso intertextual, o do “dever” das mulheres se responsabilizarem pelos cuidados com seu filho: “meu filho é primordial”. Ao utilizar o adjetivo “primordial”, intertextualmente, a Soldadora A evoca o discurso de boa mãe, ou seja, ela tem claro a sua ausência ocasionada pelo trabalho, mas encontra um meio de intensificar os períodos que está com seu filho. Ao falar sobre seu tempo de folga, a soldadora repele o papel de boa dona de casa ao afirmar: “o que dá pra arrumar na casa eu ajeito”. A operária está ciente e traz o discurso do ideal de mulher que existe desde sempre: responsável pelos afazeres domésticos e os cuidados com a família. Em contrapartida, por meio do uso do verbo “ajeitar” explicita que não se mostra tão preocupada com a arrumação da casa, função tida como essencialmente feminina. Tal afirmação sinaliza que ocorrem muitas mudanças que propiciam a entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho, o que gera uma sobrecarga de afazeres – domésticos e profissionais.

Além da presença dessas vozes que relacionam as mulheres ao lar, na prática discursiva, nesse cenário da empresa em que predomina o masculino, existem situações que o uniforme largo e solto não impede que aconteçam. Questionada sobre se já passou por alguma situação constrangedora no seu emprego por ser mulher, a Soldadora A relata:

**Pergunta:** Já passaste por alguma situação constrangedora no emprego por ser mulher?

**Resposta 10**

*Eu tava soldando né na posição de quatro e aí chegô um amigo meu e perguntou [...] – vai demorar muito aí e eu disse não já tô quase terminando por que precisa de alguma coisa – Não porque assim mata o papai aí eu fiquei roxa de vergonha né aí peguei nem consegui falar nada né comecei a soldar meia de ladinho pra tentar disfarçar mas foi bem constrangedor.*

O corpo da Soldadora A mesmo que disfarçado em um uniforme desperta o interesse do homem por suas características físicas associadas ao prazer e ao desejo, ao mesmo tempo

em que reforça o discurso ideológico referente à sexualidade feminina como único e importante atributo das mulheres.

O discurso da sexualidade feminina e da sedução é intensificado na gíria “assim mata o papai”, a qual dá a entender que a Soldadora A é a responsável por despertar o desejo do homem ainda que não tivesse a pretensão. A entrevistada, apesar de relatar o constrangimento, ao utilizar o adjetivo “roxa”, também recorre ao diminutivo “ladinho” no intuito de minimizar a situação. O uso da gíria “assim mata o papai” ficou conhecido a partir da música da banda Sorriso Maroto, trilha sonora da novela Avenida Brasil. A letra da canção trata justamente da sedução feminina e caiu no gosto popular. É atribuída à mulher a culpa por despertar no homem o desejo, quando, na verdade, a trabalhadora estava executando sua função, sem, aparentemente, intenção de provocar o apetite sexual do colega.

Por outro lado, o uso do substantivo “papai” remete, intertextualmente, ao discurso patriarcal e ao ambiente familiar. Há a intertextualidade manifesta, ou seja, aquela que, para Fairclough (2001), pode ser visualizada no intertexto, a partir da relação direta com a música. Porém há a presença da intertextualidade constitutiva, a qual propicia a leitura de outros discursos, inseridos no discurso da soldadora. Discursivamente, o termo coloca o colega em posição superior e de domínio sobre a soldadora.

### 3.2.2 Soldadora B (ANEXO 2)

A Soldadora B é casada, tem uma filha de quatro anos e seu marido também trabalha na empresa Ecovix. Quando questionada sobre onde fica sua filha no período em que está na empresa, ecoam as vozes que começam a demarcar sua história de vida:

Pergunta: Onde fica tua filha quando estás trabalhando?

#### **Resposta 1**

*“Ela fica na escolinha, é meio complicado o horário da escolinha mas... ela fica na escolinha ah mas só que eu tenho que pagar uma pessoa para levar ela pra pegar ela porque o horário da escolinha não é o mesmo que eu venho trabalhar”.*

Ao escolher o adjetivo “complicado”, a informante nos contextualiza uma rotina que começa cedo, as quinze para as seis da manhã, e evidencia a dificuldade de uma ação que, em um primeiro momento, parece fácil: levar a filha para a escola, ou melhor, “escolinha”. A Soldadora B recorre ao diminutivo, uma estratégia da polidez, para dar um tom eufêmico a uma atividade que lhe é tão dolorosa.

A mãe Soldadora B não dispõe de tempo para desempenhar tal função e recorre a uma terceira pessoa para fazê-la, tendo que pagar por esse serviço. A existência de empregadas domésticas, que trabalham diariamente, muitas vezes, por salários indignos (apesar da legislação trabalhista), parece ser um diferencial do Brasil, frente a outros países, como os Estados Unidos, por exemplo. Além disso, esse fato leva a perceber a ocorrência de um discurso, que aponta para um sistema econômico e cultural específico de uma situação que diz respeito ao âmbito do feminismo. Se a esmagadora maioria das empregadas domésticas é de mulheres, parece que se cria uma cadeia de dependências entre patroa e empregada, o que contribui para reforçar discursos no âmbito psicossocial, que, no caso, se entrelaça ao econômico. A observação do perfil da Soldadora B, neste particular, traz uma marca de superioridade — patroa VS empregada —, que ocorre devido à conquista de um espaço concretizado pela equação poder/submissão.

Essa ocorrência vem a confirmar as estatísticas de que o setor relacionado com o cuidado é um dos que mais admite mulheres. Além do comprometimento financeiro, o que está implícito é a impossibilidade de a Soldadora B cumprir seu papel de mãe, o qual está

ideologicamente impregnado em sua construção social pelos discursos naturalizados, intertextuais. Formas simbólicas produzidas, transmitidas e perpetuadas ao longo dos anos. Tanto é assim que, por outro lado, apesar de todas as conquistas das mulheres, ainda existe essa prática discursiva na sociedade contemporânea de que a mãe não pode se ausentar de casa. Ainda no que se refere a separação da filha, a Soldadora B pondera na “Resposta 2”:

Pergunta: Como te sentes em não poder ficar com ela?

**Resposta 2**

*“A gente se sente mal por causa que eles cobram da gente eles dizem “ai mãe vais estar em casa hoje, não vais estar comigo”.*

A entrevistada não se vê sozinha nessa situação, coloca-se como “a gente”, ou seja, vê-se como participante de um grupo de mulheres/mães trabalhadoras que não podem ficar com seus filhos. Ao mesmo tempo, generaliza seu filho por meio da escolha do pronome reto “eles”, os filhos, visto que não só ela e sua família passam por essa situação, portanto, solidariza-se polidamente com as outras trabalhadoras.

Pergunta: Como te sentes em não poder ficar com ela?

**Resposta 3 (complemento da resposta 2)**

*“Quando a gente mesmo tem alguma apresentação na escolinha a gente não pode tá saindo todos dia do serviço, eles não se opõem da gente sair, se a gente precisar sair eles deixam a gente sair, mas a gente se sente mal de tá tendo que sair seguida aí...”.*

Já em outra passagem: “se a gente precisar sair eles deixam”, utiliza o mesmo pronome para se referir aos chefes e, assim, marca a relação de poder, sem recorrer a nomenclaturas como “chefes”, “chefias”, “patrões”. Com isso, a Soldadora B cria uma aparente proximidade sem elencar cargos hierárquicos que remetem, muitas vezes, a situações conflituosas de patrão/empregado, em uma relação interpessoal e vertical. Este recurso de uma atitude polida possibilita uma relação mais íntima porque, de fato, existe a possibilidade de ausência da profissional em alguns momentos. No entanto, ela tem consciência de que isso não deve ser recorrente, pois pode afetar seu desempenho profissional.

A partir dessas colocações, relações intertextuais são feitas com vários discursos históricos sobre a dificuldade de a mulher conciliar a dupla jornada de trabalho. Como já mencionado anteriormente, uma das maiores barreiras de as mulheres permanecerem em seus

empregos é a maternidade, por isso, a trabalhadora não se permite sair seguidamente. Em alguns momentos da vida das crianças, não está presente e sofre com isso. Ao usar a forma coloquial do pronome reto “nós”, ela marca sua posição e, ao mesmo tempo, parece fazer um desabafo coletivo dessas mulheres trabalhadoras. Há uma solidariedade entre as mães/soldadoras que passam por essa mesma situação.

Quando a Soldadora B se manifesta acerca da responsabilidade pelos afazeres domésticos, volta a utilizar o pronome “eu”, para enfatizar sua posição no espaço discursivo, ao mesmo tempo em que reafirma a concretude da dupla jornada.

Pergunta: Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

**Resposta 4**

*“Eu, quando eu chego em casa no caso eu tenho que fazer senão a casa sobe em cima da gente [risos]”.*

Nessa passagem, é como se a casa criasse vida e travasse uma luta diária com a Soldadora B. Há a personificação da residência: “senão a casa sobe em cima da gente”. Esse ideário remete a um discurso intertextual, o qual é recorrente, principalmente, pelas empresas de produtos de limpeza que se utilizam de *slogans*: “combata os germes, combata as bactérias”, remontando um ambiente de guerra contra a sujeira e a bagunça da casa. Para Fairclough (2001, p. 136), essa relação intertextual é constitutiva à medida que está implícita no discurso da Soldadora B, ao mesmo tempo em que representa a configuração de uma convenção. Nessa guerra diária, a informante, como grande parte das mulheres brasileiras, possui uma forte aliada, a máquina de lavar roupas, sinônimo de liberdade de uma tarefa centenária própria ao universo feminino, conforme explicitado na “Resposta 5”:

Pergunta: Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

**Resposta 5 (complemento da resposta 4)**

*“[...] tenho que limpar se alguma coisa tá suja, tem que botar roupa na máquina botar roupa na corda, tirar da corda dobrar [risos]”.*

A Soldadora B narra uma rotina de trabalho explicitada pelos verbos: “ter”, “limpar”, “botar”, “dobrar”. O verbo “ter” expressa uma obrigação, ou seja, é função da Soldadora B desempenhar as tarefas de limpeza e de trato com as roupas. Entretanto, por meio dos risos,

transparece uma conformidade com a situação, decorrente da dupla jornada de trabalho. Segundo, Fairclough (2001, p. 207), o *ethos* é um processo intertextual, relacionado ao comportamento verbal e não verbal. As atitudes corporais também corroboram a construção da imagem do sujeito. Sendo assim, o sorriso tem importante papel na construção do discurso. Na análise, este significa e questiona ironicamente a condição da sobrecarga feminina, a qual também inclui os cuidados com a filha relativos à alimentação e higiene.

Pergunta: Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

**Resposta 6 (complemento da resposta 4)**

*“Ah, tenho a minha filha pra dar banho tenho que ver os cadernos dela, ver se tem alguma coisa que a professora mandou né [...] tem comida tem tudo né da comida pra minha filha”.*

A Soldadora B utiliza o pronome indefinido “tudo” para descrever o que tem a fazer em seu lar. É possível recuperar a lida diária de uma dona de casa, com seus inúmeros afazeres. Como a entrevistada cumpre uma jornada de trabalho na empresa foi questionada se dá tempo para “tudo”.

Pergunta: Dá tempo para tudo?

**Resposta 7**

*“Às vezes, dá, às vezes, tem coisas que a gente vai empurrando com a barriga né [risos] aí o fim de semana que é dia da gente descansar aí a gente vai fazer aquilo que foi empurrado com a barriga [risos]”.*

A Soldadora B se mostra conformada com a sua dupla jornada: utiliza a expressão “empurrando com a barriga”, em meio a risos. Tal manifestação do pensamento faz parte da linguagem informal e é utilizada quando há a protelação de algo que é necessário ser feito. O verbo “empurrar” denota que muitas mulheres, ao terem de desempenhar a dupla jornada, muitas vezes, acabam deixando para depois uma parte do serviço doméstico, o que, para alguns homens e mulheres, ainda é algo inconcebível, defendido por uma ideologia patriarcal.

Com apenas o primeiro grau completo, a Soldadora B relata que, antes de desempenhar tal função, trabalhava em uma fábrica de peixe da cidade. Essa atividade não exige estudo e nem qualificação, pois o serviço é braçal e a única exigência é o esforço físico. No resgate histórico feito nesta pesquisa dos empregos destinados às mulheres na cidade do Rio Grande, um deles é justamente nas fábricas de peixe, setor relacionado à alimentação, que

ainda emprega muitas mulheres. A informante afirma que o interesse pela nova profissão envolve o salário. Seu esforço físico ainda é maior.

Pergunta: O que a motivou ser soldadora?

**Resposta 8**

*“Ah eu queria ganhar mais progredir dar um futuro melhor pra minha filha [...] Ah diferença salarial né, o salário porque o esforço físico o nosso é bastante até mais, mas acontece que o salário é bem melhor né”.*

A Soldadora B foi motivada a se inserir neste ramo pelo retorno financeiro, como se percebe no enunciado, “Ah eu queria ganhar mais progredir dar um futuro melhor pra minha filha”. O verbo “progredir” está relacionado a uma nova prática social em que as mulheres também têm a chance de alcançarem seus objetivos. Uma de suas metas é dar melhores condições a sua filha, porém, a seguir, explicita o destino de seu salário.

Pergunta: Qual o destino do teu salário?

**Resposta 9**

*“Ah ajudar em casa, a escolinha da minha filha é... as compra, é as coisa que tem que comprá, roupa pra minha filha as coisa da escolinha dela”.*

Neste trecho, em um primeiro momento, a entrevistada recorre ao verbo “ajudar”, “ajudar em casa”. Com tal escolha lexical, seu discurso apresenta uma contradição, à medida que o “ajudar” é atravessado por sentidos variados relativos ao pagamento das despesas como “alimentação, vestuário, educação”. Embora responsável por essas despesas domésticas, a Soldadora B se coloca em posição secundária, isso é, subestima sua atuação no espaço familiar. Ela ressalta que seu marido também trabalha na empresa e, supostamente, seu salário deve ser equiparado ao dela, logo, os dois têm importância econômica para o sustento da família. Porém, seu discurso está arraigado intertextualmente a um pensamento em que as mulheres não podem ser provedoras do sustento, apenas colaboradoras. Esse discurso é o que Fairclough (2001) afirma ser exemplo de intertextualidade constitutiva, ou seja, discursos implícitos passados e perpetuados.

A Soldadora B conta um pouco do seu trabalho e faz referências também ao método utilizado para soldar, o qual está amparado por um robô.

**Pergunta:** Fala um pouco do teu trabalho: fazes exatamente o quê? Qual é a tua jornada de trabalho?

**Resposta 10**

*“Eu soldo com um robô a gente solda a gente pega o robô pega as máquina de solda arame e a gente solda bota pra soldar a gente bota os biombo pra proteger os colegas e a gente mesmo a vista né por causa que a caloria da solda e aí a gente pega o serviço às sete e meia da manhã no caso a gente faz a elaboral, depois da nossa elaboral a gente bota o couro e vai soldá aí depois dez para o meio dia a gente tira o couro se limpa e vem almoçar aí a uma hora a gente retorna do almoço a gente retorna pra oficina pra trabalhar”.*

O uso dos pronomes “eu” e o nós na variedade não padrão da norma culta “a gente” denota a identificação social enquanto indivíduo e ser pertencente a um grupo, bem como um recurso da fala para dar continuidade ao discurso. A entrevistada se vê no coletivo ao retomar a forma “a gente”, deixando claro que na empresa ela faz parte de um grupo de soldadoras que desempenham a mesma atividade. Nessa descrição do seu dia a dia na empresa, a Soldadora B, por meio de uma metonímia, refere-se a um termo que sofreu influência social, o “couro”, para se referir à vestimenta de trabalho que é deste material “a gente bota o couro e vai soldá”. O substantivo “couro” é uma palavra que, segundo Fairclough (2001), “está em disputa social e admite significados sobrepostos ao do dicionário” (p. 105). No dicionário Aurélio, couro significa “pele espessa de certos animais” e “dar prejuízo total a alguém”. Essas relações de sentidos inevitavelmente emergem e criam uma imagem negativa pela comparação a animais e à exploração. Isto é, a empresa não precisa de seres pensantes e sim de força de trabalho.

Apesar dessa “proteção”, a Soldadora B explicita uma consequência de seu trabalho: as queimaduras. Nessas empresas, os acidentes são comuns e muitos não são divulgados. Sobre essa questão, a colaboradora se manifesta na resposta à pergunta seguinte:

**Pergunta:** Sobre o que tu disseste anteriormente tu tiveste o teu rosto queimado por causa da solda, queimaste teu rosto?

**Resposta 11**

*“Não, assim, a solda geralmente a gente tem que passá o protetor solar, a gente tem que usar óculos escuro pra soldar com robô porque ele vai queimando né a gente a gente a radiação faz a gente ir queimando o rosto quem é clara mesmo se não é um protetor solar bem forte fica sai de lá um pimentão, bem vermelhona”.*

Nos postos de trabalho, as faíscas e respingos provenientes da soldagem saltam em várias direções, colaborando para possíveis queimaduras. Dependendo do local e do contato, o dano pode ser bem grave. O uso da locução verbal “vai queimando” anuncia que este é um processo que se dá gradativamente, mas com sérias consequências. A Soldadora B faz referência à cor da pele queimada com o adjetivo “vermelhona”, ou seja, uma causa em decorrência da queimadura. Tal afirmativa comprova a periculosidade da profissão, ao mesmo tempo em que desconstrói, intertextualmente, o discurso do sexo frágil. Além disso, destaca, na “Resposta 12”:

Pergunta: E os teus joelhos como estão?

**Resposta 12**

*“Tão pretos tão pretos de tá ajoelhada mas a gente tem que trabalhar e quer trabalhar né”.*

“Pretos” é o adjetivo para caracterizar seus joelhos, os quais sofrem a ação do trabalho. A postura corporal também é um problema para essas trabalhadoras: as soldadoras permanecem excessivamente em uma mesma posição, gerando desconforto e escurecimento da pele. Além disso, tal característica referida ao corpo da Soldadora B não condiz com o ideal corpóreo feminino. Em nível intertextual, há uma desconstrução do estereótipo feminino, o qual preconiza a pele feminina lisa, alva, macia e não enegrecida. As consequências do trabalho se tornam visíveis e passam a fazer parte do corpo feminino por meio das marcas que o serviço perigoso, braçal e pesado deixa, pois, conforme o enunciado da Soldadora B, na “Resposta 13”:

Pergunta: Como procedes com os materiais de trabalho, os cabos?

**Resposta 13**

*“Ah a gente tem ah o rolo de arame tem 15 quilo a máquina não sei quantos quilos tem mas é pesada também e a gente bota o rolo de arame dentro da máquina aí a gente bota a tocha aí a gente bota cabo e puxa tudo né. Até o local que tem...? Até o local e serviço e às vezes a gente muda dum lugar pro outro tá toda hora mudando que acabou aquela solda tem a solda mais na frente tem solda em outra peça e lá vai a gente com máquina com tocha com tudo”.*

Ao fazer tal relato, de acordo com o recorte no enunciado — “mas a gente tem que trabalhar e quer trabalhar né” — a Soldadora B explicita, não uma reclamação, mas a contestação de que, apesar de ser perigoso, este trabalho tem um lado positivo: possibilita uma vida mais digna, porque paga bem, talvez; além de satisfazer sua vontade de trabalhar. O verbo “ter” expressa a necessidade da Soldadora B de trabalhar. Em contrapartida, a necessidade é abafada pelo verbo “querer”. Este uso repele os discursos intertextuais que vinculam as mulheres ao sexo frágil e constituem os sujeitos. Quanto ao perigo oriundo do trabalho, a entrevistada deixa claro que os corpos femininos suportam o peso e estão sujeitos aos mesmos riscos dos corpos masculinos, portanto, podem designar iguais tarefas e delinear essa nova representação feminina: soldadora. Apesar dessa aparente igualdade de tarefas, ainda há resquícios de ideias que remontam à separação sexual das tarefas e que relacionam as mulheres aos afazeres domésticos. No seu depoimento, a Soldadora B traz um dado novo, com implicações de gênero, sobre o tema, na resposta seguinte:

Pergunta: E quando não tens o que fazer, o que fazes?

**Resposta 14**

*“Quando não tem o que fazer a gente varre a oficina”.*

O verbo “varre” demarca que não importa que as mulheres trabalhem fora de casa e demonstrem que são competentes, à medida que “a vassoura” as persegue: “a gente varre a oficina”. Com isso, intertextualmente, vem à tona todo o pensamento de que as mulheres deveriam ficar no ambiente doméstico, cuidando da casa, do marido e dos filhos, como se essas tarefas fossem atribuições somente femininas. Esses discursos arraigados na prática social que podem ser pressupostos, deduzidos são indícios da intertextualidade constitutiva. Os sujeitos constituem seus discursos na relação com outros textos e, assim, constituem-se. Ao dar segmento a sua reflexão, a informante se manifesta acerca do que cansa mais, varrer ou soldar:

Pergunta: E o que cansa mais varrer a oficina ou soldar?

**Resposta 15**

*“Eu acho que varre é mais cansativo pela monotomia de tá com a vassoura de do tempo não passá por causa que a gente soldando as horas passam bem rápido e na vassoura as horas custam a passá e é o que faz ser cansativo as horas não passá a gente já varreu toda a*

*oficina não tem mais o que varrer e a gente tem que tá ali procurando o que fazê e não tem mais nada que fazê então isso é cansativo a gente não tem nada que fazê e tá ali com a vassoura e tendo que tá fingindo que tá varrendo porque não tem mais nada que fazê, mas é a verdade [risos]”.*

A Soldadora B deixa evidente as relações intertextuais entre a mulher e a vassoura<sup>23</sup>, ou seja, é de conhecimento de todos, que o substantivo “vassoura”, desde sempre, está atrelado às mulheres como um instrumento de trabalho no lar. Apesar de a Soldadora B estar exercendo sua profissão, para a qual se qualificou, ela tem que enfrentar a dupla jornada, que, ao voltar do emprego, se materializa nos entediantes afazeres domésticos.

Nesse discurso, estão incutidas outras vozes como, por exemplo, a de que o trabalho de limpeza não é valorizado e as máximas de que “lugar de mulher é em casa, etc.”. Essas vozes são o que para a ACD é a intertextualidade constitutiva de ordem cultural. Ela responde a seguir:

Pergunta: Os homens varrem a oficina?

**Resposta 16**

*“Ah raramente mais é as mulher, mais os homens também varrem mas mais é as mulher”.*

O uso do advérbio “raramente” precedido do advérbio de quantidade “mais” comprova que essa ação quase nunca é desempenhada por homens. Tais comportamentos remontam a uma sociedade em que os papéis e as representações de masculino e feminino ainda estão atreladas a padrões pré-estabelecidos, divididos pelo sexo. Para corroborar com essa visão, a Soldadora B relata uma situação constrangedora, na “Resposta 17”:

Pergunta: Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher? Podes relatar?

**Resposta 17**

*“Ah eu acho que às vezes tem alguma piadinha, alguma coisa mais isso a gente leva pra*

---

<sup>23</sup> Outra relação implícita entre o objeto e as mulheres é referente ao mito das bruxas. No imaginário social, algumas mulheres, na Idade Média, são feiticeiras. Dentre seus poderes, transformam a vassoura em um meio de transporte altamente veloz. Ainda que não seja esta a temática desta dissertação, é uma reflexão possível, pois, este discurso, ao dar outro sentido à vassoura, promulga a libertação das mulheres dos afazeres domésticos. O instrumento nessa ótica é visto com uma outra utilidade, diferentemente para a qual foi criado.

*frente, alguém dizendo que a gente é mulher e que a gente não vai ter privilégio, mas a gente não tá aqui atrás de privilégio, a gente quer trabalhá mesmo”.*

A Soldadora B não nomeia quem faz as piadinhas, ao elencar o pronome indefinido “alguém”. A partir disso, a pressuposição é a de que os soldados, homens, comprovando o tom polido de sua fala. Ao utilizar o substantivo piada no diminutivo “piadinha”, há uma estratégia da polidez para não gerar conflitos.

Ela deixa transparecer que não se ofende com as possíveis manifestações irônicas por parte de seus colegas, as quais, em suas palavras, são até motivo de humor, uma vez que o gênero discursivo piada é humorístico. Por outro lado, tal gênero é permeado de sentidos ideológicos que ajudam a manter os estigmas, como as piadas sobre “a loira burra”. Ao afirmar que: “a gente é mulher e que a gente não vai ter privilégio”, surgem os resquícios de uma sociedade por meio do substantivo “privilégio”. Esse seria o “privilégio” feminino, o qual não existe no entender de Guiraldelli (2007):

Cabe lembrar que a mulher não participa apenas do mercado de trabalho, ou seja, assumindo funções produtivas, mas também as funções reprodutivas, além do trabalho doméstico onde se prevalece a responsabilidade feminina, permitindo com isso transmitir à mulher uma carga tripla de jornada de trabalho, ou seja, o trabalho extra domicílio, o cuidado com os filhos e as tarefas do lar (p. 6).

A imagem da inferioridade feminina desaparece na dupla, tripla jornada de trabalho. As mulheres, no espaço doméstico, desempenham várias funções. Além de limpar e organizar a casa, são cozinheiras, passadeiras, motoristas e cuidadoras. Cuidam dos filhos e também de parentes idosos que necessitam de auxílio, adicionando à lista de papéis, a função de enfermeiras. Em meio a tantos afazeres, o tempo para o lazer se torna escasso. Isso se confirma na declaração da Soldadora B acerca do que faz no domingo, suposto dia de folga, na “Resposta 18”:

Pergunta: O que costumas fazer quando estás de folga?

**Resposta 18**

*“Geralmente a folga da mulher é trabalhar em casa né [risos] mais a gente tem que arrumar um tempo pro filho pros filhos pro marido então a gente sai passeia mais trabalho sempre tem [risos]”.*

O discurso espelha uma realidade de muitas mulheres que arcam com todas as tarefas domésticas e trabalham fora. Tanto isso ocorre que a entrevistada utiliza uma frase afirmativa “Geralmente a folga da mulher é trabalhar em casa”. O uso do advérbio “geralmente” assinala que esta é uma prática comum entre as mulheres, as quais abdicam de seu período de lazer, a fim de cuidarem das atividades necessárias para o bem-estar dos familiares. A Soldadora B se inclui na categoria de “mulher trabalhadora/dona de casa” e se vê nesse discurso hegemônico, que é normalizador, conformador de uma prática social aceitável, visto que a Soldadora B sorri em meio a seu discurso, como quem aceita passivamente a situação. Além do sorriso, a soldadora gesticula com os ombros, e torce a boca: reações típicas de quem não tem outra opção. Estas manifestações, além das que foram proferidas verbalmente, também compõem o *ethos*, a construção da sua imagem, da sua representação, pois conforme Fairclough (2001), “o *ethos* é manifestado pelo corpo inteiro não só pela voz” (p. 208).

### 3.2.3 Soldadora C (ANEXO 3)

A Soldadora C desde seus 18 anos sabe o que é ser mãe. Engravidou cedo e, a partir de então, desempenha seu papel social, voltado para a família e a casa. Paralelamente, sempre trabalhou e descobriu na soldagem uma oportunidade de emprego, a qual a possibilita realizar alguns sonhos. No enunciado da resposta 1, ela confirma essa afirmativa:

Pergunta: Tu estavas me dizendo que tu entraste para cá com um objetivo não é isso?

#### **Resposta 1**

*“É eu queria financiar minha casa e já tô entrando com os papéis [risos] não vejo a hora”.*

A Soldadora C, por meio do verbo “financiar”, refere-se à questão econômica, a qual pode ser melhorada com o seu ganho: “É eu queria financiar minha casa”. Seu salário irá possibilitar a realização da compra da casa própria. O substantivo “casa”, para essa soldadora e, para a maioria das pessoas, é sinônimo de proteção e tranquilidade. Ao comprar a casa, ela não será apenas dona de casa no sentido de ter que arcar com os compromissos domésticos, mas será a dona da propriedade. Mais do que o dinheiro para a compra, em sua fala, fica claro também que a iniciativa em realizar os trâmites foi sua: “já tô entrando com os papéis”. Com tal afirmativa comprova uma condição, na qual as mulheres têm poder de compra e de decisão. Nessa situação, em nível intertextual constitutivo, há mudança de uma prática social. Historicamente, cabia aos homens a aquisição da casa própria e esse discurso ainda é vigente em grupos sociais mais tradicionais. A Soldadora C mostra em sua prática discursiva uma mudança que pode contribuir para transformar esse pensamento naturalizado. A conquista traz privações e a mulher feliz e determinada dá lugar a uma mãe apreensiva por ter de deixar seu filho e ter de trabalhar, conforme elucidada em sua “Resposta 2”:

Pergunta: Como te sentes em não poder ficar com eles?

#### **Resposta 2**

*“Ah a gente fica meio aborrecido já bah é a parte é a pior parte é a pior parte do emprego é a gente ter que abandoná os filhos tão precocemente né é complicado mesmo”.*

Em sua resposta, a Soldadora C, ao se lamentar, utiliza o verbo “abandonar”, mas não há abandono, de fato, essa é uma prática que possibilita que as mulheres possam trabalhar

fora de casa. Por meio da intertextualidade constitutiva, é possível perceber a presença do discurso da culpa. A mãe ao escolher o verbo “abandonar”, culpa-se, pois foi criada em meio a ideologias que lhe foram passadas ao longo dos anos, as quais baniam as mulheres que não ficassem com seus filhos em tempo integral, educando-os e cuidando-os. Esse sentimento é projetado para as outras mulheres soldadoras. Há uma comunhão dos sujeitos femininos representados por “a gente”, que engloba as trabalhadoras, operárias que têm de deixar seus filhos para poderem trabalhar.

Para a Soldadora C, esse processo de separação se dá de maneira dolorosa ao caracterizá-lo com um adjetivo que exprime tristeza: “aborrecido”. Apesar da felicidade do êxito profissional, essa sensação não é plena, em decorrência de não poder compartilhar de todos os momentos de seu filho. Esse sentimento de descontentamento é novamente referenciado em seu relato:

**Pergunta:** Como te sentes em não poder ficar com eles?

**Resposta 3 (complemento das resposta 2)**

*“Ah é bem complicado bem complicado porque agora ele já tá se acostumando já tá acostumado com a escolinha mas antes ele chorava aí a minha filha tinha que ficar com ele até um certo horário ele se queixava pra mim bah mãe não quero ir pra escolinha agora ele já tá bem acostumado com a escolinha mas foi bem complicado agora mesmo ele não quer ficar em casa final de semana ele que tá na escolinha então ele se adaptou bastante mas foi bem é bem complicado”.*

Ao definir a situação como “complicada”, a Soldadora C deixa transparecer que realmente foi difícil para ela e para seu filho essa separação que a criança parece já ter superado, mas a mãe ainda não. O adjetivo “complicado” revela a relação intertextual constitutiva da Soldadora C com o papel e o discurso de boa mãe, preconizado pela sociedade: dedicação aos filhos, ao marido e à casa. As mulheres ao tomarem os espaços públicos não conseguem se desvincular do ambiente doméstico, o que acarreta a sobrecarga de trabalho e a própria insatisfação por não cumprir plenamente seu papel. Quando descreve sua rotina também explicita a dificuldade que é realizar sua dupla jornada.

**Pergunta:** Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

**Resposta 4**

*“[...] chega em casa é roupa pra tirar da corda geralmente ainda tá na hã corda roupa pra*

*lavar lixo pra botar na rua é almoço pro João Vitor levar pra escolinha no outro dia é almoço pra minha filha é cansativo bem cansativo”.*

A partir do verbo “lavar” em: “roupa pra lavar”, é possível perceber que os cuidados com as roupas ficam a seu cargo, bem como a alimentação: “é almoço pro João Vitor”. Essa atribuição só é quebrada com o uso do advérbio “geralmente”, isto é, pode ser que algum dia, por eventualidade, alguém tenha tirado a roupa da corda, mas não há um compromisso de mais nenhum outro familiar, porque tal atividade está atrelada à Soldadora C. A prática é descrita com naturalidade e aceitação, pois as mulheres ao conquistarem os espaços públicos assumem a dupla jornada de trabalho. Isso faz com que as mulheres adoeçam por tentar dar conta de tudo e de todos, quando mulheres e homens deveriam ter as mesmas responsabilidades, como enfatiza a Soldadora C em: “é roupa pra tirar da corda [...] ainda tá na hã corda”. Se houvesse uma divisão das tarefas, não haveria sobrecarga. Isso, em acordo entre os familiares foi colocado, embora o resultado da conversação não tenha sido o melhor para a entrevistada, conforme sua “Resposta 5”:

**Pergunta:** Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

**Resposta 5**

*“Ah eu a minha filha e o meu esposo lá em casa todo mundo trabalha [risos] mas a Amélia mesmo sou eu”.*

Ao se intitular “Amélia”, a Soldadora C evoca o discurso intertextual manifesto e o constitutivo do mito “Amélia mulher de verdade”, eternizado no poema-canção de Ataulpho Alves e Mario Lago, de 1940. Há uma identificação explícita do discurso e outra constitutiva, levando em conta os significados sobrepostos na palavra. A composição apresenta um paradoxo social – a insatisfação e a conformidade da mulher. O enredo versa sobre o conflito amoroso entre um homem e duas mulheres: a exigente, que não aceita a pobreza e a Amélia que aceitava tudo em prol do amor e, por isso, é digna de saudade. A partir de então, o substantivo “Amélia” passa a fazer parte do vocabulário e consta nos dicionários de Língua Portuguesa. No dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, encontra-se a definição: “trabalhadora dinâmica”. Entretanto, seu significado é sobreposto pela sociedade com um sentido pejorativo, como uma mulher que aceita tudo passivamente, e que faz todos os serviços da casa sem reclamar.

Ao mesmo tempo em que se intitula Amélia, a qual realiza os afazeres domésticos, a Soldadora C também se denomina como “Severino”, na “Resposta 6”:

Pergunta: Antes de ser soldadora, trabalhavas? Onde?

**Resposta 6**

*“Eu trabalhava num motel [risos] eu era camareira eu era um Severino [risos] nesse motel eu fazia de tudo de tudo um pouco eu fazia lanche eu fritava batata fazia comida eu lavava roupa lavava louça era né na medida do possível trabalhava como serviço geral era tudo tudo”.*

O substantivo Severino se tornou, na gíria popular, homem que faz todo tipo de trabalho para sobreviver. A referência a “Severino” é tanto uma intertextualidade manifesta, visto que explicita a sobreposição de um discurso, como constitutiva, à medida que faz associações, aproximações entre os discursos. Severino é uma nomenclatura comum no nordeste brasileiro, vinculada ao retirante, miserável que quer tentar a sorte na cidade grande. Muitos nordestinos se aventuram em busca de um destino melhor. Mirrados e famintos são absorvidos pela construção civil nos grandes centros. Literatos como Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1937-38) e João Cabral de Melo Neto em *Morte vida Severina* (1954-5) exploram a trágica temática do retirante que sai do nordeste para os grandes centros para tentar enganar a morte precoce, causada pela miséria e pela fome, como uma forma de denúncia social.

O programa “Zorra Total”, da Rede Globo, que vai ar aos sábados, após a novela das 9h, exibia um quadro, em que o ator Paulo Silvino interpreta um porteiro da própria emissora com o nome de Severino. Este além de ser porteiro está sempre pronto para ser recrutado para qualquer serviço. O quadro humorístico faz referência ao nome por este ser comum na profissão na cidade de São Paulo. Ao trazer para seu discurso essa referência, intertextualmente, a Soldadora C se equipara a esses retirantes que, da mesma forma que as mulheres, sofrem preconceitos sociais. Na cidade de Rio Grande, com a falta de mão de obra, há um grande número de nordestinos que trabalham no Polo Naval. Esse fato gera toda uma estranheza da população com os hábitos destes imigrantes, os quais sofrem preconceito e discriminação, tidos, de acordo com o senso comum, como preguiçosos, pelo modo de ser e de agir. Além disso, também são vistos pelo público masculino, como concorrentes na disputa por emprego da mesma forma que as mulheres.

Outro fato que a Soldadora C conta em relação a seu atual trabalho é referente ao peso do material de serviço que tem de carregar todos os dias.

Pergunta: Tens alguma dificuldade no teu trabalho?

**Resposta 7**

*“A dificuldade maior é o peso que a gente faz pra carregar os consumíveis arame pra puxar os cabos que geralmente têm 30/50 metros de cabo e eles são triplos não é um cabo só são três tipos de cabo num só a gente puxa eles esticar a extensão bota robô tudo é muito pesado”.*

É possível evidenciar que o peso, em torno de 15kg, não é obstáculo para derrubar essas mulheres soldadoras, polidamente englobadas pela forma popular do pronome nós, “a gente”. Todos os dias, elas têm de se firmarem em um ambiente em que a força física é bastante exigida. Ao terem de realizar tarefas braçais: “puxar os cabos que geralmente têm 30/50 metros de cabo e eles são triplos”. Essas soldadoras se distanciam de uma representação ideal feminina, em virtude de o trabalho com a solda não possibilitar o uso de acessórios, maquiagem, e, muito menos, salto alto, dando lugar a um uniforme, unissex, de tonalidade cinza, por vezes, encardido pelo suor e pela fuligem. Essa nova representação feminina ainda choca e causa estranheza até mesmo para funcionárias de outros setores da empresa. Isto é o que a Soldadora C elucida no relato a seguir:

Pergunta: Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher?

**Resposta 8**

*“Eu tive que vim cadastrar meu dedo não ri que eu vou contar que era é o meu ponto que a gente bate o ponto pela digital eu vim da oficina muito suja a gente tinha chegado chego e não tinha solda eu tava no visual e é o visual que suja mais a gente com a poeira do esmeril e eu vim aqui eu fui num lugar pra cadastrar a minha digital e a moça ficou e olhando com cara de nojo aí eu peguei e disse pra ela que ela melhorasse o rosto dela ao me olhar porque era eu que pagava o salário dela se eu não produzisse ela não ia receber tá certo então que ela se situasse no lugar dela porque que ela fez um rosto pra mim como se tivesse olhando algo nojento e eu me senti com aquilo toda vez que a gente que eu lembro do rosto dela [choro] foi horrrível parecia que ela tava olhando algo nojento se eu tiver que ir no centro eu vou no supermercado eu vou mas agora aqui dentro da firma onde todo mundo*

*sabe onde todo mundo sabe o que a faz na rua a gente já espera”.*

Neste desabafo, a Soldadora C se vê e se representa pelo olhar do outro. Nesta forma de representação do eu, a colaboradora escolhe adjetivos que estão atrelados negativamente à imagem feminina: suja, nojenta, horrível. Tais escolhas lexicais denotam a força da linguagem e os sentidos que revestem as palavras na construção do perfil da mulher soldadora. Nesta fala, também é percebida a desigualdade social imposta pelas distintas funções desempenhadas pelas mulheres dentro da empresa. De certa forma, está internalizado que, diferentemente da soldadora, a “moça” desempenha um trabalho limpo, no escritório, talvez, além de ter, provavelmente, um grau de escolaridade maior e, conseqüentemente, um maior reconhecimento social.

Além disso, a soldadora destaca que o preconceito vem da própria colega, a qual deveria valorizar seu trabalho e não menosprezá-lo, afinal, como coloca a entrevistada, no ramo da soldagem, se não há produção, não há salário: “eu que pagava o salário dela se eu não produzisse ela não ia receber”. A Soldadora C ainda frisa que tem consciência de que existe preconceito relacionado às soldadoras no que tange à imagem e que ela está preparada para enfrentá-lo: “se eu tiver que ir no centro eu vou no supermercado eu vou”, mostrando que não está preocupada com o discurso opressor fora da empresa, o qual poderia lhe intimidar e lhe excluir por estar com o uniforme de serviço.

### 3.2.4 Soldadora D (ANEXO 4)

A Soldadora D é casada e mãe de três filhos: a menina com 10 anos despende uma maior preocupação no que se relaciona à mobilidade desta, visto que os outros dois com 14 e 21, respectivamente, já se determinam melhor. A Soldadora D conta com a ajuda de seus próprios filhos maiores, da avó e do marido na jornada diária, conforme seu relato:

Pergunta: A tua filha menor fica onde no período em que trabalhas?

#### **Resposta 1**

*“Na parte da manhã quem sai por último em casa geralmente o meu filho de 14 deixa ela na casa da avó que mora na outra quadra e na parte da tarde ela vai pro colégio aí o meu filho o meu marido quem tivé em casa mais cedo pega ela na escola”.*

O uso do advérbio “geralmente” demarca uma situação que ocorre com frequência, a qual lhe proporciona a possibilidade de trabalhar fora, de uma realização pessoal: participar do mundo produtivo. Há uma desconstrução do discurso que remete as mulheres à casa e à família. Uma tarefa que parece fácil se torna um desafio: assegurar a educação da filha menor. Situações como esta desencadeiam conflitos que perturbam as mulheres trabalhadoras.

Pergunta: Como te sentes em não poder ficar com a tua filha?

#### **Resposta 2**

*“Olha eu até sinto assim de senti bastante às vezes fico meio assim porque ela sempre foi sempre como minha filha e minha amiga onde eu ia ela ia junto até pra fazer o supletivo estudá ela ia junto ela me acompanhava na sala de aula então assim a gente estranhou mas geralmente ela diz não mãe vai trabalhar digo ai filha digo pra ela ai quem sabe a mãe para de trabalhar e fica em casa e ela diz não mãe vai trabalhar vai ser bom pra nós”.*

Ao utilizar o advérbio “assim”, a Soldadora D remonta uma prática social, marcada ideologicamente, ou seja, é dever da mãe estar presente. O vínculo com a genitora parece tornar a distância e a separação mais conflituosas e dolorosas. Não é preciso que a Soldadora D explique essa situação, visto que é possível recuperar os sentidos que a representação de “mãe” culturalmente propõe. Ademais, a Soldadora D enfatiza que é “mãe” – “ai filha digo

pra ela ai quem sabe a mãe para de trabalhar e fica em casa” —, denotando que tem ciência dos vários papéis que assume e das privações referentes ao convívio que podem ocorrer por transitar em espaços diferentes: o trabalho e a casa.

A Soldadora D deixa claro que sofre ao ter que se separar de sua filha para exercer sua profissão. No entanto, há o entendimento por parte da menor da importância do trabalho, materno fora do ambiente familiar, elucidada pela locução verbal “vai trabalhar”: “não mãe vai trabalhar vai ser bom pra nós”. Com essa atitude, apesar da pouca idade, a criança entende que o trabalho de sua genitora trará benefícios e realizações.

Pergunta: Qual o destino do teu salário?

### **Resposta 3**

*“Olha eu ajudo em casa eu tinha um objetivo quando eu peguei aqui que era pra adquirir um terreno e uma casa o terreno eu já consegui né claro com a ajuda do meu marido dividindo”.*

Na “Resposta 3”, a Soldadora D revela que tinha um objetivo quando iniciou a sua profissão: “[...] quando eu peguei aqui que era pra adquirir um terreno e uma casa o terreno [...]”. Ao destacar que tinha um objetivo e este foi alcançado, em parte, com a compra do terreno, ela explicita uma mudança de uma prática social, a qual determina que os homens é quem devem ser os responsáveis pela aquisição da casa própria, bem como pelas despesas. A não capacidade masculina dessa provisão é tida como vergonhosa, talvez, por isso, o discurso da Soldadora D sobre o destino de seu salário é atrelado a “ajudar”: “Olha eu ajudo em casa”. Ao utilizar tal verbo, A Soldadora D se coloca em uma posição discursiva secundária, pois é o que ele denota, visto que a ajuda nunca é uma ação principal, mas atrelada à outra de maior representação. No entanto, a escolha do verbo “ajudar” se torna controversa, visto que a Soldadora D divide as despesas, como ela coloca na “Resposta 4”:

Pergunta: Qual o destino do teu salário?

### **Resposta 4 (complemento da resposta 3)**

*“as despesas na casa sempre é meio dividido um ganha mais um ganha um pouquinho menos aí a gente vai é dividindo”.*

Conforme exposto, seu salário contribuiu para a compra de seu terreno, comprovando a importância de sua remuneração, que não apenas “ajuda”, como ela coloca, mas modifica a renda familiar ao alcançar o objetivo que só com a renda do marido não seria possível. Para se referir sobre as finanças da casa, a colaboradora não nomeia quem ganha mais ao utilizar o artigo indefinido “um” e também acerca desse assunto, usa o diminutivo “pouquinho menos” para não gerar polêmica, é um recurso polido que mantém uma relação de equivalência.

Até então, a Soldadora D só trabalhava informalmente, o que não possibilita uma mudança na estrutura econômica da família, tendo em vista que não possuía uma profissão, com todos os benefícios legais. A entrevistada não revela o que fazia antes para, em suas palavras, “ganhar um troco”, referindo-se a “algumas coisinhas”, como mostra o texto da “Resposta 5”:

Pergunta: Antes de ser soldadora, trabalhavas? Onde?

**Resposta 5**

*“Não algumas coisinhas pra ganhar um troco mas no caso nada fixo assim com carteira assinada”.*

O fato de a Soldadora D não revelar o que fazia antes ao recorrer ao substantivo coisas no diminutivo, “coisinhas”, dá margem a várias interpretações, tendo em vista que tal palavra pressupõe vários significados. Uma delas é o trabalho como diarista, atividade que pode ser desempenhada informalmente e que não é valorizada, talvez, por isso, a Soldadora D não tenha revelado a atividade desempenhada, a qual é silenciada e disfarçada com o uso de “coisinhas”. Isso contribui para o apagamento e a invisibilidade do trabalho informal feminino, o qual não é reconhecido e valorizado pela sociedade.

Com uma jornada de nove horas, mais o deslocamento e uma família de quatro pessoas, os afazeres domésticos tiveram de se reestruturados, conforme sua descrição:

Pergunta: Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

**Resposta 6**

*“É o meu marido depois que eu comecei a trabalhar ele resolveu pegar uma função pra ele que é botá roupa na máquina tirar estender na corda recolher e dobrar e guardar tem que ser cada um guarda a sua roupa”.*

A família percebeu a sobrecarga de trabalho e “resolveu” participar das tarefas diárias. Em consulta ao dicionário Aurélio, dentre os significados atribuídos ao verbo “resolver”, tem-se “determinar”. O marido, então, determinou qual seria sua função e a dos filhos, demonstrando que ele é quem escolhe a atividade a ser realizada, ou seja, dentro de um espaço em que é preciso lavar, passar, cozinhar, varrer, a ajuda vem disfarçada por uma determinação, visto que a Soldadora D é a responsável pelas demais funções domésticas, como evidencia o verbo “ter”, em sua fala, o qual remete a uma obrigação. Isso é o que ela esclarece a seguir:

Pergunta: Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

**Resposta 7**

*“Ah é assim eu já sei que quando eu chego em casa né eu tenho que arranjá tempo pra tudo às vezes eu durmo tarde cedo às vezes até quero dormir cedo pra descansar um pouquinho mais mas é complicado normalmente vou dormir tarde pra deixar tudo arrumadinho pro outro dia faço janta o almoço pronto pro outro dia pra eles só chegarem e botarem no micro-ondas pra ficar prontinho pra comê”.*

O uso do advérbio “tudo” está atrelado às tarefas domésticas, à rotina de uma casa, camuflado eufemisticamente com o uso do verbo “arrumar” no diminutivo, conforme se lê em “tudo arrumadinho”. Orgulha-se ao dizer: “faço janta o almoço pronto pro outro dia pra eles só chegarem e botarem no micro-ondas pra ficar prontinho pra comê”. Com tal afirmação, a Soldadora D comprova que é capaz de cuidar de sua casa, de sua família e desempenhar sua profissão, a qual parece conseguir administrar sem maiores dificuldades.

Mesmo mostrando-se disposta, a Soldadora D recorre ao adjetivo “complicado” para caracterizar a sua dupla jornada. O recurso é uma forma de suavizar uma rotina que não lhe permite descansar: “normalmente vou dormir tarde pra deixar tudo arrumadinho”. A dupla jornada de trabalho traz consequência à saúde das mulheres. Além dos problemas físicos, a aparência das mulheres no trabalho com a solda fica comprometida, conforme a descrição da Soldadora D:

Pergunta: Tu comentavas antes, como é que ficas? Tu estavas me contando do rosto...

**Resposta 8**

*“A pele fica ressecada dá a impressão que envelhece mais rápido o cabelo resseca” [...] no*

que se refere ao rosto: “Fica pretinho, nem quando criança a gente ficava com o rosto tão sujo”.

Ao recorrer ao verbo “envelhecer”, a entrevistada retoma os sentidos da palavra atrelados às mulheres, em uma relação intertextual constitutiva. Uma das preocupações femininas é o cuidado com a pele. A indústria de cosméticos é a que mais cresce no mundo. Com isso, se utiliza da mídia para vender um padrão de beleza, muitas vezes, inalcançável. Dentro desses produtos milagrosos, estão os mágicos cosméticos que prometem rejuvenescer em semanas e outra infinidade de produtos que seduzem as mulheres. Segundo a Soldadora D, sua função oferece totalmente o contrário dos cosméticos, ao afirmar que “dá a impressão de que envelhece mais rápido”.

Mesmo assim, ela suaviza a situação com o auxílio do diminutivo “pretinho” ao se referir a seu rosto. A suavidade da dificuldade da profissão também vem de forma intertextual ao fazer referência à “criança”. Nesta fase da vida, época de brincadeira e diversão, a sujeira é permitida, inclusive, muitos dizem que faz bem, cria anticorpos, no entanto, uma mulher com o rosto sujo de fuligem gera divergentes opiniões e sentimentos. A partir desse paradoxo, manter um equilíbrio entre a profissão, a qual é totalmente desprovida de feminilidade, e o ideal de beleza que a mídia massifica se torna um desafio, descrito pela Soldadora D na continuação:

Pergunta: Tu comentavas antes, como é que tu ficas? Tu estavas me contando do rosto...

**Resposta 9 (continuação da resposta 8)**

*“Em casa às vezes eu tento soltar meu cabelo mas daqui a pouquinho já tô prendendo a gente tem que usar aqui o cabelo preso né porque é perigoso soltar alguma fagulha queimá então a gente acostuma até interessante que de início a gente tentava passar um batonzinho ah o brinco eu na saída eu tentava colocar em casa no fim de semana eu parecia uma árvore de natal era o brinco, a pulseira a corrente aí com o tempo a gente vai meio que esquecendo isso porque é bem corrido o tempo é curto”.*

A Soldadora D se individualiza por meio do pronome “eu”, ao mesmo tempo em que se vê no coletivo polidamente como parte de um grupo, as mulheres soldadoras, “a gente”,

deixando claro a sua fragmentação e as diferentes posturas frente aos contextos em que está inserida. Segundo Hall (2002), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (p. 13). Isso é o que ocorre com a Soldadora D. Apesar de se definir entre esses dois espaços, ela coloca uma situação que não é só sua, que é vivida também por suas colegas: a tentativa de conciliar a feminilidade ao soltar o cabelo e ao passar um “batonzinho”. O cabelo solto para as mulheres é um indício de feminilidade e erotismo. Desde a antiguidade clássica, as longas madeixas representam uma forma de sedução. Em casa, as soldadoras tentam cultivar hábitos femininos, ainda que o tempo seja pouco, o “batonzinho” se faz presente. O tom eufemístico provém justamente do pouco tempo para ser destinado aos cuidados com a aparência.

Sob esse prisma, talvez, a maior dificuldade esteja atrelada ao próprio corpo feminino em um ambiente em que prevalece o masculino, envolvendo as questões sócio-históricas que colocam as mulheres como fonte de prazer e objeto de desejo, isso é o que a Soldadora D relata na “Resposta 10”:

Pergunta: Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher? Podes relatar?

**Resposta 10**

“[risos] *Eu tava noutro setor e tava esmerilhando, já tinha terminado a solda, tava esmerilhando quando eu vi um rapaz veio e me chamou atenção moça tá aparecendo tuas calcinhas e tinha dois funcionários de outra empresa olhando e aí claro e de repente eles tavam olhando pra pensando como iam fazer pra me avisar porque é bem desagradável fiquei com vergonha mas agradei né. Mas ao mesmo tempo não pode parar de soldar, não é isso? Não [...] deixa a vergonha de lado e vai trabalhar”.*

Um dos fetiches masculinos está relacionado com as roupas íntimas. Estas despertam o desejo sexual e mexem com o imaginário social. Devido a essa conotação sexual, tais vestimentas passam a fazer parte de um universo velado e apelativo. Existe uma preocupação feminina em não deixar aparente tais vestes sob pena de repressão aos olhos da sociedade. Desde a infância, as meninas ao começarem a usar saias e vestidinhos são orientadas para que não deixem aparecer as calcinhas, o que não ocorre com os meninos e com os homens. Inclusive, atualmente, é moda deixar as cuecas aparecendo, sem nenhum problema. Intertextualmente, o substantivo “calcinhas” marca mais que uma denominação, marca uma

agressão moral disfarçada, tendo em vista que pode ser punida, segundo Resende e Pereira (s/d): “Em 1940, a lei nº 2.848, que torna crime o atentado ao pudor, a agressão física, psicológica e moral contra a mulher” (p. 11). Mesmo passando por essa situação, a Soldadora D não abre mão de continuar trabalhando fora de casa e se mostra decidida a seguir em frente.

Pergunta: Tens algum objetivo profissional?

**Resposta 11**

*“Tenho eu pretendo fazer algum outro curso assim né pra melhorar, não financeiramente, mas né profissionalmente porque a solda é bem puxada eu acho que com o passar do tempo ela se torna bem cansativa então tem que procurar melhorar né não dá pra ficar no mesmo lugar sempre”.*

A soldadora D traça um paralelo definido pelos advérbios “financeiramente” e “profissionalmente”, deixando claro que a sua maior preocupação em crescer não está relacionada com o retorno financeiro, mas, sim, com a realização profissional. Tem pretensão de conseguir um cargo mais elevado, porque o serviço com a solda é “puxado”. Ao recorrer a tal adjetivo, a Soldadora D faz uma relação intertextual com o discurso histórico de que as mulheres ocupam os cargos mais baixos dentro de uma empresa. As vagas de posições mais elevadas e de chefia são ocupadas por homens, os quais historicamente estão relacionados ao poder e ao comando.

Além do trabalho pesado na empresa, a Soldadora D tem mais atividades em casa. Questionada sobre o que faz em seus momentos de lazer, demonstra que não tem tempo para descansar muito:

Pergunta: O que costumava fazer quando estás de folga?

**Resposta 12**

*“Quando eu tô de folga, faxina na casa [risos] cuida dos cadernos dos filhos dá uma olhadinha, dá uma atenção né, às vezes, mesmo que eu tenha muita coisa pra fazer, eu procuro me policia, eu digo ah não vamô ver um filme mãe sento nem que eu durma ali eu procuro dar uma atençãozinha pros filhos”.*

Em seu dia de folga, a Soldadora D faz “faxina na casa”. Devido ao seu cotidiano corrido não consegue colocar a residência em ordem durante a semana, assim, o tempo que seria para o descanso e o lazer é direcionado ao trabalho doméstico. O uso do substantivo

“faxina” evidencia que a limpeza da casa é de sua responsabilidade. Por meio de risos, também marca do *ethos*, deixa transparecer sua conformidade com a situação. Além disso, propõe-se a dar atenção a seus filhos e participar da vida escolar, verificando seus cadernos. Essas ações estão vinculadas às mulheres e, por isso, a Soldadora D sente dever de cumpri-las, mesmo que diminuam suas horas de descanso.

As mulheres foram criadas, ao longo dos anos, com um discurso formador que as prepara para a vida doméstica. Quando pequenas, os brinquedos dados a elas são bonecas que imitam bebês, a fim de que, desde cedo, apreendam o ritual da maternidade. Fraldas, mamadeiras, berços, roupinhas, banheirinhas, as empresas tratam de prover tudo para que as meninas desenvolvam uma rotina que de forma lúdica lhes apresenta e as prepara para a posterior realidade. Essas mães mirins também são mini donas de casa, com todos os aparatos e utensílios que as relacionam ao trabalho doméstico: vassourinhas, jogos de panelas, ferro de passar roupa e, claro, para as mais modernas, micro-ondas e máquinas de lavar roupa e até louça. Esse universo de faz de conta dita regras bem claras: meninos não podem brincar de casinha, de panelinha, devem ser médicos, jogadores de futebol, mágicos, cientistas, enfim, toda uma gama de brinquedos que vão, paulatinamente, disfarçadamente, inculcando leis que regem a sociedade.

Por isso, a Soldadora D se esmera em desempenhar todos seus papéis e diminui os afazeres da sua dupla jornada com o auxílio do uso dos diminutivos: examinar os cadernos dos filhos para verificar o que estão apreendendo e saber, de fato, o que estão fazendo no colégio passa a ser eufemisticamente “uma olhadinha”; cansada de uma semana inteira de trabalho pesado na solda, mais a arrumação da casa e cuidados com a alimentação e com os estudos, ou seja, mesmo esgotada fisicamente, encontra forças para dar mais uma “atençãozinha” aos filhos, fingindo assistir a um filme. A dupla jornada de trabalho gera uma sobrecarga às mulheres que pode desencadear vários problemas de saúde, inclusive, mental. Estudos como os de Pinho (2006, p. 33) revelam que o não cumprimento ou a interrupção dos afazeres domésticos pode desencadear irritabilidade, estresse, culpa, insônia, nervosismo e até depressão. É necessário rediscutir os papéis sociais em decorrência da nova configuração das mulheres donas de casa/trabalhadoras.

### 3.2.5 Soldadora E (ANEXO 5)

A soldadora E não é casada, mas é a responsável pelo sustento da casa, seu e de sua mãe, a qual teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e, hoje, encontra-se com limitações. Trabalha desde seus treze anos de idade com vendas e, apesar de ter o perfil para tal atividade, segundo suas próprias palavras: “todo mundo diz que o meu perfil é pra vendas porque eu sou comunicativa gosto tô sempre falando”, encontrou na solda uma fonte de renda e de realização. Com uma dupla jornada que começa às 5 horas da manhã, a Soldadora E conta um pouco sobre a sua rotina doméstica na “Resposta 1”:

Pergunta: Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

#### **Resposta 1**

*“Tem dias vou te ser bem sincera tem dias que eu acabo deixando pro outro dia porque eu chego tão cansada que não tem condições mas normalmente ainda chego em casa normal e tem toda lida da casa normal desde cortar grama cozinha tudo”.*

A colaboradora se reporta aos afazeres domésticos como normais: “toda lida da casa normal”. Ao utilizar o adjetivo “normal” deixa claro que essa rotina diária que envolve limpar, arrumar, lavar, cozinhar e até cortar a grama já está somada a sua jornada de trabalho, naturalmente, apesar do cansaço de desempenhar tais funções. A Soldadora E, além de trabalhar fora para conseguir pagar as despesas da casa, também é a maior responsável pela conservação e andamento desta, visto que sua mãe “ajuda no que pode”, devido as suas limitações. Outro adjetivo que a Soldadora E elege para seu discurso é “sincera”. Sem intenção de disfarçar sua realidade, ela coloca que não consegue desenvolver plenamente seu papel de dona de casa e, ao usar a sinceridade, parece explicitar, intertextualmente, que sabe que tem de cumprir com esses afazeres domésticos, mas não consegue. Esse discurso do não cumprimento das suas tarefas se dá em uma relação intertextual constitutiva, em que os discursos intertextuais são perpassados e neles as concepções que regem as práticas sociais. Parece se reprovar por isso, visto que manter a casa em ordem perante a sociedade é um dever das mulheres. O não cumprimento de suas tarefas é explicado a seguir:

Pergunta: Fala um pouco do teu trabalho: fazes exatamente o quê?

**Resposta 2**

*“[...] tenho que puxar um rolo de arame, por exemplo é 15kg uma máquina pesa em torno de 10 a 15kg também cabos pesados também a gente e arrasta puxa até em cima do bloco nosso outro material esmerilhador hã retifica todos materiais que a gente precisa tem que carregar pra cima do bloco”.*

O trabalho exige muito esforço físico para locomover os 25kg, em média, dos equipamentos. Neste trecho em que descreve sua rotina, a Soldadora E ora se individualiza ao referenciar o pronome “eu”, ora vê-se no coletivo “a gente”. Ao se inserir no grupo, ela compartilha os feitos com suas/seus colegas, afirmando que o mérito de sua profissão não é só seu, é uma forma polida de solidarizar-se com as/os demais trabalhadoras/es. Apesar de despende grande capacidade física, o serviço braçal não se torna uma barreira para que ela desempenhe sua profissão, como mostra o relato no segmento. Neste, também é importante observar que a Soldadora E usa o pronome indefinido “ninguém” para se referir aos seus colegas homens. A opção por não nomeá-los deixa transparecer que não quer gerar conflitos, há um respeito pelos profissionais. Além disso, o ato de não nomeá-los também não lhes atribui a superioridade, o poder.

Pergunta: Fala um pouco do teu trabalho: fazes exatamente o quê?

**Resposta 3 (continuação da resposta 2)**

*“[...] particularmente eu não gosto de pedir ajuda pra ninguém né pois ainda existe no nosso meio um preconceito quando eu entrei eu sofri preconceito hoje em dia graças a Deus tá amenizado mas ainda existe realmente um preconceito com a mulher nessa área”.*

A entrevistada, em seu depoimento acerca das dificuldades presentes em seu ambiente profissional, utiliza-se do advérbio “particularmente” para expressar como procede diante da situação de ter de levar seus equipamentos até o local de trabalho. Tal advérbio, segundo Kerbrat-Orecchionid (2006), “é uma característica da polidez, um modalizador que ao acompanhar uma asserção, instaura uma certa distância entre o sujeito e o conteúdo da enunciação” (p. 89), Isto se justifica: “particularmente eu não gosto de pedir ajuda pra ninguém”, visto que fica subentendido que existem mulheres que o fazem. Essa ação é entendida pelos homens como um sinal de fraqueza, de não capacidade, como a Soldadora E

destaca: “ainda existe no nosso meio um preconceito”. Não basta as mulheres comprovarem que estão aptas, qualificadas, para o exercício da profissão, é preciso que elas não peçam ajuda, pois se o fizerem correm o risco de prover e resgatar representações generalizadas, como a que as qualifica como o sexo frágil: “é muito chato né depois tu passar e tu escutar os teus colegas mesmo dizendo assim pô eu tenho que toda hora puxando os equipamentos da fulana pra cima toda hora puxando o equipamento da ciclana”. Mas isso é o que a Soldadora E quer modificar, conforme elucida na “Resposta 4”:

Pergunta: [preconceito] Na parte física?

#### **Resposta 4**

*“[...] consideram que o gênero feminino vai ser mais frágil né o sexo frágil e tal só que nessa área a gente tem que esquecer que é mulher e usar toda força que a gente tem né de preferência porque [...] claro chega uma certa hora que limita o teu né a tua parte física te limita por ser mulher e tal infelizmente acaba né te deparando com alguma situação que tu vai precisá de uma força masculina mas o que eu puder evitar eu evito.*”

A Soldadora E reconhece que existe uma desigualdade da força física entre mulheres e homens “infelizmente”. O advérbio, além de demarcar a sua insatisfação adquire um sentido de inferioridade, de impotência na busca pela igualdade entre homens e mulheres. Segundo suas próprias palavras, é preciso “usar toda força que a gente tem”. Com essa afirmação, ela mostra que as mulheres são capazes de modificar a representação do “sexo frágil”, a qual está ligada, dentre outras, à fragilidade e à incapacidade física. Esses discursos estão vinculados, pressupostos em uma relação intertextual constitutiva. Ao colocar que é preciso “esquecer que é mulher”, a Soldadora E afasta a representação da mulher frágil e indefesa e se aproxima da força masculina. Com essa atitude, passa por alguns desafios, evidenciados na “Reposta 5”:

Pergunta: Essa seria a maior dificuldade do teu trabalho?

#### **Resposta 5**

*“É a maior dificuldade é as coisas mais pesadas né que a gente tem que realmente puxar pra cima e depois tu tens que tá com a mão firme pra soldar [risos] muitas vezes tu termina de puxar as coisas lá pra cima e a tua tá tremendo aí tu desce toma uma água volta deu já normalizou o corpo [risos]”.*

A Soldadora E recorre ao adjetivo “firme” para revelar uma tarefa que não é fácil: ter de subir seus equipamentos para uma altura de mais ou menos sete metros, e, depois, soldar, pois é preciso “a mão firme pra soldar”. Os risos, em meio à explicação, sugerem que é uma atitude atrevida e que ela se sente orgulhosa por conquistar. Segundo a noção de *ethos* de Fairclough (2001), os risos também são importantes na cena enunciativa. Mesmo assim, acerca do preconceito masculino, relata à pesquisadora:

Pergunta: Fala a respeito daquela situação que tu me relataste do preconceito dos encarregados?

**Resposta 6**

*“e aí chegou ao ponto de eu escutar assim por isso que eu não gosto de trabalhar com mulher prefiro trabalhar com homem porque a gente tem que tá ensinando [...] foi um preconceito que a gente teve que tinha encarregados que não trabalhavam com mulher até hoje ainda existe isso que não trabalham com mulher justamente porque tem algumas que chegam na área de trabalho e se deparam de ter que botar algo pra cinco seis metros de altura o equipamento né às vezes pode ser pela limitação do corpo mas às vezes não é tem algumas que ainda se aproveitam disso [risos] aí acaba eles tendo que toda hora ajudar e aí acaba tendo esse preconceito se for homem é mais fácil vai puxar pra cima do bloco não vai pedir ajuda pra ninguém”.*

Na “Resposta 6”, a colaboradora reflete sobre a sua profissão e narra passagens da sua trajetória, enfatizando que, apesar de as mulheres terem sido contratadas existe preconceito dos próprios colegas: “[...] por isso que eu não gosto de trabalhar com mulher prefiro trabalhar com homem porque a gente tem que tá ensinando; se for homem é mais fácil vai puxar pra cima do bloco não vai pedir ajuda pra ninguém”. Esses fatos que a entrevistada coloca deixam transparecer que há uma comunhão destes colegas masculinos com o discurso arcaico. Este pensamento propicia uma relação intertextual constitutiva, pois vincula a mulher à falta de raciocínio e ao despreparo físico. Discursos estes, instaurados pelos verbos “ensinar” e “ajudar”. Há uma generalização dessas ideias por parte de alguns “encarregados” – responsáveis por gerir as equipes de solda – “tinha encarregados que não trabalhavam com mulher”. Como a própria colaboradora exemplifica, isso ocorre porque existem soldadoras que preferem se beneficiar da condição de fragilidade que lhes é imposta: “tem algumas que

ainda se aproveitam disso [risos] aí acaba eles tendo que toda hora ajudar e aí acaba tendo esse preconceito”.

Pergunta: Fala um pouco do teu trabalho: fazes exatamente o quê?

**Resposta 7 (complemento)**

*“Hã bom nós soldadores Ecovix a gente não tem somente a solda a gente também faz o visual da nossa solda no meio em que eu trabalho é considerado um soldador completo tá hã primeiro a gente chega os esmerilhadores deixam pronto né a parte de montagem da estrutura pra gente soldar a gente montá todo o nosso equipamento se tiver que puxar cabo a gente puxa hoje em dia eu trabalho na parte de blocos que são a união de várias chapas grandes que acabam sendo essas caixas que vocês veem aqui na rua trabalho nos blocos dentro das oficinas não tô na rua ainda né isso não quer dizer que futuramente eu não venha a ficar na rua”.*

Ao descrever detalhadamente sua rotina de trabalho, a entrevistada deixa claro que faz parte da classe dos “soldadores”, generalizada pelo pronome “nós”, englobando mulheres e homens, acompanhado da forma masculina do substantivo “soldadores”. Além disso, complementa que não são qualquer soldadores, mas os da empresa “Ecovix”, ou seja, mostra um diferencial entre outras empresas, talvez, seja como ela mesma coloca “um soldador completo”, referindo-se ao fato de que não apenas fazem a solda mas também o visual da solda. A colaboradora se vê inserida em um universo masculino e não utiliza a forma “soldadora completa”, por exemplo. Há um respeito às origens e à supremacia masculina da profissão. Em outro momento, a Soldadora E se singulariza por meio da conjugação verbal na primeira pessoa do verbo trabalhar: “trabalho”.

Ainda acerca do ambiente profissional, a Soldadora E quando questionada sobre se já passou por alguma situação constrangedora por ser mulher descreve na “Resposta 8”:

**Pergunta:** Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher? Podes relatar?

**Resposta 8**

*“Ah muitas vezes o que acontece eu sou o tipo de mulher que eu trabalho com o cinto boto as calças lá em cima no pescoço quase se puder trabalho com calças mais largas também para evitar porque assim tem situações posições que a gente tem que ficar que não tem como o tu tem que te agachar e ficar de joelho com a bunda pra cima entendeu e por ser*

*um lugar onde a grande maioria é homem acaba que tu sempre escuta uma gracinha ah não sei só que cabe a ti impor respeito na verdade a gente pode ate numa brincadeira mandar a pessoa meio longe mas a gente consegue contornar a situação pra que eles não abusem com a gente né porque infelizmente acontece isso ainda acontece”.*

Em seu depoimento, a Soldadora E afirma ser “do tipo de mulher” que tenta ao máximo proteger seu corpo para que não ocorra nenhum embaraço e fica em aberto a possibilidade de existir outro tipo de mulher em que ela não se reconhece, para tanto enfatiza: “eu trabalho com o cinto boto as calças lá em cima no pescoço”. Ela faz questão de explicitar o pronome “eu”, a fim de demarcar a sua realidade que pode não ser a mesma das demais. Entretanto, a atividade exige que ela fique em certas posições que acabam a constringendo “tu tem que te agachar e ficar de joelho com a bunda pra cima entendeu”. Apesar de seu cuidado em se proteger para que nenhuma parte de seu corpo fique exposta, a Soldadora E, em certos momentos, vê-se em posições que a deixam embaraçada. Ao explicar que fica com “a bunda pra cima”, ela tem consciência de que, historicamente, as nádegas assumem uma conotação sexual, com grande poder de atração e o desempenho de sua função pode propiciar um interesse em seu corpo e não em seu trabalho.

A Soldadora E, mais uma vez, recorre ao pronome reto “nós”, na forma coloquial “a gente” porque entende que essa é uma situação que acontece com todas as soldadoras, em um coletivo. Por isso utiliza o recurso da polidez – a gente – em sua fala. Para amenizar o assédio masculino, a entrevistada utiliza o adjetivo “gracinha” no diminutivo com sentido de uma piada, como se fosse uma brincadeira e, por isso, não se deixa abater. Tanto é assim, que pretende continuar na solda:

Pergunta: Tens algum objetivo profissional?

**Resposta 9**

*“[...] depois que atingir esse objetivo de me qualificar em todas as áreas [na solda] que eu souber aí sim eu tento partir pra uma parte de encarregado como eu tenho duas colegas que são encarregadas na empresa [...] Ah bom pra tu tê uma ideia hoje existe em torno de 350 encarregados no estaleiro e duas mulheres [risos]”.*

Qualificação no ramo da soldagem é um dos objetivos da colaboradora: “qualificar em todas as áreas”. O verbo “qualificar” deixa explícito que é preciso se preparar, saber sobre

vários processos de soldagem para se tornar uma profissional melhor e assim ampliar as possibilidades de cargos dentro da empresa: ser “encarregada”. Este cargo de gestora de uma equipe, além de melhor salário, lhe oferece poder, pois é ela quem comandará e será a responsável por uma equipe de solda. A colaboradora traz um dado importante a esse respeito: na empresa só existem duas encarregadas para uma proporção de 350 encarregados. Em meio a risos, refere-se a uma realidade que vem ao encontro das estatísticas apresentadas na introdução desta dissertação, ou seja, a pouca visibilidade das mulheres nos cargos de chefia. Os risos da entrevistada constituem seu enunciado na medida em que demonstram a não aceitação dessa realidade, a qual está intertextualmente relacionada com a ideologia de que quem deve estar no comando são os homens.

Pergunta: O que costumava fazer quando estás de folga?

**Resposta 10**

*“Escutar muita música me divertir passear viajar é o que geralmente eu costumo fazer e estar sempre no meio de amigos [...] Durante a semana é complicado tem dias que tu chega em casa e tu sabes que tu tem que limpar a casa e tu sabe que tu tem que fazê tá com vontade nula de querê né fazer alguma e às vezes tu vai fazer quando tu vai te dar por conta já é onze horas da noite tu tens que tomar teu banho tu tens que arrumar o restante da tua casa mas o dia que eu decido não arrumar eu saio pra rua”.*

A Soldadora E relata que tem períodos que se dedica ao lazer e ao que gosta de fazer, mas descreve também que tem obrigações que dependem dela para serem realizadas: “tu sabes que tu tem que limpar a casa”. O discurso mostra que a Soldadora E tem ciência de que a limpeza da casa é sua obrigação, isso é denotado com o verbo “ter”, o qual reflete uma determinação, uma ordem que deve ser cumprida. É uma ordem da própria soldadora que se impõe a necessidade de realizar as tarefas domésticas, mesmo sem vontade. Essa necessidade pode vir porque as secretárias do lar, empregadas domésticas, na cidade do Rio Grande, devido à falta de mão de obra no comércio e no Polo Naval, estão migrando para esses setores o que torna o serviço de faxina mais caro e escasso. Por outro lado, não obter ajuda para os afazeres domésticos também é uma maneira de economia.

Embora a Soldadora E seja a responsável pelos afazeres domésticos, ela tem o poder de decisão: “eu decido não arrumar”, ainda que saiba que essa é uma obrigação diária, em certos dias, se dá o direito de não realizar as tarefas e sai de casa. Recorre ao advérbio de

negação “não”, comprovando que sua vontade também é respeitada. Como não é casada e não tem filhos, não há uma imposição de terceiros nem uma cobrança e ela tem o poder de decisão ressaltado pelo verbo “decidir”. Fica a seu critério manter e suprir as necessidades da lida doméstica. Além disso, ao afirmar “eu saio pra rua”, a entrevistada faz referência ao discurso que limita a casa às mulheres e a rua aos homens. A intertextualidade, nessa situação, é constitutiva. A Soldadora F não define para onde vai, apenas explicita que tem o livre arbítrio de sair à rua, de sair de sua casa, do espaço privado, deixando o papel de dona de casa e assumindo outro.

Pergunta: Tem mais alguma coisa que tu queiras falar sobre o teu trabalho que eu não tenha te perguntado?

**Resposta 11**

*“[...] antigamente eu era vendedora né todo mundo diz que o meu perfil é pra vendas porque eu sou comunicativa gosto tô sempre falando sou o tipo de pessoa é melhor tá com a língua dentro da boca fechadinha [risos] do que tá falando porque eu falo demais né mas era o meu perfil era só que é assim ninguém nasce só pra um a coisa na verdade tu vai aprendê se tu realmente gosta da tua profissão é só na prática hoje em dia eu posso dizer eu amo de paixão eu sou enlouquecida pelo que eu faço e assim a minha solda pode não ser a melhor porque eu não me considero a melhor sempre vai ter alguém que vai saber mais do que eu que vai ter uma ideia uma dica pra trocar comigo mas eu procuro estar entre os melhores”.*

Na “Resposta 11”, a Soldadora E recorre ao advérbio de tempo “antigamente” para traçar um paralelo em sua vida, no qual, nesta época, dedicava-se a vendas. Trabalhava como vendedora. O substantivo “vendedora” é vinculado à profissão feminina dentro do ideário social. Essa foi uma das primeiras atividades destinadas às mulheres. Segundo a entrevistada, essa função necessita de boa comunicação, porque o importante é convencer o cliente a comprar o produto e uma pessoa comunicativa tem mais chances para isso. Ao ter deixado a solda, a profissional comprova que é uma mulher que diversifica seus saberes, que tem versatilidade.

### 3.2.6 Soldadora F (ANEXO 6)

A soldadora F tem 39 anos é casada e possui dois filhos, uma moça de 20 anos e um adolescente de 14. cursou Administração de Empresas, Técnico em Comércio Exterior e, atualmente, faz Pós-Graduação em gestão do Meio Ambiente, entretanto, foi na solda que encontrou sua realização. Ela conta que antes de se aventurar neste ramo, fez duas entrevistas na Ecovix para o setor administrativo, mas não foi selecionada. Então tomou uma decisão, descrita na “Resposta 1”:

Pergunta: Antes de ser soldadora, trabalhavas?

#### **Resposta 1**

*“trabalhava pedi demissão do meu emprego eu trabalhava na Furg no hospital como secretária por quatro anos e depois por último eu tava trabalhando na Habilitar aí um colega meu me disse por que tu não te inscreve no Promimp faz um curso e aí me chamaram no Promimp eu fiz a prova passei e me chamaram aí eu tive que pedir demissão do meu serviço aí todo mundo disse tu é louca largar o certo pelo duvidoso porque era uma bolsa de R\$300,00 que a gente ganhava né pra estudar aí eu fiz larguei fiquei eu das oito da manhã até às cinco da tarde a gente fazia o curso que era eletrodo e tic e depois eu acabei descobrindo esse outro curso no madrugada de arame tubular que era das 23h da noite às 3 da madrugada aí fazia todo dia e depois vinha fazer o curso de arame tubular quando terminei o arame tubular levei um mês pra me chamar então fiquei um mês dois meses mais ou menos desempregada”.*

Em seu relato, a Soldadora F conta o início de sua aproximação com a profissão que mudou a sua vida. Antes de conhecer a solda, era secretária, função historicamente relacionada às mulheres, a qual, em tempos remotos, possibilita a entrada das mulheres no setor administrativo. Durante muito tempo, uma das exigências para tal profissão é ser mulher, de preferência, branca e bem apresentada. Algumas dessas informações constam em anúncios publicitários, os quais são tidos como preconceituosos e formas de exclusão.

A então secretária foi tachada de “louca” por deixar seu emprego. Nesta palavra, estão incutidos intertextualmente os ideais de que as mulheres devem exercer as funções administrativas e ela não pode fugir destes padrões. O não cumprimento a essas normas é entendido como uma loucura, ou seja, uma pessoa que está fora da sua capacidade de

raciocínio. Porém, provou que poderia conseguir uma atividade com melhores condições salariais e que realmente a fizesse se sentir produtiva. Para isso, não mediu esforços. A Soldadora F assistia aos cursos durante o dia e até mesmo na madrugada: “oito da manhã até às cinco da tarde [...] esse outro curso no madrugada de arame tubular que era das 23h da noite às 3 da madrugada”. Com essa atitude afasta o discurso do sexo frágil e muda a prática social. Toda essa dedicação valeu a pena, conforme relata a seguir:

**Pergunta:** O que mudou na tua vida com a solda?

**Resposta 2**

*“[...] a solda me trouxe minha independência que é uma coisa que eu queria há muito tempo que eu com o curso de administração de empresa não consegui com a faculdade e a solda me deu”.*

No imaginário social, tem-se a ideia de que somente com um curso superior é possível conseguir um emprego, o qual fornece realização e estabilidade financeira. No entanto, o aumento do número de pessoas com qualificação acadêmica profissional satura alguns mercados, que não conseguem abarcar mais todos os profissionais que se graduam anualmente. E isso é o que a Soldadora F vivenciou: “o curso de administração de empresa não consegui com a faculdade e a solda me deu”.

A entrevistada ao escolher o substantivo “independência” mostra que o trabalho assalariado lhe propicia uma condição para poder realizar suas vontades e seus sonhos que, até então, não eram possíveis. Ao longo dos anos, conforme explicitado nessa dissertação, as mulheres lutam para conseguirem se tornar livres, independentes, atuantes no setor produtivo. A Soldadora F faz relações intertextuais com esse passado que rodeia e aprisiona as atuais trabalhadoras. O discurso implícito em “independência” é constitutivo, expressa as ideologias da Soldadora F. Por ser casada, imagina-se que antes de desempenhar tal função dependia financeiramente do marido, situação esta que não a agrada, conforme a “Resposta 5”:

**Pergunta:** A tua vida hoje mudou?

**Resposta 3**

*“Hoje como vou te dizer hoje eu vou no centro se eu quiser uma blusa aí eu compro e deu pra bola e outra coisa que eu fiz também foi comprar meu carro”.*

A Soldadora F com o seu salário não precisa dar explicações ou fazer pedidos para seu marido para suprir suas vontades e necessidades: “se eu quiser uma blusa aí eu compro e deu pra bola”. Ao utilizar o verbo “comprar”, a entrevistada afirma seu poder de compra e de decisão. Explicita também que está inserida no meio produtivo e é remunerada para isso. Não depende de terceiros, tem livre arbítrio, não precisa se submeter às ordens ou ao comando de alguém. Diferentemente do que ocorria em décadas passadas, em que, segundo Ismério (1995): “A mulher deveria ser sustentada primeiramente pelo pai, com o casamento esta responsabilidade passava para o marido e com a morte deste, para os filhos. Caso a viúva não tivesse filhos, seu sustento dependeria dos irmãos, e, na ausência de familiares, o Estado” (p. 23).

A intertextualidade constitutiva se apresenta no discurso patriarcal em que as mulheres sem força produtiva tinham de se submeter às ordens masculinas. Para a Soldadora F, independência financeira é sinônimo de que não há dominação e nem influência sobre as suas escolhas e a sua conduta.

Esse grito de liberdade está explícito na expressão popular “deu pra bola”, a qual significa que a situação já está definida, ela rechaça qualquer possibilidade de insinuações, tais como: estás comprando demais, gastando muito. Estes são alguns discursos atrelados às mulheres, tidas como consumistas. Além do poder de compra do vestuário, a Soldadora F realizou a compra do carro com o seu trabalho, o que lhe dá uma maior autonomia para administrar seus afazeres e lazer. Ela revela que, além dos sonhos, seu salário é destinado para as contas da casa na “Resposta 4”.

Pergunta: Qual o destino do teu salário?

#### **Resposta 4**

*“Pra casa pras contas da casa agora fiz meu silicone [riso] em mim também [risos] [...] Era um sonho de vinte anos desde que eu ganhei minha guria agora como soldadora eu realizei que eu tenho minha independência financeira porque eu posso dizer que eu tenho independência financeira e fiz meu silicone [...] Foi eu vou pagar durante dois anos empréstimo”.*

A Soldadora F utiliza o advérbio de tempo “agora” para demarcar a concretização de um sonho: colocar implantes de silicone nos seios. O Brasil ocupa o segundo lugar em número de cirurgias estéticas. Em 2011, foram 905.124 intervenções, conforme os dados da

Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps), junto à Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBPC), apresentados em uma reportagem veiculada no *site* do *Diário Catarinense*. Desse número, de cada dez cirurgias realizadas, sete são estéticas e três são reparadoras, o que comprova uma acentuada busca do corpo perfeito. Estar acima do peso, estrias, celulite são fatores físicos que assombram as mulheres e podem desencadear limitações no convívio social e distúrbios como anorexia e bulimia. Além da dupla jornada de trabalho, as mulheres têm o compromisso com o espelho. A Soldadora F se mostra uma mulher vaidosa ao admitir que fez uma intervenção cirúrgica estética: “fiz meu silicone”. Ao mesmo tempo em que há uma preocupação com a aparência, há o orgulho de dizer que foi ela quem pagou: “Foi eu vou pagar durante dois anos empréstimo”. Um sonho realizado que as adversidades do ambiente de trabalho não comprometem.

Pergunta: E como é que tu te sentes, já que vi que tu és bem vaidosa, colocaste um batonzinho, colocaste teu silicone... Como é que tu te sentes tendo que trabalhar em um ambiente que não pode ter muita vaidade?

**Resposta 5**

*“Ah não não pode complicado no início agora já acostumei ah é foi bem complicado a gente as unhas tudo né tu ficas toda suja da malha de ferro mas tu pensas é daqui que tô tirando meu sustento então tu te agarra eu sempre fui de batalhar não sou muito dondoquinha não então é não foi fácil é puxado o serviço mas tu para e olha é o que tá me dando o meu sustento tá me ajudando”.*

No trabalho de soldagem, as mulheres têm algumas dificuldades em manter certos rituais estéticos como o trato das unhas e a Soldadora F mostra que mesmo sendo preocupada com a sua feminilidade não se intimida: “agora já acostumei”. Ao recorrer ao adjetivo “dondoquinha”, ela faz uma ironia amenizada, de forma polida, com o uso do diminutivo, às mulheres que não têm a necessidade de trabalhar. Na linguagem informal, dondoca é sinônimo de mulher que se preocupa somente com a aparência e que se aproveita da sua feminilidade para não fazer nenhum esforço físico.

Esse pensamento está relacionado com o discurso que as feministas querem modificar. No senso comum, é fato que existem mulheres que preferem não trabalhar fora, ou aquelas que trabalham fora de casa e, em casa, não assumem os afazeres domésticos, recorrendo a uma pessoa que as auxilie, mas a dondoca é conhecida por não desempenhar nenhum destes papéis, sobrevivendo às custas de pai ou marido. A Soldadora F repele essa representação e

afirma que é uma mulher que vai em busca do que quer: “eu sempre fui de batalhar”. O verbo batalhar ilustra que a Soldadora F está disposta a enfrentar qualquer adversidade em prol de conquistar seus objetivos. Ao realizar um de seus sonhos, a colaboradora responde sobre o que irá mudar em sua vida após o implante em seu relato:

Pergunta: O que tu achas que vai mudar na tua vida agora que tu colocaste o teu silicone?

#### **Resposta 6**

*“Ah minha autoestima com certeza e a solda me trouxe minha independência que é uma coisa que eu queria há muito tempo que eu com o curso de administração de empresa não consegui com a faculdade e a solda me deu então eu tenho orgulho de dizer que eu faço história e eu boto no Face as minhas fotos soldando e eu acho que a gente tá fazendo história e a mulher hoje em dia tá fazendo história a gente tá né é diferente é um orgulho que a gente tem que sentir da gente mesmo porque a gente tá fazendo história”.*

A Soldadora F destaca que melhorará sua “autoestima” com os implantes de silicone nas mamas e que sua independência financeira lhe propiciou transformar sua aparência, bem como a percepção de si mesma. Ao afirmar que a sua autoestima irá melhorar, a Soldadora F está mostrando o seu descontentamento, a sua insatisfação com seu corpo, segundo seu padrão de beleza. A intertextualidade desse discurso é constitutiva de ideologias vinculadas a textos, a discursos que preconizam esse padrão de beleza, tais como as campanhas publicitárias. Este também é influenciado pela sociedade e a colaboradora mostra que apesar do trabalho pesado não se descuida da sua aparência. Além disso, explicita que é possível “fazer história”, segundo suas próprias palavras: “a gente tá fazendo história e a mulher hoje em dia tá fazendo história”. A entrevistada tem consciência de que participa de um momento histórico em que as mulheres têm a possibilidade de ter uma profissão até pouco tempo masculina e se orgulha disso. Também se solidariza por saber que tal mérito envolve todas as mulheres soldadoras, utilizando o “a gente” e “a mulher”. Esse recurso de recorrer ao coletivo e à generalização, característica da polidez, é uma forma de compartilhar e estender o feito.

Para divulgar seu trabalho, a Soldadora F coloca suas fotos em uma rede social: “boto no Face as minhas fotos soldando”. Ela se orgulha de sua profissão e utiliza a rede social Facebook para divulgar o seu trabalho. O *site* que tem milhares de usuários é uma espécie de vitrine em que o usuário faz postagens de todas as ordens e seu caráter é tanto para o lazer como para o serviço, a utilidade pública e a educação. Nesse sentido, ao publicar suas fotos na

rede, a entrevistada explicita que tem consciência de que está mudando uma estrutura histórica, e, com isso, está mudando as práticas sociais. Neste entendimento, há a presença da intertextualidade constitutiva, pois tal discurso nega aqueles atrelados à incapacidade e à invisibilidade das mulheres. Postar as fotos em um *site* de relacionamento e participar dessa entrevista como ela mesma relata são maneiras de contar para as próximas gerações o ingresso das mulheres nas equipes de soldagem.

Pergunta: Tem mais alguma coisa que tu queiras falar sobre o teu trabalho que eu não tenha te perguntado?

**Resposta 7**

*“Ah eu acho que é legal acho bom essa tua entrevista que tu fez pra isso aí ficar registrado pro futuro porque eu boto no Face não é prá... boto é pros meus netos digo os meus netos tem que ver isso aí que a vó vai tá de bengala mas ela vai mostrar... que é legal eu sempre quis trabalhar dentro de uma empresa assim dessa forma como não sei por que e não é que quando a gente quer uma coisa a gente consegue e isso é histórico a mulher pode também pode trabalhar e pode conseguir e ser tão útil quanto o homem”.*

A afirmação “isso é histórico” reflete a inserção das mulheres em uma profissão até então masculina, a qual será lembrada com o passar dos tempos. Ela tem noção de que este momento entrará para a história e que, no futuro, como ela mesma coloca “a vó vai tá de bengala”, ela fará parte de um período em que as mulheres começam a desempenhar tal profissão. Ao se referir ao dado histórico, a colaboradora faz uma relação com a condição das mulheres nos espaços masculinos. Em um contexto de reestruturação produtiva, desfazem-se algumas barreiras, não só de ordem econômica, mas também cultural, como a do discurso do sexo frágil e a da incapacidade feminina. O discurso do sexo frágil e da incapacidade feminina são refutados: “a mulher pode também pode trabalhar e pode conseguir e ser tão útil quanto o homem”. Tal posicionamento ganha uma proporção maior porque emerge da própria experiência dessa trabalhadora, a qual acena para uma nova condição que se opõe à inutilidade e fraqueza feminina. A sua nova rotina mudou também o andamento da casa. Agora, não só ela é a responsável, conforme descreve na “Resposta 8”:

Pergunta: Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

**Resposta 8**

*“Todo mundo eu chego é porque eu chego em casa e boto todo mundo que antes era só eu*

*né agora comecei a trabalhar porque é muito puxado o serviço é muito puxado aí todo mundo faz um pouquinho todo mundo cozinha todo mundo varre todo mundo lava [...] já começa né a catar coisa aqui as roupas as brigas porque tu não varreu isso aí já começa até mais ou menos uma meia noite por aí”.*

A Soldadora F demarca com o auxílio dos advérbios “antes” e “agora” como é a lida doméstica e com isso explicita que há uma mudança social e uma mudança discursiva. Antes de ser soldadora, ela é a única responsável pelos afazeres, denotando que está vinculada a uma cultura em que só as mulheres, exclusivas donas de casa, têm a obrigação doméstica. Tarefas desvalorizadas pela sociedade, no entanto, indispensáveis para o bem-estar dos indivíduos. Depois que passa a trabalhar na soldagem e a se tornar também mão de obra produtiva, há uma mudança não só na dinâmica da feitura dos afazeres, mas na atitude da trabalhadora que passa a ocupar uma espécie de cargo de supervisão dos trabalhos: “eu chego em casa e boto todo mundo [...] todo mundo varre todo mundo lava”. Em sua gestão, ela destaca que todos varrem e lavam. A redistribuição dos afazeres, explicitados pelos verbos “varrer” e “lavar” causa “brigas”, o que explicita a dificuldade e o não apreço por parte da família em realizar as tarefas diárias, não há uma aceitação em rever algo que está tão naturalizado.

Mesmo assim, é proposto o modelo em que há o compartilhamento das atividades, a fim de que não ocorra uma sobrecarga de trabalho para a Soldadora F. Ela revela que isso é possível se cada um dos integrantes da família fizer um “pouquinho”. O uso do diminutivo ameniza a labuta diária e abre caminho para uma nova concepção da divisão do trabalho doméstico, a qual se desvincula das características sexuais e absorve fatores sociais, de acordo com o cotidiano, tendo em vista que nesta família não impera mais o padrão de família ideal, conforme coloca a Soldadora F que passa 12 horas fora de casa. Questionada sobre o fato de trabalhar em um ambiente masculino, como ela mesma enfatiza “na minha equipe só eu de menina”, a Soldadora F destaca em sua resposta:

Pergunta: Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher? Podes relatar?

**Resposta 9**

*“Não a única coisa que eu acho assim às vezes tem uns são raros que eles têm uma certa dificuldade de trabalhar com mulher que o homem vai ali pega segura e joga o [caraca] lá pra cima e a mulher já fica mais né nós não é a mesma força não é a mesma coisa e aí tem*

*uns que têm aquela coisa não vamo alí que eu te ajudo tem outros que pô [risos] vou te que ajudá [risos] às vezes também é um certo preconceito porque ainda tem um certo preconceito ainda um minimozinho mas tem né de trabalhar com homem né [...] Não é em geral assim eu noto assim mas isso tá tentando sê desfocado acho que por eles mesmos mas que tem tem a gente nota que tem pô a mulher e daqui a pouco tem uma mulher lá duas encarregadas e resto tudo são homens é entre sei lá quantos encarregados são só duas”.*

A entrevistada pondera que existe “um certo preconceito” da parte dos homens em trabalhar com mulheres. Nas falas referentes ao preconceito, ela não generaliza essa questão por meio do pronome “certo”, o que ameniza, suaviza o ato preconceituoso, o qual ainda é respaldado pelo uso do diminutivo “minimozinho”. Tais recursos da polidez discursiva afastam e repelem a força do preconceito masculino, em uma tentativa de, como ela coloca, desfocar esses ideais da cultura machista, mesmo afirmando que este ainda existe.

A força física se torna um fator de aprisionamento das mulheres ao preconceito “nós não é a mesma força não é a mesma coisa”, o qual não é atrelado diretamente aos homens. A Soldadora F utiliza o pronome do caso reto para se reportar a seus colegas “eles/uns/eles mesmos” e outro recurso utilizado é a generalização “e resto tudo são homens” para não gerar um comprometimento com seus colegas. Os risos evidenciam que a Soldadora F reconhece que as mulheres têm limitações físicas, mas isso não é impedimento para o desempenho da profissão, visto que estão qualificadas para tal e, como ela mesma descreve, há uma cumplicidade masculina em “ajudar” com a movimentação do material, ao que ela não se opõe “eles têm que me ajudar [risos]”.

Pergunta: Sofres preconceito?

**Resposta 10**

*“eu não sinto que a mulher queira pegar o lugar do homem acho que é se igualar acho não sei se igualar totalmente não porque também nós temos limites físicos né mas em relação a ser trabalhadora de tem muita mulher que trabalha muito mais do que muito homem lá dentro assim como tem muito homem muito guerreiro trabalhador isso é o ser humano não é questão homem/mulher entendesse então tem assim uma certa dificuldadezinha mas a gente vai mostrando que pode também”.*

Ainda acerca dessa situação, a Soldadora F explicita seu posicionamento sobre a nova configuração da profissão e faz uma relação com o discurso que busca a igualdade de gênero, a qual significa igualdade de direitos e liberdades para a igualdade de oportunidades de participação, reconhecimento e valorização de mulheres e de homens, em todos os domínios da sociedade, político, econômico, pessoal e familiar. Enquanto não há uma igualdade plena, a Soldadora F recorre ao diminutivo — “dificuldadezinha” —, para tornar essa problemática mais amena, a fim de que haja uma solução e esse tipo de comportamento seja modificado.

A Soldadora F recorre a adjetivos para qualificar suas/eus colegas, com o intuito de construir uma representação das/os soldadoras/es que se equivalha no ambiente profissional: para a mulher: “trabalhadora”; para o homem: “guerreiro”. O adjetivo “trabalhadora” denota que as mulheres despendem seus esforços físicos e mentais para a realização de um propósito, sem se esquivarem, enfrentam a demanda diária e os possíveis obstáculos que possam surgir. Da mesma forma, o trabalhador, equivalente ao “guerreiro” na linguagem popular, é aquele que se utiliza da sua força e disposição para combater, aqui, não em guerras, mas na luta da vida, para garantir o que é necessário para sua sobrevivência.

Ademais, ao relativizar que ter essas características independe do sexo, a Soldadora F atribui o esforço e o trabalho ao ser humano, um ser capaz. Por meio da intertextualidade constitutiva, é possível tecer relações com os estudos de gênero que atribuem essas diferenças às questões sociais e culturais e, por isso, perpassam os anos e criam estereótipos capazes de interferirem no cotidiano de homens e mulheres. Sobre esse fato, ela ainda assevera: “a gente vai mostrando que pode também”. Com a expressão “a gente”, a Soldadora F retoma a referência plural e coletiva correspondente aos sentidos que atravessam “as mulheres”, enfatizando o êxito feminino nas atuais conquistas que transformam vidas e representações, de forma polida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“[...] isso é histórico a mulher pode também pode trabalhar e pode conseguir e ser tão útil quanto o homem” (SOLDADORA F, ANEXO 5, p. 145, 2013).*

Na perspectiva de Fairclough (2001), o discurso é moldado pela estrutura social, o que vislumbra uma possibilidade de mudança de representações e ideologias na e pela linguagem. O discurso não é uma prática individual, mas uma prática social impregnada de significações, conforme o autor destaca:

*A prática tem varias orientações – econômica, política, cultural, ideológica – e o discurso pode estar implicado em todas elas [...] O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (p. 94).*

As práticas sociais dos sujeitos são orientadas e a escolha dos signos é socialmente motivada. Dessa forma, as categorias selecionadas da ACD contribuem para que os sentidos das escolhas lexicais das soldadoras venham à tona, constituindo as suas representações. Nesse sentido, cabe à pesquisadora elucidar as relações, associações e significações da linguagem das soldadoras, no intuito de verificar os sentidos relacionados a essa profissão e à dupla jornada de trabalho.

Após a discussão feita acerca dos conceitos que embasam a pesquisa e a análise do *corpus*, é possível verificar, em uma perspectiva crítica discursiva, a partir dos dados selecionados nas análises, a representação atual das mulheres soldadoras da cidade do Rio Grande na sua dupla jornada de trabalho. Obviamente, as questões aqui abordadas que constituem as representações não são únicas, nem estanques, mas possibilidades que (re)criam

imagens, a partir dos discursos das entrevistadas. Com a finalidade de propiciar uma visualização da materialidade linguística selecionada, esta é compilada no quadro a seguir:

Quadro 3 – compilação dos dados

| Soldadoras         | Texto  |   |  |   | Prática Discursiva                     |  |   | Prática social  |
|--------------------|--|---|--|---|--|--|---|---|
|                    | Advérbios  | Pronomes                                    | Substantivos                                       | Adjetivos   | Polidez                                | Intertextualidade  | <i>Ethos*</i>   | Ideologias, Hegemonia, Pressuposições   |
| <b>Soldadora A</b> | Não/<br>Infelizmente/<br>Agora/<br>Futuramente                 | Meu/<br>Minha/<br>Ele/<br>Dele              | Velhice/<br>Mulher/<br>Pai/<br>Casa/<br>Automóvel/ | Roxa/<br>Primordial/<br>Aposentado/<br>Filho                        | Eu/<br>A gente/<br>Diminutivo          | Patriarcado  | Risos<br>+<br>Todas as<br>categorias<br>destacadas                | Poder de<br>compra  |
| <b>Soldadora B</b> | Raramente/<br>Mais/<br>Geralmente                              | Ela/<br>Eles/<br>Tudo/<br>Alguma/<br>Alguém | Privilégio/<br>Vassoura/<br>Couro                  | Complicado/<br>Vermelha/<br>Pretos                                  | Diminutivo<br>Eu/<br>A gente/<br>Eles/ | Dever de mãe/<br>Patriarcado/<br>Sexo frágil/<br>Mulheres/<br>Vassoura | Risos<br>+<br>Gestos<br>+<br>Todas as<br>categorias<br>destacadas | Responsável<br>pelos afazeres<br>domésticos/<br>Mudança na<br>prática social/<br>Iniciativa para a<br>compra da casa<br>própria |
| <b>Soldadora C</b> | Geralmente   | Meu   | Casa   | Aborrecido/<br>Complicado/<br>Sujo/<br>Nojento/<br>Horrrível        | A gente/<br>Eu                         | Amélia/<br>Severino/<br>Desigualdade<br>social/<br>Preconceito         | Risos<br>+<br>Todas as<br>categorias<br>destacadas                | Responsável<br>pelos afazeres<br>domésticos/<br>Mudança na<br>prática social/<br>Iniciativa para a<br>compra da casa<br>própria |
| <b>Soldadora D</b> | Geralmente/<br>Assim/<br>Financeiramente/<br>Profissionalmente | Tudo/<br>Eles/<br>Família                   | Coisinhas/<br>Calcinhas/<br>Faxina                 | Complicado  | Diminutivo/<br>eu/<br>A gente          | Dever de mãe/<br>Apagamento do<br>trabalho informal                    | Risos<br>+<br>Todas as<br>categorias<br>destacadas                | Responsável<br>pelos afazeres<br>domésticos   |
| <b>Soldadora E</b> | Praticamente/<br>Infelizmente/<br>Antigamente/<br>Não          | Ninguém                                     | Vendedora  | Normal/<br>Sincera/<br>Firme  | Eu/<br>A gente/<br>Diminutivo/<br>Nós  | Sexo frágil/<br>Irracional/  | Risos<br>+<br>Todas as<br>categorias<br>destacadas                | Responsável<br>pelos afazeres<br>domésticos, mas<br>pode não<br>realizá-los   |
| <b>Soldadora F</b> | Agora/<br>Antes  | Certo                                       | Independência/<br>Autoestima                       | Louca/<br>Complicado/<br>Dondoquinha/<br>Trabalhadora/<br>Guerreiro | Diminutivos                            | Força produtiva x<br>reprodutiva                                       | Risos<br>+<br>Todas as<br>categorias<br>destacadas                | Poder de<br>compra/<br>Delega tarefas   |

\*Para Fairclough (2001, p. 207), o *ethos* vislumbra a identidade social do sujeito por meio de seu comportamento verbal e não verbal. Neste sentido, esta pesquisa o entende como o conjunto de características, reunido nas categorias selecionadas e trabalhadas que delineiam o perfil das soldadoras.

Os dados compilados evidenciam práticas discursivas comuns entre as soldadoras. Sendo assim, nas considerações finais, estas ocorrências são apresentadas, no intuito de que esta constante possibilite traçar a representação das entrevistadas no modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001).

### **Análise do texto**

As Soldadoras (B, C, D) utilizam o advérbio “geralmente”, quando se referem aos afazeres domésticos e aos cuidados com a família. Na maioria das vezes, são elas as responsáveis por estas tarefas, realizadas diariamente. As Soldadoras (A e E) recorrem ao advérbio “infelizmente” ao se mostrarem descontentes com a situação profissional. Também as Soldadoras (A e E) utilizam o advérbio de negação “não”. A Soldadora A o utiliza com o sentido de fracasso, por não ter conseguido trabalhar na profissão em que se graduou. Já a Soldadora E recorre ao advérbio para impor a sua vontade, em relação a não realizar as tarefas domésticas. As Soldadoras (A e F) recorrem ao advérbio “agora”. A primeira quando se refere às suas prioridades e a segunda para enfatizar que “agora”, depois que começou a trabalhar, há uma mudança. As Soldadoras (E e F) também se remetem ao passado, “antigamente/antes”, para se referirem a suas antigas condições – vendedora/dependente. Com isso, traçam um paralelo, uma nova vida, propiciada pela soldagem.

Quanto aos pronomes, as Soldadoras (B e D) recorrem ao pronome indefinido “tudo” para designar todas as tarefas diárias que têm de fazerem. Estas Soldadoras também utilizam o pronome reto “eles”. A Soldadora B recorre ao pronome para se referir aos seus filhos, em um primeiro momento, e, posteriormente, aos seus superiores.

Dentre as escolhas substantivas, as Soldadoras (A e C) destacam “casa”. A Soldadora A, com seu salário, quer melhorar a sua casa. Já a Soldadora C pretende comprar a sua casa própria. Nas escolhas dos adjetivos, as Soldadoras (B, C, D e F) recorrem à forma “complicado” para se referir à rotina de trabalho.

Quanto às escolhas verbais, as Soldadoras (B, D e E) elencam o verbo “ajudar” para descrever que o destino de seu salário é ajudar em casa. Ainda a respeito das escolhas verbais, é importante destacar que, apesar de as Soldadoras não utilizarem o mesmo verbo, fazem referência ao serviço doméstico, desempenhado por elas. Soldadora A (ajeitar); Soldadora B

(varrer, ter, dobrar); Soldadora C (lavar); Soldadora D (arrumar/ter); Soldadora E (ter); Soldadora F (varrer/lavar).

### **Prática Discursiva**

Na prática discursiva, a materialidade linguística relaciona-se com os discursos intertextuais e, assim, assumem significados.

As Soldadoras (B, C, D) utilizam o advérbio “geralmente” para descrever como procedem na dupla jornada de trabalho. Isto é, quando chegam à casa “geralmente” têm milhares de afazeres. Na prática discursiva, este advérbio está relacionado, intertextualmente, com o discurso patriarcal. Neste, as mulheres têm uma condição inferior a do homem e se restringem ao ambiente privado, à casa e à família. Ao usar o advérbio, há uma comunhão com essas ideias que são aceitas naturalmente.

As Soldadoras (A e E) recorrem ao advérbio “infelizmente” ao se mostrarem descontentes com a situação profissional. Esse descontentamento é desencadeado por questões intertextuais que subjazem o termo. Para a Soldadora A, o uso deste está relacionado com a sua não capacidade de atuar em sua profissão, uma forma de exclusão de um grupo. Nesta rede de relações, está o discurso do fracasso. Já a Soldadora E recorre ao termo para se referir a não capacidade do corpo feminino para realizar certas tarefas, como as de “puxar” 15kg de equipamentos até o local da solda. No advérbio, está incutido o discurso do sexo frágil, fato que a Soldadora E tenta modificar com as suas atitudes profissionais, conforme sua manifestação em: “consideram que o gênero feminino vai ser mais frágil né o sexo frágil e tal só que nessa área a gente tem que esquecer que é mulher e usar toda força que a gente tem né” (RELATO ORAL, ANEXO 5, p. 148).

As Soldadoras (A e E) utilizam o advérbio de negação “não”. Por meio deste, podem ser feitas associações intertextuais constitutivas. Para a Soldadora A o uso do advérbio remete ao discurso do fracasso e da não realização de um objetivo. A Soldadora E, ao contrário, utiliza-o para desconstruir o discurso do dever, o qual atrela as mulheres aos afazeres domésticos. A Soldadora E tem a possibilidade de não realizar tais atividades para aproveitar seus momentos de lazer.

O advérbio “agora” utilizado pelas Soldadoras (A e F) não demarca apenas tempo, mas, sim, a mudança de uma condição. Isto é, as mulheres ao entrarem no mercado de

trabalho podem rever a divisão de tarefas e também adquirir bens, o que as distancia do discurso patriarcal. Essa desconstrução de padrões e estereótipos pode também ser vista no uso do advérbio “antes” e “antigamente”, proferidos pelas Soldadoras (E e F).

As Soldadoras (B e D) recorrem ao pronome indefinido “tudo” para designar todas as tarefas diárias que têm de fazer. Na prática discursiva, o “tudo” se refere à rotina diária das mulheres donas de casa, é aceitável e está inserido, naturalmente, no discurso das soldadoras, o que reafirma as práticas antigas: elas são as responsáveis pelos afazeres da casa.

As Soldadoras (B e D) utilizam o pronome reto “eles”. A Soldadora B não o utiliza como uma retomada do sujeito referente. Ela recorre ao pronome para não demarcar hierarquias e nem gerar possíveis conflitos, visto que as pessoas referidas são seus chefes.

Dentre as escolhas substantivas, as Soldadoras (A e C) destacam “casa”. No discurso da aquisição e manutenção da casa própria, está inserido mais do que o poder de compra. Na materialidade linguística, está implícito o discurso que advém da mudança de uma prática social e que repele o discurso patriarcal. Isto é, no século XXI, as mulheres são capazes de proverem seu sustento e sua moradia.

Nas escolhas dos adjetivos, as Soldadoras (B, C, D e F) recorrem à forma “complicado” para se referir à dupla jornada de trabalho. Na materialidade linguística, está implícito o discurso do dever de mãe. Neste, as mulheres que saem para trabalhar fora são tidas como transgressoras e relapsas. Conciliar família, casa e trabalho torna-se uma superação.

As Soldadoras (B, D e E) elencam o verbo “ajudar” para descrever que o destino de seu salário é ajudar em casa. Este discurso está vinculado a uma prática do passado em que as mulheres por trabalharem na informalidade ganham muito pouco e não podem corresponder às despesas para a aquisição e manutenção do bem. Além disso, na sociedade patriarcal, esta é uma função masculina. Apesar do uso do verbo “ajudar”, as soldadoras têm importante representação financeira no domicílio, visto que seus salários modificam a condição econômica da família.

A respeito da realização dos afazeres domésticos, as soldadoras elencam diferentes verbos para se referirem às atividades rotineiras: Soldadora A (ajeitar); Soldadora B (varrer, ter, dobrar); Soldadora C (lavar); Soldadora D (arrumar/ter); Soldadora E (ter); Soldadora F (varrer/lavar).

A Soldadora A afirma que, em seus dias de folga, “ajeita o que dá na casa” (RELATO ORAL, ANEXO 1, p. 130, 2013). Ou seja, ela se liberta de seus deveres habituais e se dedica ao lazer com a sua família, modificando uma prática social. A Soldadora B em seus dias de folga faz faxina. O verbo “ter” expressa que é sua obrigação fazer a lida doméstica, o que reforça a noção de que os afazeres domésticos são deveres exclusivos das mulheres. Parece que nada mudou. A Soldadora B inclui, ainda, as atividades repetitivas como dobrar as roupas e varrer a casa. Em seu relato, explicita que não varre a casa apenas, mas também a oficina de solda na empresa quando não tem o que soldar. Isso comprova que mesmo no ambiente de trabalho, a Soldadora B realiza atividades vinculadas ao lar, as quais continuam desprestigiadas.

A Soldadora C recorre ao verbo “lavar” e a Soldadora D ao verbo “arrumar” para descrever a rotina imposta pela dupla jornada. A Soldadora E não é casada e nem possui filhos. Mesmo assim, é a responsável pela manutenção total da casa, visto que mora com sua mãe, a qual tem limitações. A Soldadora E, apesar de concordar e de se acostumar com a dupla jornada de trabalho, conforme expõe por meio do verbo “ter”, ela cultiva hábitos que envolvem o lazer, distanciando-se assim do discurso da obrigação feminina. A Soldadora F, em seu depoimento, afirma que na sua casa todos são responsáveis pelas tarefas. Ela é uma espécie de gestora, a qual, além de realizar as tarefas, também determina e cobra que seus filhos e o marido colaborem. Em suas palavras: “todo mundo varre, todo mundo lava um pouquinho” (RELATO ORAL, ANEXO 6, p. 152, 2013).

Nos relatos, é possível constatar que as Soldadoras utilizam com mais frequência a forma coletiva “a gente” do que a individual “eu”. Este recurso é da polidez, que, segundo Fairclough (2001), é uma maneira de perceber as relações sociais em um determinado grupo. Assim, fica explícito que as soldadoras se veem em um universo coletivo e masculinizado, tendo em vista que nenhuma se autodenominou como “soldadora”, enquanto falava a respeito de seu trabalho. Além disso, ao se referirem a sua rotina tanto na empresa como em casa, utilizam a variedade informal “a gente” por entenderem que os méritos da conquista da profissão, a carga da dupla jornada, os anseios e as angústias são compartilhados coletivamente.

As Soldadoras (A, B, D, E e F) utilizam o diminutivo como recurso para dar um tom polido à fala, conforme destacado nos casos que seguem: Soldadora A (quadradozinho, robzinho, direitinho, gurizinho, ladinho); Soldadora B (piadinha); Soldadora D (pouquinho,

coisinhas, arrumadinho, batonzinho); Soldadora E (gracinha) e Soldadora F (minimozinho). Os diminutivos são utilizados para amenizar as situações de: embarço, relacionadas ao preconceito: (minimozinho/piadinha/gracinha/ladinho); trabalho: afazeres domésticos: (arrumadinho); profissionais: (direitinho/coisinhas). A Soldadora A utiliza para se referir ao filho: (gurizinho).

### **Prática social**

Todas as entrevistadas afirmam que têm a maior responsabilidade pelos afazeres domésticos, ainda que, em alguns casos, haja uma pequena ajuda dos familiares. Mesmo com a rotina diária de trabalho na empresa, as soldadoras encontram forças para limpar, lavar, cozinhar e até cortar a grama, tarefas essas que não se esgotam nem nos finais de semana. Apesar dessa lida diária e mais o acúmulo do serviço braçal como soldadoras, essas mulheres, em suas falas, manifestam a labuta de forma polida em meio a risos e ao uso do diminutivo como uma forma para tentar vencer o cansaço e, por consequência, todos os discursos hegemônicos que as cercam. Ainda que com pouco tempo para o lazer, conseguem ter momentos de diversão e, com isso, estreitar os laços familiares, desempenhando seus vários papéis.

Esse discurso conformador e de aceitação em ser a maior responsável pelo andamento da casa está ancorado em uma prática social, que atrela as mulheres a essa atividade sem chance de liberdade. Isso é o que pode ser visto na própria fala de uma das entrevistadas quando descreve o que tem de fazer em seu serviço, quando não há o que soldar: “varrer a oficina” (SOLDADORA B, RELATO ORAL, ANEXO 2, p. 133, 2013). A naturalização do discurso que confere às mulheres a dupla jornada de trabalho pode ser vista em muitas outras vozes: “chega em casa é roupa pra tirar da corda geralmente ainda tá na hã corda roupa pra lavar lixo pra botar na rua é almoço pro João Vitor levar pra escolinha no outro dia é almoço pra minha filha é cansativo bem cansativo” (SOLDADORA C, RELATO ORAL, ANEXO 3, p. 137, 2013); “Quando eu tô de folga, faxina na casa [risos]” (SOLDADORA D, RELATO ORAL, ANEXO 4, p. 134, 2013); “em casa e tem toda lida da casa normal desde cortar grama cozinha tudo” (SOLDADORA E, RELATO ORAL, ANEXO 5, p. 145, 2013).

Esses traços revelam as ideologias que circundam e perpetuam as práticas sociais. Ainda que as mulheres tenham algum poder de decisão sobre quando realizar os afazeres,

como destacam as soldadoras em: “o dia que eu decido não arrumar eu saio pra rua” (SOLDADORA E, RELATO ORAL, ANEXO 5, p. 150, 2013) e, em: “tem coisas que a gente vai empurrando com a barriga” (SOLDADORA B, RELATO ORAL, ANEXO 2, p. 131, 2013), elas têm consciência de que terão de cumpri-los mais cedo ou mais tarde. O discurso presente é o da obrigação, o qual condiciona as mulheres à vida doméstica. Ao se referir à expressão “empurrando com a barriga”, a Soldadora B sinaliza uma mudança discursiva. As práticas sociais precisam se transformar e os homens têm de ter maior participação nos afazeres domésticos. As mulheres não podem continuar nessa condição de servilidade como coloca Eduardo Galeano na epígrafe: “*Serbir a los hombres era su destino*”.

No entanto, há algumas mudanças. As soldadoras destacam o poder de compra e a satisfação profissional como os principais frutos da profissão. A independência econômica, o sentimento de fazer parte do setor produtivo são algumas conquistas, as quais nem sempre aparecem de maneira explícita, mas disfarçadamente pelo verbo “ajudar”. Ao recorrem ao verbo “ajudar”, as soldadoras mostram que estão vinculadas a discursos naturalizados do passado. Conforme alguns enunciados, os salários das trabalhadoras são fundamentais para a realização de projetos, de sonhos e do próprio sustento.

Nessa perspectiva, os discursos das soldadoras estão condizentes com os preceitos do passado em que as mulheres, por ganharem muito pouco, não podem responder por muitas despesas. Além disso, para os homens, de acordo com o senso comum, é uma vergonha não poder sustentar sua família, o que, parece, ainda não estar bem redimensionado. Esta é uma ideologia que está ancorada em antigas práticas sociais, não condizentes com as práticas atuais.

As entrevistadas descrevem como é trabalhar em um ambiente predominantemente masculino. Em seus discursos, proferem que há, sim, situações em que são assediadas ou inferiorizadas devido as suas limitações físicas, mas elas se mostram firmes em seus posicionamentos, anulando o discurso do sexo frágil. As soldadoras demonstram-se preocupadas com a qualificação profissional e vislumbram progredir na carreira, o que comprova que as mulheres têm as mesmas chances nesse setor. Conseguir, de fato, os cargos de chefia ainda é um outro passo. Os dados descritos pelas trabalhadoras evidenciam que na empresa existem 350 equipes de solda e destas apenas duas são chefiadas por mulheres. Além disso, é colocado o preconceito de alguns dos encarregados ao não quererem selecionar mulheres para suas equipes.

Tal fato denota que a entrada das mulheres no mundo de trabalho masculino não está totalmente resolvida. Essas soldadoras estão iniciando um longo caminho em busca da equidade profissional entre homens e mulheres, como destaca a Soldadora F em “a gente vai mostrando que pode também” (p. 156, ANEXO 6, 2013). Os discursos das soldadoras revelam as suas (auto)representações. Apesar de serem mulheres atuantes tanto no ambiente doméstico como profissional, ainda estão vinculadas a algumas das ideologias do passado. No que se refere às tarefas da casa, nem todas conseguem compartilhar os afazeres como a Soldadora F em: “Todo mundo eu chego é porque eu chego em casa e boto todo mundo que antes era só eu né agora comecei a trabalhar porque é muito puxado o serviço é muito puxado aí todo mundo faz um pouquinho todo mundo cozinha todo mundo varre todo mundo lava” (RELATO ORAL, ANEXO 6, p. 151-2, 2013). Em tal enunciado, há uma mudança da prática social, a qual é externada pelo discurso.

Nesse sentido, a partir das escolhas lexicais enfatizadas nas entrevistas – pronomes, advérbios, substantivos, adjetivos, verbos e do modo que são referidas – polidez – as soldadoras expõem seus discursos. A ideologia surge em meio as palavras e as relações intertextuais aparecem à medida que as associações são feitas e, assim, revelam a construção de uma representação, o *ethos*, a constituição do “eu” e de uma identidade social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 207).

## REFERÊNCIAS

ADRIAN, Line. *Flashdance*. Estados Unidos, 1983.

ALVES, Francisco das N. O mundo do trabalho na cidade de Rio Grande In: \_\_\_\_ (Org.). *Coleção Pensar a História Sul-Riograndense*, v.18. Rio Grande: FURG, 2001.

AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011. p.119-136.

ÁVILA, Maria B. *O trabalho das mulheres, ontem e hoje*. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/biblioteca/textos/materias/o-trabalho-das-mulheres-ontem-e-hoje>>. Acesso em: out. 2013.

BAIN & COMPANY revela razões pelas quais mulheres brasileiras não chegam à liderança de empresas. Disponível em: <<http://www.bain.com/offices/saopaulo/pt/press/bain-and-company-revela-raozes-pelas-quais-mulheres-brasileiras-nao-chegam-a-lideranca-de-empresas.aspx>>. Acesso em: jan. 2014.

BARRA, Sérgio. *Uma visão técnico-científica da área da soldagem*. Disponível em: <<http://sitedasoldagem.com.br/conceito%20basico/>>. Acesso em: dez. 2013.

BILHÃO, Isabel. *Entre bombas de dinamite e ramalhetes de flores: interfaces das identidades operária e de gênero na Porto Alegre na virada para o século XX*. Disponível em: <[www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1173/811](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1173/811)>. Acesso em: dez.. 2013.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. *O trabalho feminino no Brasil no final do século: ocupações tradicionais e novas conquistas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, (s/d.).

CANCIAN, Renato. *Feminismo: movimento surgiu na Revolução Francesa*. Disponível em: <[http://www.diariopopular.com.br/index.php?n\\_sistema=3056&id\\_noticia=MzUyODk=&id\\_area=NQ==](http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MzUyODk=&id_area=NQ==)>. Acesso em: out. 2013.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CIRURGIA plástica estética cresce 97% nos últimos quatro anos no Brasil. In: *Diário Catarinense*. Disponível em: <<http://www.passeiaki.com/noticias/cirurgia-plastica-estetica-cresce-97-ultimos-quatro-anos-no-brasil>>. Acesso em: jan. 2014.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

CONHEÇA o Promimp. Disponível em: <[http://www.prominp.com.br/portal/prominp/pt\\_br/conheca-o-prominp/depth/1-1.html](http://www.prominp.com.br/portal/prominp/pt_br/conheca-o-prominp/depth/1-1.html)>. Acesso em: dez. 2013.

CONSOLIDAÇÃO das Leis do Trabalho. Disponível em: <<http://www.sato.adm.br/CLT/index.htm>>. Acesso em: jan. 2014.

COSTA, Ana A. A. *As donas do poder: mulher e política na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA. Assembleia Legislativa da Bahia, 1998.

DWORSCHAK, Ivo. Mulheres soldadoras fazem diferença no Porto de Rio Grande. *Zero Hora*. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/gauchadebates/2011/09/05/mulheres-soldadoras-fazem-diferenca-no-porto-de-rio-grande/>>. Acesso em: jan. 2014.

ENGEVIX/ECOVIX Construções Oceânicas. Disponível em: <<http://www.ecovix.com/sobre-a-ecovix/Paginas/perfil.aspx>>. Acesso em: ago. 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa online*. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: dez. 2013.

FLORES, Valdir do N. et al. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FUNCK, Susana. B. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, C. R; SCLiar-CABRAL, L. *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 182-195.

GALEANO, Eduardo. *Mujeres*. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1995.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Presença feminina no mundo do trabalho: história e atualidade. Estudos do Trabalho. *Revista da RET* (Rede de Estudos do Trabalho). Ano I, n.1, 2007. Disponível em: <[www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)>. Acesso em: jan. 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HIRATA, Helena. Emprego, responsabilidades familiares e obstáculos sócio-culturais à igualdade de gênero na economia. In: *Revista Observatório da Igualdade de Gênero*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. p. 45-49.

\_\_\_\_; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução de Fátima Murad. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n.132, set./dez. 2007. p. 595-609. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>>. Acesso em: jan. 2014.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INFOPÉDIA. *Dicionário on-line*. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/assim>>. Acesso em: jan. 2014.

INTERTHESIS. *Revista Internacional Interdisciplinar*. Disponível em: <[www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/.../10852](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/.../10852)>. Acesso em: dez. 2013.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher a moral e o imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

JC. Profissão soldador. *Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 2011. Disponível em: <<http://empregosuape.blogspot.com.br/2011/06/profissao-soldador.html>>. Acesso em: jan. 2014.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezane Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KUENZER, Acácia Z. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2002.

LADISLAU, Carlos R.; PIRES, Idaiane. M. *A aparência institucionalizada: imagens do corpo nas revistas do confef. s/d*. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/063.pdf>>. Acesso em: jan. 2014.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 207-241.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 1-29.

\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 69-70.

MAGALHÃES, Célia. M. Percursos das abordagens discursivas associadas à Linguística Sistêmica Funcional. In: VIEIRA, Josenia Antunes et al. (Orgs.). *Olhares em Análise de Discurso Crítica*. Brasília. Disponível em: <<http://www.cepadic.com/pdf/Livro%20Olhares%20em%20ADC.pdf>>. Acesso em: nov. 2013.

MAGRINI, Rui O. *Segurança do trabalho na soldagem oxiacetilênica*. São Paulo: Fundacentro, 1999.

MARTINS, Solismar F. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: FURG, 2006.

MARX, Karl. *O capital*. Tradução de Gabriel Deville. Bauru, SP: EDÍPRO, 2008.

MATOS, M. E.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PEDRO, Joana M; BASSANEZI, Carla P. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126-147.

MEURER, José L.; DELLAGNELO, Adriana K. *Análise Crítica do Discurso*. Universidade de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/analiseDoDiscurso/assets/495/Texto\\_base\\_AnalisadoDiscurso.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/analiseDoDiscurso/assets/495/Texto_base_AnalisadoDiscurso.pdf)>. Acesso em: dez. 2013.

NOGUEIRA, Cláudia M. *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

PEDRO, Joana. Corpo, prazer e trabalho. In: PEDRO, Joana M; BASSANEZI, Carla P. (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 28-259.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

PINHO, Paloma S. de. *Sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres*. (Dissertação de Mestrado em Epidemiologia). Universidade de Feira de Santana. Bahia, 2006.

PITANGUY, Jacqueline. Advocacy e direitos humanos. In: *O progresso das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/progresso.pdf>>. Acesso em: out. 2013.

PORTAL Brasileiro de Soldagem. Disponível em: <<http://www.infosolda.com.br/artigos/processos-de-soldagem/352-soldagem-por-eletrodo-revestido.html>>. Acesso em: nov. 2013.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 578-606.

REDAÇÃO. Aumenta número de mulheres trabalhando no Polo Naval. *Diário Popular*. Pelotas. Disponível em: <[http://www.diariopopular.com.br/index.php?n\\_sistema=3056&id\\_noticia=MzUyODk=&id\\_area=NQ==](http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MzUyODk=&id_area=NQ==)>. Acesso em: set. 2013.

RELATÓRIO da Subcomissão do Polo Naval do Rio Grande, 2011. Disponível em: <[http://www.al.rs.gov.br/download/SubPoloNaval/RFpolo\\_Naval.pdf](http://www.al.rs.gov.br/download/SubPoloNaval/RFpolo_Naval.pdf)>. Acesso em: jan. 2014.

RELATÓRIO anual 2010/2011 trabalho e gênero: observatório Brasil da igualdade de gênero. Secretaria especial de políticas para as mulheres. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/relatorio-anual-2010-2011-trabalho-e-genero/view>>. Acesso em: jan. 2014.

RELATÓRIO anual 2009/2010 Mulheres, poder e decisão: observatório Brasil da igualdade de gênero. Brasília, 2010. Disponível em: <[http://www.mulheres.gov.br/mais-mulheres-no-poder/desigualdades-entre-mulheres-e-homens/politica/relatorio\\_anual\\_2009\\_10.pdf](http://www.mulheres.gov.br/mais-mulheres-no-poder/desigualdades-entre-mulheres-e-homens/politica/relatorio_anual_2009_10.pdf)>. Acesso em: jan. 2014.

RESENDE, Viviane de M.; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

REZENDE, Elma F. de; PEREIRA, Erlândia. S. Os múltiplos papéis da mulher trabalhadora: um olhar do serviço social. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo17.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

SANTANA, M. C. S. Muito trabalho, pouco poder: participação feminina mitigada nos assentamentos rurais do estado de Sergipe. In: GROSSI, Miriam Pilar; SCHWADE, Elisete (Org.). *Política e cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 47- 68.

SANTOS, Aline. *A construção do papel social da mulher na Primeira República*. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/14404/14404.PDF>>. Acesso em: dez. 2013.

SANTOS, Taysa S; MAIA, Suzana. *A condição feminina: a dupla jornada de trabalho*. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/2012/10/08/a-condicao-feminina-dupla-jornada-de-trabalho>>. Acesso em: jan.2014.

SAFFIOTI, Heleith. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. *Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher*. São Paulo: UCITEC, 1981.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Tradução de Cristiane R. Dabat; Maria. B. Ávila. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, v. 6, n. 2, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. A mulher trabalhadora. In: DUBY, G.; PERROT, M. *Minha história das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1994. p. 443-475.

SEGUNDO, A. M. Massacre na Linha do parque: cidade de Rio Grande 1º de maio 1950 (questões de pesquisa). XI Encontro Estadual de História. *Anais eletrônicos*. Universidade

Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2002. p. 1358-1378. Disponível em: <[http://www.eeh2012.anpuhrs.org.br/resources/anais/18/1346295183\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnpuh2012.pdf](http://www.eeh2012.anpuhrs.org.br/resources/anais/18/1346295183_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2012.pdf)>. Acesso em: ago. 2013.

SILVA, Simone A. da. *Análise ergonômica do trabalho do soldador: contribuição para projeção ergonômica*. (Dissertação de Mestrado em Engenharia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Suzana M. V. da; SPOLLE, Marcus V. O trabalho feminino nas fábricas de conserva de pescado: a permanência de uma exploração laboral. *Scripta Nova*. Universidad de Barcelona, 2014. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-464.htm>>. Acesso em: jan. de 2014.

SILVEIRA, Leonardo A. da. *Processo de Soldagem por arco submerso*. Disponível em: <<https://www.zemoleza.com.br/carreiras/40369-processo-de-soldagem-por-arco-submerso.html#gsc.tab=0>>. Acesso em: dez. 2014.

SIMPSON, Jennifer. *Tips for women in the welding industry*. Disponível em: <<http://www.arc-zone.com/blog/carmenelectrode/about/tips-for-women-in-the-welding-industry/>>. Acesso em: dez. 2013.

SOARES, Ivanete B. Construção de identidades no gênero entrevista e suas implicações sociais. *Anais do VI Congresso de Letras: Linguagem e Cultura: Múltiplos Olhares*. Centro Universitário de Caratinga. Minas Gerais, 2007.

SOUZA, Dercy A. de. *Aumenta número de mulheres no polo naval*. Disponível em: <[http://www.rgyc.com.br/index.php?n\\_sistema=3029&id\\_noticia=1231](http://www.rgyc.com.br/index.php?n_sistema=3029&id_noticia=1231)>. Acesso em: nov. 2013.

STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e graça*. Tradução de Alfred, J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

TELES, Maria A. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução do grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do instituto de psicologia da PUCRS. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TORRES, Luiz H. *Rio Grande, 1918: a mortalidade supera a natalidade*. Disponível em: <[www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=10273](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=10273)>. Acesso em: set. 2013.

ZIEBELL, Carmen. Quip monta estrutura para qualificar soldadores. *Jornal Agora*. Rio Grande, 2011. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/print.php?id=11783>>. Acesso em: fev. 2014.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução de Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

## ANEXOS

### QUESTÕES PARA ENTREVISTA (ANEXO 1)

#### Soldadora A

(Pesquisadora): Qual sua cidade natal?

(Soldadora): Rio Grande

(Pesquisadora): Qual sua idade?

(Soldadora): 35 anos

(Pesquisadora): Estado civil?

(Soldadora): Divorciada

(Pesquisadora): Tem filhos?

(Soldadora): Tenho um de cinco anos um gurizinho

(Pesquisadora): Tem filhos pequenos, onde ficam as crianças no período em que trabalhas?

(Soldadora): É no caso de manhã ele fica com meu pai meu pai que ele já é aposentado aí na parte de meio dia meu pai leva ele até a escolinha e da escolinha a professora responsável leva ele até o colégio onde ele tá fazendo o jardim.

(Pesquisadora): Como te sentes em não poder estar presente?

(Soldadora): Ah eu me sinto triste porque o meu filho tem cinco anos mas ele me cobra ele chega pra mim e diz mãe quando é que tu vais tirar férias ele quer que eu vá levar ele na colégio quer que busque ele quer muita atenção ele é muito dengoso e exige isso de mim eu me sinto ruim por não poder corresponder.

(Pesquisadora): Moras em que bairro?

(Soldadora): Eu moro na cidade nova

(Pesquisadora): Moras com quem?

Eu moro com meu pai meu filho e meu irmão

(Pesquisadora): A residência é própria ou alugada?

(Soldadora): É própria é do meu pai mesmo.

*(Pesquisadora):* Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

*(Soldadora):* Eu e meu pai

*(Pesquisadora):* Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

*(Soldadora):* É quando eu chego em casa eu tenho que dar banho no meu filho né ajeitar a comida dele brincar com ele dar atenção porque tá sempre no 220W aí alimento ele tomo meu banho junto no caso e aí me deito com ele.

*(Pesquisadora):* Fala um pouco sobre o seu dia a dia: a que horas acorda, como vai para o emprego, a que horas chega em casa, etc.

*(Soldadora):* Vinte pras seis eu já saio pra pega o ônibus da empresa mesmo dez pra sete eu chego pego meu filho na escolinha e retorna pra casa.

*(Pesquisadora):* Qual tua escolaridade?

*(Soldadora):* Eu tenho superior completo.

*(Pesquisadora):* Em que área?

*(Soldadora):* Recursos humanos

*(Pesquisadora):* O que a motivou ser soldadora?

*(Soldadora):* Bom eu não morava em Rio Grande eu tava fora de Rio Grande há oito anos e quando eu retornei pra cá eu fiquei sabendo que aqui a solda tava sendo o momento né tanto pra mulher aí eu resolvi fazer o curso em 2009 fiz um curso de eletrodo até paguei o curso na época foi R\$800,00 demorei dois anos e meio pra ingressar sim porque na época eles pediam 6 meses de experiência na carteira porque na época não tinha a Ecovix aí demorou isso aí pra consegui o emprego.

*(Pesquisadora):* Há quanto tempo está na empresa?

*(Soldadora):* Nove meses

*(Pesquisadora):* Na tua área dos Recursos Humanos não chegaste a trabalhar?

*(Soldadora):* Não, infelizmente, eu não consegui.

*(Pesquisadora):* Tens vontade?

*(Soldadora):* Tenho

*(Pesquisadora):* Tua remuneração salarial é em torno de?

*(Soldadora):* Três salários mais ou menos

(Pesquisadora): Tens plano de saúde?

(Soldadora): Tenho

(Pesquisadora): O plano é bom?

(Soldadora): É bom

(Pesquisadora): Qual o destino de teu salário?

(Soldadora): Minha casa meu filho planos futuros um automóvel que é o meu sonho de consumo [risos] meu objetivo agora futuramente né e arrumar a minha casa pra ter mais conforto eu já tô pensando na minha velhice futuramente.

(Pesquisadora): Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê?

(Soldadora): Agora eu trabalho na equipe do robô né que no caso a gente trabalha com um robozinho termina a solda e aí agente faz o visual da solda pra deixá-la direitinha pra que o rapaz responsável vá lá e verifique se tá tudo ok e libera a solda.

(Pesquisadora): Como é esse robozinho?

(Soldadora): Ai é uma é um quadradinho assim de ferro né e ali a gente coloca a tocha da onde sai o arame e aí a gente liga ele quando ele funciona bem né aí ele vai e faz a solda pra nós até a gente não sente tanta dor nas costas na hora né só na parte do visual que a gente cansa mais joelho coluna.

(Pesquisadora): Tens alguma dificuldade na atividade que desempenhas?

(Soldadora): Ah hoje em dia eu posso dizer que não tanto né tem dias que a gente tá bem pra solda tem dias que nem tanto né também depende do material que a gente tá trabalhando mas hoje em dia eu posso dizer que tá bom bem melhor do que no início. Por causa desse robozinho, ou não? Tudo o tempo também a experiência que a gente vai adquirindo aqui dentro né.

(Pesquisadora): Tens colegas homens?

(Soldadora): Tenho

(Pesquisadora): A maioria é de homens?

(Soldadora): No setor de robô tá mais mulheres do que homem, mas na oficina em si tem mais homens.

(Pesquisadora): No setor são quantas soldadoras?

(Soldadora): Tu diz o que n setor do robô? Sete ou oito

(Pesquisadora): Para o número proporcional de homens?

*(Soldadora):* Quatro

*(Pesquisadora):* Eles exercem a mesma função?

*(Soldadora):* Sim a mesma função

*(Pesquisadora):* Já passaste por alguma situação constrangedora no seu emprego por ser mulher?

*(Soldadora):* Já.

*(Pesquisadora):* Podes relatar?

*(Soldadora):* Eu tava soldando né na posição de quatro e aí chego um amigo meu e perguntou Rosana vai demorar muito aí e eu disse não já to quase terminando por que precisa de alguma coisa Não porque assim mata o papai aí eu fiquei roxa de vergonha né aí peguei nem consegui falar nada né comecei a soldar meia de ladinho pra tentar disfarçar mas foi bem constrangedor.

*(Pesquisadora):* Tens algum objetivo profissional?

*(Soldadora):* Sim tenho eu pretendo fazer minha pós né e quero fazer a parte de solda tipo ficar no mesmo ramo um [...] né pra mim pode de repente fazer um concurso pra Petrobras.

*(Pesquisadora):* O que costumava fazer quando está de folga?

*(Soldadora):* Ah eu saio com meu filho o que dá pra arrumar na casa eu ajeto mas eu procuro ficar com ele leva ele pra passear leva ele pra come fora ficar com ele meu filho é primordial.

## QUESTÕES PARA ENTREVISTA (ANEXO 2)

### Soldadora B

|   |
|---|
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Qual tua idade e cidade natal?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Eu sou moradora de Rio Grande, nasci em Rio Grande e tenho 34 anos</p>  |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Estado civil?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Sou casada meu marido trabalha aqui na Ecovix.</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Tens filhos?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Tenho um filha de 4 anos</p>  |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Onde fica tua filha quando estás trabalhando?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Ela fica na escolinha, é meio complicado o horário da escolinha mas... ela fica na escolinha ah mas só que eu tenho que pagar uma pessoa para levar ela pra pegar ela porque o horário da escolinha não é o mesmo que eu venho trabalhar.</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Como te sentes em não poder ficar com eles?</p> <p><i>(Soldadora):</i> A gente se sente mal por causa que eles cobram da gente eles dizem “ai mãe vais estar em casa hoje, não vais estar comigo. Quando a gente mesmo tem alguma apresentação na escolinha a gente não pode ta saindo todos dia do serviço, eles não se opõem da gente sair, se a gente precisar sair eles deixam a gente sair, mas a gente se sente mal de tá tendo que sair seguida aí...</p> |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Tu moras em que bairro?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Bairro Getúlio Vargas</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Moras com quem?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Moro com meu marido e a dinda dele e a minha filha</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> A residência é própria ou alugada?</p> <p><i>(Soldadora):</i> É própria, própria da minha sogra da dinda dele no caso.</p>   |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Quem é responsável pelos afazeres domésticos?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Eu, quando eu chego em casa no caso eu tenho que fazer senão a casa sobe em cima da gente risos. Ah, tenho a minha filha pra dar banho tenho que ver os cadernos dela, ver se tem alguma coisa que a professora mandou né tenho que limpar se alguma coisa tá suja, tem que botar roupa na máquina, botar roupa na corda, tirar da corda dobrar risos tem comida tem tudo né da</p>  |

comida pra minha filha.

*(Pesquisadora):* Dá tempo pra tudo?

*(Soldadora):* Às vezes da, às vezes tem coisas que a gente vai empurrando com a barriga né risos aí o fim de semana que é dia da gente descansar aí a gente vai fazer aquilo que foi empurrado com a barriga [risos].

*(Pesquisadora):* Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais? Fala um pouco sobre o seu dia a dia: a que horas acorda, como vais para o emprego, a que horas chegas em casa, etc.

*(Soldadora):* Eu me acordo às quinze pras seis da manhã eu chego em casa quinze pras sete da noite. Venho no ônibus da firma, almoço aqui.

*(Pesquisadora):* Qual tua escolaridade?

*(Soldadora):* Primeiro grau completo

*(Pesquisadora):* Antes de ser soldadora, trabalhavas? Onde?

*(Soldadora):* Trabalhava na fábrica de peixe

*(Pesquisadora):* O que a motivou ser soldadora?

*(Soldadora):* Ah eu queria ganhar mais progredir dar um futuro melhor pra minha filha.

*(Pesquisadora):* Qual é a diferença do emprego que tu tinhas na fábrica de peixe para o de hoje soldadora?

*(Soldadora):* Ah diferença salarial né, o salário porque o esforço físico o nosso é bastante até mais, mas acontece que o salário é bem melhor né.

*(Pesquisadora):* Fizeste curso de solda?

*(Soldadora):* Fiz eu fiz encanador e montador de tubulação e tinha o básico de solda.

*(Pesquisadora):* Onde?

*(Soldadora):* Foi no Senac.

*(Pesquisadora):* Pagaste pelo curso?

*(Soldadora):* Não esse curso foi aquele que eles deram no Promimpi.

*(Pesquisadora):* Quanto tempo demorou para conseguires o emprego de soldadora?

*(Soldadora):* Uns dois anos.

*(Pesquisadora):* Há quanto tempo és soldadora?

*(Soldadora):* Ah, eu tô na firma vai fazer um ano e quatro meses.

*(Pesquisadora):* A remuneração salarial é: um salário mínimo, entre um e dois salários, entre dois a três, ou maior que três salários?

*(Soldadora):* Um salário e meio mais ou menos

*(Pesquisadora):* Tens plano de saúde?

*(Soldadora):* Tenho.

*(Pesquisadora):* Fazes hora extra?

*(Soldadora):* Faço

*(Pesquisadora):* Qual o destino de teu salário?

*(Soldadora):* Ah ajudar em casa, a escolinha da minha filha é... as compra, é as coisa que tem que comprá, roupa pra minha filha as coisa da escolinha dela.

*(Pesquisadora):* Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê? Qual é tua jornada de trabalho?

*(Soldadora):* Eu soldo com um robô a gente solda a gente pega o robô pega as máquina de solda, arame, e a gente solda, bota pra soldar a gente bota os biombo pra proteger os colegas e a gente mesmo a vista né por causa que a caloria da solda e aí a gente pega o serviço às sete e meia da manhã no caso a gente faz a elaboral, depois da nossa elaboral, a gente bota o couro e vai solda aí depois dez para o meio dia a gente tira o couro se limpa e vem almoçar aí a uma hora a gente retorna do almoço a gente retorna pra oficina pra trabalhar.

*(Pesquisadora):* O couro é o avental?

*(Soldadora):* É.

*(Pesquisadora):* Como procedes com os materiais de trabalho, os cabos?

*(Soldadora):* Ah a gente tem ah o rolo de arame tem 15 quilo, a máquina não sei quantos quilos tem, mas é pesada também e a gente bota o rolo de arame dentro da máquina aí a gente bota a tocha aí a gente bota cabo e puxa tudo né.

*(Pesquisadora):* Até o local que tem...?

*(Soldadora):* Até o local e serviço e às vezes a gente muda dum lugar pro outro tá toda hora mudando que acabou aquela solda tem a solda mais na frente tem solda em outra peça e lá vai a gente com máquina com tocha com tudo.

(Pesquisadora): Quando não tem o que fazer, o que fazes?

(Soldadora): Quando não tem o que fazer, a gente varre a oficina.

(Pesquisadora): Varrem a oficina?

(Soldadora): Varre a oficina.

(Pesquisadora): E os homens varrem a oficina?

(Soldadora): Ah, raramente, mas é as mulher, mas os homens também varrem mas mais é as mulher.

(Pesquisadora): E o que cansa mais varrer a oficina ou soldar?

(Soldadora): Eu acho que varre é mais cansativo pela monotomia de tá com a vassoura do tempo não passá, por causa que a gente soldando as horas passam bem rápido e na vassoura as horas custam a passá e é o que faz ser cansativo as horas não passá a gente já varreu toda a oficina não tem mais o que varrer e a gente tem que tá ali procurando o que fazê e não tem mais nada que fazê então isso é cansativo a gente não tê nada que fazê e tá ali com a vassoura e tendo que tá fingindo que tá varrendo porque não tem mais nada que fazê, mas é a verdade [risos].

(Pesquisadora): Tens colegas homens?

(Soldadora): Tenho

(Pesquisadora): Mais homens do que mulheres?

(Soldadora): Eu acho que mais mulheres

(Pesquisadora): Eles exercem a mesma função?

(Soldadora): Exercem

(Pesquisadora): Já passaste por alguma situação constrangedora no seu emprego por ser mulher? Podes relatar?

(Soldadora): Ah eu acho que às vezes tem alguma piadinha, alguma coisa mais isso a gente leva pra frente, alguém dizendo que a gente é mulher e que a gente não vai ter privilégio, mas a gente não tá aqui atrás de privilégio, a gente quer trabalha mesmo.

(Pesquisadora): Tu me disseste anteriormente tu tiveste o teu rosto queimado por causa da solda, queimaste teu rosto?

(Soldadora): Não, assim, a solda geralmente a gente tem que passá o protetor solar, a gente tem que usar óculos escuro pra soldar com robô porque ele vai queimando né a gente a gente a radiação faz a gente ir queimando o rosto quem é clara mesmo se não é um protetor solar bem forte fica sai

de lá um pimentão, bem vermelhona.

*(Pesquisadora):* E os teus joelhos como estão?

*(Soldadora):* Tão pretos, tão pretos de ta ajoelhada mas a gente tem que trabalhar e quer trabalhar né.

*(Pesquisadora):* Tens algum objetivo profissional?

*(Soldadora):* Eu acho que crescer é o que todas pessoas querem a gente visa sempre conseguir algo melhor mas eu quero soldar, quero soldá mas se eu conseguir algo melhor dentro do meu serviço pra cresce eu...

*(Pesquisadora):* Fazes algum outro curso para isso?

*(Soldadora):* Não

*(Pesquisadora):* O que costumás fazer quando estás de folga?

*(Soldadora):* Geralmente a folga da mulher é trabalhar em casa né risos mais a gente tem que arrumar um tempo pro filho pros filhos pro marido então a gente sai passeia mais trabalho sempre tem [risos].

### QUESTÕES PARA ENTREVISTA (ANEXO 3)

#### Soldadora C

*(Pesquisadora):* Qual tua cidade natal?

*(Soldadora):* Rio Grande

*(Pesquisadora):* Qual tua idade?

*(Soldadora):* Eu tenho 32 anos

*(Pesquisadora):* Estado civil?

*(Soldadora):* Casada

*(Pesquisadora):* Tens filhos?

*(Soldadora):* Tenho

*(Pesquisadora):* Quantos?

*(Soldadora):* Dois, uma menina de 14 anos uma aborrecente e um menino de quatro.

*(Pesquisadora):* Onde ficam as crianças no período em que trabalhas?

*(Soldadora):* De manhã o meu filho fica dormindo até a hora da escolinha fica com a minha filha ela vai pra escola e já leva ele pra escolinha até a hora de eu soltá né e a minha filha de tarde fica em casa sozinha.

*(Pesquisadora):* Como te sentes em não poder ficar com eles?

*(Soldadora):* Ah é bem complicado bem complicado porque agora ele já tá se acostumando já tá acostumado com a escolinha mas antes ele chorava aí a minha filha tinha que ficar com ele até um certo horário ele se queixava pra mim bah mãe não quero ir pra escolinha agora ele já tá bem acostumado com a escolinha mas foi bem complicado agora mesmo ele não quer ficar em casa final de semana ele que tá na escolinha então ele se adaptou bastante mas foi bem é bem complicado. Ah a gente fica meio aborrecido já bah é a parte é a pior parte é a pior parte do emprego é a gente ter que abandoná os filhos tão precocemente né é complicado mesmo.

*(Pesquisadora):* Uma situação que conversamos aqui que seria?

*(Soldadora):* É o bom seria as escolas se adaptarem a nossa realidade né no caso a gente eu mesmo me acordo 530 da manhã se já tivesse uma escolinha lá por quinze pras seis seria o ideal a escolinha aqui em RG nenhuma abre antes das sete horas a gente já tá aqui na empresa então é bem complicado é bem complicado.

*(Pesquisadora):* Moras em que bairro?

*(Soldadora):* Eu moro na municipal

*(Pesquisadora):* Moras com quem?

*(Soldadora):* Eu moro com meus filhos e meu esposo

*(Pesquisadora):* A residência é própria ou alugada?

*(Soldadora):* Não não é emprestada, no momento é emprestada

*(Pesquisadora):* Ah mas tu estavas me dizendo que tu entraste pra cá com um objetivo não é isso?

*(Soldadora):* É eu queria financiar minha casa e já tô entrando com os papéis [risos] não vejo a hora.

*(Pesquisadora):* Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

*(Soldadora):* Ah eu a minha filha e o meu esposo lá em casa todo mundo trabalha [risos] mas a Amélia mesmo sou eu [risos].

*(Pesquisadora):* Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

*(Soldadora):* Complicado, chega em casa é roupa pra tirar da corda geralmente ainda tá na ah corda roupa pra lavar lixo pra botar na rua é almoço pro João Vitor levar pra escolinha no outro dia é almoço pra minha filha é cansativo bem cansativo.

*(Pesquisadora):* Fala um pouco sobre o seu dia a dia: a que horas acorda, como vais para o emprego, a que horas chega em casa, etc.

*(Soldadora):* Eu me acordo 5h e 30min venho no ônibus da firma dez pra sete.

*(Pesquisadora):* Antes de ser soldadora, trabalhavas?

*(Soldadora):* Trabalhava

*(Pesquisadora):* Onde?

*(Soldadora):* Eu trabalhava num motel [risos] eu era camareira eu era um Severino [risos] nesse motel eu fazia de tudo de tudo um pouco eu fazia lanche eu fritava batata fazia comida eu lavava roupa lavava louça era né na medida do possível trabalhava como serviço geral era tudo tudo.

*(Pesquisadora):* Qual tua escolaridade?

*(Soldadora):* Ensino médio completo

*(Pesquisadora):* O que a motivou ser soldadora?

*(Soldadora):* O salário a gente vai pesquisá fiz Promimp né e aí comecei claro que era uma propaganda totalmente enganosa né [risos] mas aí a gente vai procurar saber salário o que me atraiu aqui também pro polo naval é o convênio médico né o convênio médico acho que é o que mais atrai a gente pro emprego é um convênio completo não me é descontado nada do nosso salário então

*(Pesquisadora):* Quanto tempo demorou para conseguires o emprego?

*(Soldadora):* Depois do curso um mês

*(Pesquisadora):* Há quanto tempo está na empresa?

*(Soldadora):* Vai fazer um ano 10 meses

*(Pesquisadora):* A remuneração salarial é: um salário mínimo, entre um e dois salários, entre dois a três, ou maior que três salários?

*(Soldadora):* Em média de três salários mínimos

*(Pesquisadora):* Qual o destino de teu salário?

*(Pesquisadora):* Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê?

*(Soldadora):* Bom solda e esmeril né a gente faz solda e faz visual de solda trabalha com o robô o trator de solda que chamam e o esmeril o esmeril é lixadeira pra lixar a solda né antes de soldar a gente prepara a peça pra solda e depois de soldá a gente passa o esmeril pra tirar respingos imperfeições da solda pra deixar a solda bonita pra futura pintura né.

*(Pesquisadora):* Gostas do trabalho?

*(Soldadora):* Gosto principalmente quando o visual é liberado cedo né ah é não tem retrabalho porque o visual é que mata a gente assim é retificá é muito mais cansativo.

*(Pesquisadora):* Tens alguma dificuldade no trabalho?

*(Soldadora):* A dificuldade maior é o peso que a gente faz pra carregar os consumíveis arame pra puxar os cabos que geralmente tem 30, 50 metros de cabo e eles são triplos não é um cabo só são três tipos de cabo num só a gente puxa eles esticar a extensão bota robô tudo é muito pesada

*(Pesquisadora):* Trabalhas em altura?

*(Soldadora):* Não

*(Pesquisadora):* Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher?

*(Soldadora):* Ai já já passei sim não por ser mulher mas foi algo muito constrangedor eu tive que vim cadastrar meu dedo não ri que eu vou contar que era é o meu ponto que a gente bate o ponto pela digital eu vim da oficina muito suja a gente tinha chegado chego e não tinha solda eu tava no

visual e é o visual que suja mais a gente com a poeira do esmeril e eu vim aqui eu fui num lugar pra cadastrar a minha digital e a moça ficou e olhando com cara de nojo aí eu peguei e disse pra ela que ela melhorasse o rosto dela ao me olhar porque era eu que pagava o salário dela se eu não produzisse ela não ia receber tá certo então que ela se situasse no lugar dela porque que ela fez um rosto pra mim como se tivesse olhando algo nojento e eu me senti com aquilo toda vez que a gente que eu lembro do rosto dela [choro] foi horrível parecia que ela tava olhando algo nojento Se eu tiver que ir no centro eu vou no supermercado eu vou mas agora aqui dentro da firma onde todo mundo sabe onde todo mundo sabe o que a faz na rua a gente já espera.

*(Pesquisadora):* Tens algum objetivo profissional?

*(Soldadora):* Tenho sim ah com certeza eu acho que o máximo que eu vou aguentar aqui é uns cinco anos a gente não sei se tem saúde pra ir mais tempo assim e um trabalho bem sacrificante o corpo mais por a gente ser mulher a gente acho que não mas a gente é frágil olha o que eu gostaria de fazer talvez não dependesse de mim deixar meus filhos ficar um pouquinho maior.

*(Pesquisadora):* O que costumava fazer quando estás de folga?

*(Soldadora):* Ah eu limpo a minha casa e durmo eu saio um pouco com os meus filhos já bem que eles estão sempre na rua e a minha filha adora andá com ele na rua e eles não dependem muito de mim pra passear assim mais mas é arrumá a casa adianta alguma coisa de almoço pra congelá é a rotina da casa dá pra dá uma passeada de vez em quando mas mais é a rotina mesmo.

## QUESTÕES PARA ENTREVISTA (ANEXO 4)

### Soldadora D

*(Pesquisadora):* Qual tua cidade natal?

*(Soldadora):* Erexim

*(Pesquisadora):* Qual tua idade?

*(Soldadora):* 39 anos

*(Pesquisadora):* Estado civil?

*(Soldadora):* Casada

*(Pesquisadora):* Tens filhos?

*(Soldadora):* Tenho

*(Pesquisadora):* Quantos?

*(Soldadora):* Três

*(Pesquisadora):* Qual idade?

*(Soldadora):* Eu tenho um menina de 10 um menino de 14 e um rapaz de 21 anos.

*(Pesquisadora):* Estudam? Trabalham?

*(Soldadora):* A minha filha estuda ela faz a quarta série, o de 14 também estuda e o de 21 trabalha.

*(Pesquisadora):* Trabalha onde?

*(Soldadora):* Em uma empresa na Quip.

*(Pesquisadora):* A tua filha menor fica onde no período em que trabalhas?

*(Soldadora):* Na parte da manhã, quem sai por último em casa geralmente o meu filho de 14 deixa ela na casa da avó que mora na outra quadra e na parte da tarde ela vai pro colégio aí o meu filho o meu marido quem tive em casa mais cedo pegá ela na escola.

*(Pesquisadora):* Como te sentes em não poder ficar com a tua filha?

*(Soldadora):* Olha eu até sinto assim de senti bastante às vezes fico meio assim porque ela sempre foi sempre como minha filha e minha amiga onde eu ia ela ia junto até pra fazer o supletivo estuda ela ia junto ela me acompanhava na sala de aula então assim a gente estranhou mas geralmente ela diz não mãe vai trabalhar digo ai filha digo pra ela ai quem sabe a mãe para de trabalhar e fica em

casa e ela diz não mãe vai trabalhar vai ser bom pra nós.

*(Pesquisadora):* Moras em que bairro?

*(Soldadora):* Municipal

*(Pesquisadora):* Moras com quem?

*(Soldadora):* Eu moro com meu marido e meus filhos.

*(Pesquisadora):* A residência é própria ou alugada?

*(Soldadora):* É entre aspas sim porque o terreno é da minha sogra.

*(Pesquisadora):* Mas não paga aluguel?

*(Soldadora):* Não

*(Pesquisadora):* Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

*(Soldadora):* Eu que tenho que fazer.

*(Pesquisadora):* Só tu?

*(Soldadora):* É o meu marido depois que eu comecei a trabalhar ele resolveu pegar uma função pra ele que é bota roupa na máquina tirar estender na corda recolher e dobrar e guardar tem que ser cada um guarda a sua roupa.

*(Pesquisadora):* Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?

*(Soldadora):* Ah é assim eu já sei que quando eu chego em casa né eu tenho que da arranja etc. tempo pra tudo às vezes eu durmo tarde cedo às vezes até quero dormir cedo pra descansar um pouquinho mais mas é complicado normalmente vou dormir tarde pra deixar tudo arrumadinho pro outro dia faço janta o almoço pronto pro outro dia pra eles só chegarem e botarem no micro-ondas pra ficar prontinho pra comê.

*(Pesquisadora):* Fala um pouco sobre o seu dia a dia: a que horas acorda, como vais para o emprego, a que horas chegas em casa?

*(Soldadora):* Quinze pras seis eu acordo eu venho no ônibus da empresa e eu chego em casa em média vinte pra sete quinze pras sete.

*(Pesquisadora):* Qual a tua escolaridade?

*(Soldadora):* Eu tenho o Técnico incompleto

*(Pesquisadora):* Antes de ser soldadora, trabalhavas? Onde?

*(Soldadora):* Não algumas coisinha pra ganhar um troco mas no caso nada fixo assim com carteira

assinada.

*(Pesquisadora):* O que a motivou ser soldadora?

*(Soldadora):* Na verdade eu fiz um curso do Promimpi aí eu escolhi ali o que eu achava que ia se adequar mais a mim, que eu conhecia, nunca tinha tocado né num aparelho de solda mas achei que seria o mais adequado pra mim.

*(Pesquisadora):* Quanto tempo demoraste para conseguir o emprego?

*(Soldadora):* Depois que eu fiz o curso foi em seguidinha acho que uns três meses.

*(Pesquisadora):* Há quanto tempo está na empresa?

*(Soldadora):* Pra nove meses.

*(Pesquisadora):* Sua remuneração salarial é: um salário mínimo, entre um e dois salários, entre dois a três, ou maior que três salários?

*(Soldadora):* Dois três salários.

*(Pesquisadora):* Tens plano de saúde?

*(Soldadora):* Tenho

*(Pesquisadora):* Qual o destino de teu salário?

*(Soldadora):* Olha eu ajudo em casa, eu tinha um objetivo quando eu peguei aqui que era pra adquirir um terreno e uma casa o terreno eu já consegui né claro com a ajuda do meu marido e as despesas na casa sempre é meio dividido um ganha mais um ganha um pouquinho menos aí a gente vai é dividindo.

*(Pesquisadora):* Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê?

*(Soldadora):* Bom a gente solda né faz o visual da solda que é esmerilhar deixar ela perfeita pra fica liberado pras próximas peças no caso a gente faz tipo as peças iniciais do navio agente solda as peças iniciais.

*(Pesquisadora):* Qual é a tua jornada de trabalho?

*(Soldadora):* De nove horas.

*(Pesquisadora):* Fazes hora extra?

*(Soldadora):* Dificilmente só no sábado.

*(Pesquisadora):* Há alguma dificuldade na atividade que desempenhas?

*(Soldadora):* Olha acho que toda atividade nova tem uma dificuldade mas eu acredito que eu tô

superando a cada dia e acaba se tornando uma rotina.

*(Pesquisadora):* Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher? Poderia relatar?

*(Soldadora):* Não [risos] mas uma colega minha passou uma situação bem constrangedora.

*(Pesquisadora):* Podes relatar?

*(Soldadora):* É não sei depois tu vê foi num curso e ela foi assisti um curso né que inicialmente tem cursos ela tava naqueles dias e a calça dela manchou todinha e o rapaz pediu pra ela ir na frente da sala auxiliar ele então ela tava exposta a todos aí depois ela passou uma situação que ela não tinha ir embora porque tava muito ela teve que usar a toca que nós usamos como EPI pra tapa as calças atrás porque tava bem difícil ela ficou muito envergonhado porque ficou exposta a todos ali. [lembrou de outra situação]. [risos] Eu tava noutro setor e tava esmerilhando, já tinha terminado a solda, tava esmerilhando quando eu vi um rapaz veio e me chamou atenção moça tá aparecendo tuas calcinha e tinha dois funcionários de outra empresa olhando e aí claro e de repente eles tavam olhando pra pensando como iam fazer pra me avisar porque é bem desagradável fiquei com vergonha mas agradei né. Mas ao mesmo tempo não pode parar de soldar, não é isso? Não [...] deixa a vergonha de lado e vai trabalhar.

*(Pesquisadora):* Tu comentavas antes que ficas com o rosto...

*(Soldadora):* A pele fica ressecada dá a impressão que envelhece mais rápido o cabelo resseca eu em casa às vezes eu tento soltar meu cabelo mas daqui a pouquinho já tô prendendo a gente tem que usar aqui o cabelo preso né porque é perigoso soltar alguma fagulha queima então a gente acostuma até interessante que de início a gente tentava passar um batonzinho ah o brinco eu na saída eu tentava colocar em casa no fim de semana eu parecia uma árvore de natal era o brinco, a pulseira a corrente aí com o tempo a gente vai meio que esquecendo isso porque é bem corrido o tempo é curto.

*(Pesquisadora):* Tu também me contavas do rosto?

*(Soldadora):* Fica pretinho, nem quando criança a gente ficava com o rosto tão sujo.

*(Pesquisadora):* Tens algum objetivo profissional?

*(Soldadora):* Tenho, eu tenho pretendo fazer algum outro curso assim né pra melhorar, não financeiramente, mas né profissionalmente porque a solda é bem puxada eu acho que com o passar do tempo ela se torna bem cansativa então tem que procurar melhorar né não da pra ficar no mesmo lugar sempre.

*(Pesquisadora):* Seria no mesmo ramo?

*(Soldadora):* Sim na mesma empresa.

*(Pesquisadora):* O que costumava fazer quando estás de folga?

*(Soldadora):* Quando eu tô de folga, faxina na casa [risos] cuida dos cadernos dos filhos dá uma olhadinha, dá uma atenção né, às vezes, mesmo que eu tenha muita coisa pra fazer, eu procuro me policia, eu digo ah não vamo ver um filme mãe sento nem que eu durma ali eu procuro dar uma atençãozinha pros filhos.

## QUESTÕES PARA ENTREVISTA (ANEXO 5)

### Soldadora E

|  |
|--|
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Qual tua cidade natal?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Minha cidade natal é Rio grande</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Qual tua idade?</p> <p><i>(Soldadora):</i> 31 anos</p>   |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Estado civil?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Solteira</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Tens filhos?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Não possuo filhos</p>  |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Moras em que bairro?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Buchholz</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Moras com quem?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Moro somente com a minha mãe</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> A residência é própria ou alugada?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Alugada</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Quem paga o aluguel?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Eu, minha mãe ela tem algumas limitações, ela teve um AVC</p>   |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Quem é responsável pelos afazeres domésticos?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Eu mas aí ela tenta me ajudar no que pode</p>   |
| <p><i>(Pesquisadora):</i> Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais?</p> <p><i>(Soldadora):</i> Tem dias vou te ser bem sincera tem dias que eu acabo deixando pro outro dia porque eu chego tão cansada que não tem condições mas normalmente ainda chego em casa normal e tem toda lida da casa normal desde cortar grama cozinha tudo.</p> <p><i>(Pesquisadora):</i> Fala um pouco sobre o seu dia a dia: a que horas acorda, como vais para o</p> |

emprego, a que horas chega em casa?

*(Soldadora):* Bom pra começar assim óh, ah quando venho com o ônibus da empresa eu tenho que me acordar eu tenho que me acordar às 5 da manhã dez pra cinco por aí porque o ônibus da empresa passa na Avenida Itália dez pra seis da manhã e quando eu venho com a minha moto aí eu posso me acordar um pouco mais tarde em torno de seis e vinte da manhã dá tempo de eu chegar tranquila aqui.

*(Pesquisadora):* E depois que horas chegas em casa?

*(Soldadora):* Pra chegar em casa dependendo se for com o ônibus da empresa chego dez pra sete horas sete e dez por aí e soltando às cinco e meia da tarde né mas se for com a minha moto em torno de seis e dez por aí porque dependendo do trânsito como Rio Grande cresceu muito essa parte né de automóveis então e não na verdade ainda não existe um projeto bem preparado pra nossa cidade sobre o trânsito né então a gente tá sofrendo bastante isso principalmente nessa faixa daqui da barra.

*(Pesquisadora):* É verdade

*(Pesquisadora):* Qual a tua escolaridade?

*(Soldadora):* Eu possuo segundo grau completo

*(Pesquisadora):* Antes de ser soldadora, trabalhavas?

*(Soldadora):* Trabalho desde os meus treze anos de idade eu tenho quinze anos de vendas nesses quinze anos de vendas achei uma dificuldade me deparei com uma dificuldade muito grande foi quando teve um aumento absurdo dos aluguéis em Rio Grande que as pessoas ficaram totalmente fora da casinha né a respeito disso os proprietários das residências enlouqueceram botaram os valores lá em cima e quem é esqueceram que na verdade não mora só o pessoal que é de fora aqui mora o pessoal que é de dentro da cidade então foi aí que eu senti uma necessidade maior de me qualificar em uma coisa que eu pudesse suprir a necessidade de aluguéis água luz né em geral comida alimentação.

*(Pesquisadora):* O que a motivou ser soldadora?

*(Soldadora):* Foi esse motivo foi porque eu não tava mais conseguindo sustentar a minha residência eu e minha mãe tinha que pagar ainda por cima à vezes além de trabalhar no comércio durante o dia muitas das vezes tipo eu trabalhava quarta quinta sexta e sábado e domingo às vezes de virada pra poder... trabalhava em festa no bar de festas à noite pra poder cobrir a minha renda né e mesmo assim às vezes eu me deparava de não conseguir então foi aí que eu cheguei de uma hora pra outra eu tive que pensá o que tava em ascendência na cidade o que tinha melhor crescimento que eu tivesse outras oportunidades depois de tá dentro do polo naval que eu tivesse outras oportunidades de crescimento.

*(Pesquisadora):* Pagaste pelo curso?

*(Soldadora):* Paguei R\$3.500,00 no Senai na época que eu fiz o curso no plantão da madrugada das onze às três da manhã

*(Pesquisadora):* Trabalhando durante o dia?

*(Soldadora):* Trabalhando eu trabalhava das oito e às vezes não tinha hora às vezes chegava às dez da noite porque eu era vendedora externa por último nos últimos seis anos eu era vendedora externa e quem é vendedor externo não tem vida social [risos].

*(Pesquisadora):* Quanto tempo demoraste para conseguir o emprego?

*(Soldadora):* Na verdade eu já saí do Senai já empregada na época eram feitos tu pagavas o curso né eles selecionavam algumas pessoas eu tive a sorte da minha turma ser toda escolhida sendo que metade ia ser pra empresa ECIX metade para a ECOVIX cada um de nós ganhou mais 100h aulas pelas empresas pagos e efetivados lá no Senai mesmo né foram feitas lá no Senai e dali a gente dentro do próprio Senai a gente fez um teste de qualificação e a partir dali já soubemos o resultado e levou uns quinze dias e já estávamos fazendo a integração dentro da empresa.

*(Pesquisadora):* Há quanto tempo estás na empresa?

*(Soldadora):* Desde abril de 2012.

*(Pesquisadora):* A remuneração salarial é: um salário mínimo, entre um e dois salários, entre dois a três, ou maior que três salários?

*(Soldadora):* Três quatro salários, dependendo com hora extra dá pra tirar isso.

*(Pesquisadora):* Tens plano de saúde?

*(Soldadora):* Sim todos nós temos Unimed e Uniodonto a parte dentária.

*(Pesquisadora):* Qual o destino do teu salário?

*(Soldadora):* Além das minhas contas eu guardo uma renda para poder adquirir a minha casa própria.

*(Pesquisadora):* Além das contas das despesas da casa?

*(Soldadora):* Isso despesas com a casa comigo com roupa porque eu sou meio consumista também nessa parte eu tenho que me controlar né mas além de todas né a alimentação água aluguel tudo eu separo uma grana justamente para poder pagá uma casa própria pra mim.

*(Pesquisadora):* Como é que tu lidas com essa questão da vaidade, estavas falando das roupas?

*(Soldadora):* Bom aqui dentro depois que nós entramos pra dentro da empresa esquece vaidade tento manter sempre um batom um lápis pra não esquecer [risos] as unhas tento ficar com elas

pintadas mas infelizmente acaba descascando as pontinhas [risos] sempre é um dois dias no máximo que dura mas a gente tenta manter um batom um lápis pra poder ficar se sentir um pouco mais feminina também quando a gente sai daqui a gente sai procurando uma calça jeans bem apertada uma Rala Bela [risos] qualquer roupa que marque as tuas curvas do corpo [risos].

*(Pesquisadora):* Para diferenciar do uniforme?

*(Soldadora):* Isso

*(Pesquisadora):* Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê?

*(Soldadora):* Hã bom nós soldadores Ecovix a gente não tem somente a solda a gente também faz o visual da nossa solda no meio em que eu trabalho é considerado um soldador completo tá hã primeiro a gente chega os esmerilhadores deixam pronto né a parte de montagem da estrutura pra gente soldar a gente monta todo o nosso equipamento se tiver que puxar cabo a gente puxa hoje em dia eu trabalho na parte de blocos que são a união de várias chapas grandes que acabam sendo essas caixas que vocês veem aqui na rua trabalho nos blocos dentro das oficinas não tô na rua ainda né isso não quer dizer que futuramente eu não venha a ficar na rua tenho que puxar um rolo de arame, por exemplo, é 15kg uma máquina pesa em torno de 10 a 15kg também cabos pesados também a gente e arrasta puxa até em cima do bloco nosso outro material esmerilhador hã retífica todos materiais que a gente precisa tem que carregar pra cima do bloco particularmente eu não gosto de pedir ajuda pra ninguém né pois ainda existe no nosso meio um preconceito quando eu entrei eu sofri preconceito hoje em dia graças a Deus tá amenizado mas ainda existe realmente um preconceito com a mulher nessa área.

*(Pesquisadora):* Na parte física?

*(Soldadora):* É porque consideram que o gênero feminino vai ser mais frágil né o sexo frágil e tal só que nessa área a gente tem que esquecer que é mulher e usar toda força que a gente tem né de preferência porque é muito chato né depois tu passar e tu escutar os teus colegas mesmo dizendo assim pô eu tenho que toda hora puxando os equipamentos da fulana pra cima toda hora puxando o equipamento da ciclana claro chega uma certa hora que limita o teu né a tua parte física te limita por ser mulher e tal infelizmente acaba né te deparando com alguma situação que tu vai precisá de uma força masculina mas p que eu puder evitar eu evito.

*(Pesquisadora):* Essa seria a maior dificuldade do teu trabalho?

*(Soldadora):* É a maior dificuldade é as coisas mais pesadas né que a gente tem que realmente puxar pra cima e depois tu tens que tá com a mão firme pra soldar (risos) muitas vezes tu termina de puxar as coisas lá pra cima e a tua tá tremendo aí tu desce toma uma água volta deu já normalizou o corpo [risos].

*(Pesquisadora):* Tens colegas homens?

*(Soldadora):* Tenho

*(Pesquisadora):* Eles exercem a mesma função?

*(Soldadora):* Mesma todos nós independente de ser homem ou mulher soldamos as mesmas coisas.

*(Pesquisadora):* Já passaste por alguma situação constrangedora no teu emprego por ser mulher? Podes relatar?

*(Soldadora):* Ah muitas vezes o que acontece eu sou o tipo de mulher que eu trabalho com o cinto boto as calças lá em cima no pescoço quase se puder trabalho com calças mais largas também para evitar porque assim tem situações posições que a gente tem que ficar que não tem como o tu tem que te agachar e ficar de joelho com a bunda pra cima entendeu e por ser um lugar onde a grande maioria é homem acaba que tu sempre escuta uma gracinha ah não sei só que cabe a ti impor respeito na verdade a gente pode ate numa brincadeira mandar a pessoa meio longe mas a gente consegue contornar a situação pra que eles não abusem com agente né porque infelizmente acontece isso ainda acontece.

*(Pesquisadora):* A respeito daquela situação que tu me relataste do preconceito dos encarregados?

*(Soldadora):* É na verdade não só de encarregados eu tive quando eu entrei principalmente ainda nos três primeiros meses ainda como eu tinha dificuldade porque no Senai tu soldas chapinhas desses tamanhos umas chapinhas pequenas como eu tive dificuldade de me adaptar com chapas grandes estruturas de seis sete meses de comprimento eu tinha que pedir ajuda para os meus colegas mais antigos como é que se posicionavam e tal e aí chegou ao ponto de eu escutar assim por isso que eu não gosto de trabalhar com mulher prefiro trabalhar com homem porque a gente tem que tá ensinando na verdade qualquer pessoa que chegou ninguém nasce sabendo soldar a solda é toda uma questão de aperfeiçoamento cada dia tu vai melhorando um dia tu tenta de um jeito noutro dia tu tenta doutro e aí tu achou uma melhor parte e vai ser a partir daquilo que ali que tu vai lidar melhorar ó aqui tá bom jeito pra melhorar ainda mais entendeu e quando eu entrei logo no primeiro dia foi um preconceito que a gente teve que tinha encarregados que não trabalhavam com mulher até hoje ainda existe com isso não trabalham com mulher justamente porque tem algumas que chegam na área de trabalho e se deparam de ter que botar algo pra cinco seis metros de altura o equipamento né às vezes pode ser pela limitação do corpo mas às vezes não é tem algumas que ainda se aproveitam disso [risos] aí acaba eles tendo que toda hora ajudar e aí acaba tendo esse preconceito se for homem é mais fácil vai puxar pra cima do bloco não vai pedir ajuda pra ninguém.

*(Pesquisadora):* Tens algum objetivo profissional?

*(Soldadora):* Objetivo tenho na verdade assim tenho objetivo de aprender todas soldas hoje em dia eu só soldo arame tubular quero aprender eletrodo tics se eu puder trabalhar com as ligas especiais que são outros tipos de materiais né é o meu objetivo por enquanto nessa área depois que atingir esse objetivo de me qualificar em todas as áreas que eu souber aí sim eu tento partir pra uma parte de encarregado como eu tenho duas colegas que são encarregadas na empresa.

*(Pesquisadora):* Apenas duas?

*(Soldadora):* É hoje em dia apenas duas encarregadas na empresa.

*(Pesquisadora):* Para uma proporção de homens?

*(Soldadora):* Ah bom pra tu te uma ideia hoje existe em torno de 350 encarregados no estaleiro e duas mulheres [risos].

*(Pesquisadora):* No momento não fazes outro curso, estás aprendendo na prática?

*(Soldadora):* Não, não agora, na prática aí tive um a oportunidade fiz um teste e tudo pra passar para outro setor que me ajudaria né a me qualificar só que infelizmente fui barrada dentro da própria empresa pelos coordenadores e tal é uma questão de tempo se eu não aprender aqui amanhã ou depois eu vou aprender fora nem que seja mas eu quero isso daí pra mim.

*(Pesquisadora):* O que costumavas fazer quando estás de folga?

*(Soldadora):* Escutar muita música me divertir passear viajar é o que geralmente eu costumo fazer e estar sempre no meio de amigos.

*(Pesquisadora):* Dá tempo pra tudo isso?

*(Soldadora):* Durante a semana é complicado tem dias que tu chega em casa e tu sabes que tu tem que limpar a casa e tu sabe que tu tem que fazê tá com vontade nula de quere né fazer alguma e às vezes tu vai fazer quando tu vai te dar por conta já é onze horas da noite tu tens que tomar teu banho tu tens que arrumar o restante da tua casa mas o dia que eu decido não arrumar eu saio pra rua.

*(Pesquisadora):* Tem mais alguma coisa que tu queiras falar sobre o teu trabalho que eu não tenha te perguntado?

*(Soldadora):* Tem antigamente eu era vendedora né todo mundo diz que o meu perfil é pra vendas porque eu sou comunicativa gosto tô sempre falando sou o tipo de pessoa é melhor tá com a língua dentro da boca fechadinha [risos] do que tá falando porque eu falo demais né mas era o meu perfil era só que é assim ninguém nasce só pra um a coisa na verdade tu vai aprende se tu realmente gosta da tua profissão é só na prática hoje em dia eu posso dizer eu amo de paixão eu sou enlouquecida pelo que eu faço e assim a minha solda pode não ser a melhor porque eu não me considero a melhor sempre vai ter alguém que vai saber mais do que eu que vai ter uma ideia uma dica pra trocar comigo mas eu procuro estar entre os melhores.

## QUESTÕES PARA ENTREVISTA (ANEXO 6)

### Soldadora F

*(Pesquisadora):* Qual tua cidade natal?

*(Soldadora):* Rio Grande

*(Pesquisadora):* Qual tua idade?

*(Soldadora):* 39 anos

*(Pesquisadora):* Estado civil?

*(Soldadora):* Casada

*(Pesquisadora):* Tens filhos?

*(Soldadora):* Tenho uma menina de 20 anos trabalha estuda agora tá entrando para a faculdade vai fazer Direito e o Gabriel de 14 anos é a Gabriele e o Gabriel

*(Pesquisadora):* O Gabriel estuda?

*(Soldadora):* Estuda passou pra oitava série e faz curso de computação e faz academia.

*(Pesquisadora):* O Gabriel fica em casa?

*(Soldadora):* É fica em casa e a minha mãe mora aqui pertinho

*(Pesquisadora):* Moras em que bairro?

*(Soldadora):* Lar Gaúcho

*(Pesquisadora):* Moras com quem?

*(Soldadora):* Moro eu o Gabriel e o meu marido e a minha filha mora com a minha mãe lá fica um pouco aqui um pouco lá.

*(Pesquisadora):* A residência é própria ou alugada?

*(Soldadora):* Própria

*(Pesquisadora):* Quem é responsável pelos afazeres domésticos?

*(Soldadora):* Todo mundo eu chego é porque eu chego em casa e boto todo mundo que antes era só eu né agora comecei a trabalhar porque é muito puxado o serviço é muito puxado aí todo mundo

faz um pouquinho todo mundo cozinha todo mundo varre todo mundo lava.

*(Pesquisadora):* Como administras teu tempo entre os afazeres domésticos e os profissionais? Fala um pouco sobre o seu dia a dia: a que horas acorda, como vais para o emprego, a que horas chegas em casa?

*(Soldadora):* Ah eu me acordo cinco e meia da manhã pego o ônibus ali seis e dez seis quinze aí chego umas seis e meia mais ou menos umas 12h fora de casa aí quando chego há aí já começa né a catar coisa aqui as roupas as brigas porque tu não varreu isso aí já começa até mais ou menos uma meia noite por aí.

*(Pesquisadora):* Fazes almoço pro outro dia?

*(Soldadora):* [risos] às vezes, porque a minha mãe que faz ela diz deixa que eu faço meu filho almoça lá.

*(Pesquisadora):* Qual a tua escolaridade?

*(Soldadora):* Superior completo

*(Pesquisadora):* Fizeste qual curso?

*(Soldadora):* Administração de Empresas

*(Pesquisadora):* Onde?

*(Soldadora):* Na Unopar, fiz Técnico em Comércio Exterior depois Administração de Empresas agora estou fazendo pós-graduação em Meio Ambiente e tô fazendo também fiz o curso de inspetor e to estudando para inspeção de solda e também me inscrevi para o concurso da estiva a gente tem que tentar de tudo.

*(Pesquisadora):* Na área administrativa não conseguiste trabalhar?

*(Soldadora):* Não eu fiz duas entrevistas mas não consegui entrar.

*(Pesquisadora):* Na Ecovix mesmo?

*(Soldadora):* Na Ecovix mesmo

*(Pesquisadora):* Antes de ser soldadora, trabalhavas?

*(Soldadora):* Trabalhava pedi demissão do meu emprego eu trabalhava na Furg no hospital como secretária por quatro anos e depois por último eu tava trabalhando na Habilitar aí um colega meu me disse por que tu não te inscreve no Promimp faz um curso e aí me chamaram no Promimp eu fiz aprova passei e me chamaram aí eu tive que pedir demissão do meu serviço aí todo mundo disse tu é louca largar o certo pelo duvidoso porque era uma bolsa de R\$300,00 que a gente ganhava né pra estudar aí eu fiz larguei fiquei eu das oito da manhã até às cinco da tarde a gente fazia o curso que era eletrodo e tic e depois eu acabei descobrindo esse outro curso no madrugada

de arame tubular que era das 23h da noite às 3 da madrugada aí fazia todo dia e depois vinha fazer o curso de arame tubular quando terminei o arame tubular levei um mês pra me chamar então fiquei um mês dois meses mais ou menos desempregada.

*(Pesquisadora):* O que a motivou ser soldadora?

*(Soldadora):* Ah o dinheiro hoje eu gosto adoro soldar mas o que me motivou foi o salário com certeza porque eu não sabia não tinha ideia nenhuma de solda tudo que eu aprendi lá com os colegas com o encarregado com né os colegas que chegaram antes de mim lá e cada um vai ensinando o outro vai ensinando o outro e tu vai tentando te aperfeiçoar e vai indo e até hoje tô tentando né cada dia tu vai tentando já tenho um ano e meio de casa acho que tô bem melhor de quando cheguei e aí a gente vai buscando melhorar.

*(Pesquisadora):* Há quanto tempo és soldadora?

*(Soldadora):* Um ano e meio

*(Pesquisadora):* A remuneração salarial é: um salário mínimo, entre um e dois salários, entre dois a três, ou maior que três salários?

*(Soldadora):* Três a quatro salários.

*(Pesquisadora):* Tens plano de saúde?

*(Soldadora):* Tenho

*(Pesquisadora):* Qual o destino de teu salário?

*(Soldadora):* Pra casa pras contas da casa agora fiz meu silicone [risos] em mim também [risos]

*(Pesquisadora):* Foi tu que pagaste?

*(Soldadora):* Foi eu vou pagar durante dois anos empréstimo

*(Pesquisadora):* Era um sonho?

*(Soldadora):* Era um sonho de vinte anos desde que eu ganhei minha guri agora como soldadora eu realizei que eu tenho minha independência financeira porque eu posso dizer que eu tenho independência financeira e fiz meu silicone.

*(Pesquisadora):* E o que significa o que tu achas que vai mudar na tua vida agora que tu colocaste o teu silicone?

*(Soldadora):* Ah minha autoestimas com certeza e a solda me trouxe minha independência que é uma coisa que eu queria há muito tempo que eu com o curso de administração de empresa não consegui com a faculdade e a solda me deu então eu tenho orgulho de dizer que eu faço história e eu boto no face as minhas fotos soldando e eu acho que a gente tá fazendo história e a mulher hoje em dia tá fazendo história a gente tá né é diferente é um orgulho que a gente tem que sentir da

gente mesmo porque a gente tá fazendo história.

*(Pesquisadora):* E como é que tu te sentes já que vi que tu és bem vaidosa que eu já vi colocaste um batonzinho colocaste teu silicone, como é que tu te sentes tendo que trabalhar lá na solda em um ambiente que não pode ter muita vaidade?

*(Soldadora):* Ah não não pode complicado no início agora já acostumei ah é foi bem complicado a gente as unhas tudo né tu ficas toda suja da malha de ferro mas tu pensas é daqui que to tirando meu sustento então tu te agarra eu sempre fui de batalhar não sou muito dondoquinha não então é não foi fácil é puxado o serviço mas tu para e olha é o que tá me dando o meu sustento tá me ajudando.

*(Pesquisadora):* A tua vida hoje mudou?

*(Soldadora):* Mudou hoje como vou te dizer hoje eu vou no centro se eu quiser uma blusa aí eu compro e deu pra bola e outra coisa que eu fiz também foi comprar meu carro.

*(Pesquisadora):* Fala um pouco do seu trabalho: fazes exatamente o quê?

*(Soldadora):* Bom o que que eu faço quando eu comecei hã entrei como 1F que é soldador na posição a gente soldava com um robô que é uma maquininha não sei se já conversaram contigo que é uma maquininha que tu coloca a tocha e ela vai fazendo a solda no perfil na posição horizontal e dali tu vai a empresa vai te proporcionando testes pra tu fazê pra tu melhorar pra ti evoluí dentro da profissão e aí eu fiz o teste 3F passei aí depois veio a promoção agora fiz o teste 2/3G passei e agora estou esperando minha promoção e assim vai indo são várias posições entendesse? Que 3F é posição vertical e 2/3G são chapas aberturas maiores e são peças tracionadas e aí tu vai aprendendo né e tu solda tu lixa.

*(Pesquisadora):* Soldas os cascos?

*(Soldadora):* É as chapas pra...

*(Pesquisadora):* O que tu estavas me contando que trabalham em altura?

*(Soldadora):* É quando a gente trabalha em bloco a gente tem que trabalhar em altura em espaço confinado.

*(Pesquisadora):* Como é esse espaço confinado?

*(Soldadora):* Espaço confinado são é espaços menores pequenos de pouco de difícil acesso onde o soldador entra lá pra dentro mas o técnico de segurança fica em volta é aí fica o vigia cuidando entra as mangueiras de ar pra gente não poder ficar sufocado lá dentro na hora da gente soldar né tem todo um cuidado uma segurança pra o soldador trabalhar com segurança lá dentro e em altura também trabalhar em altura tem os andaimes.

*(Pesquisadora):* E tu achas que tens alguma dificuldade, por exemplo, nesse espaço confinado?

Esse espaço é pequeno? Tu te sentes confortável pra trabalhar ali?

*(Soldadora):* Hã o espaço é pequeno né a gente trabalha bem apertadinho

*(Pesquisadora):* Como fica o físico?

*(Soldadora):* Ah é época de calor né o espaço muito apertado tem que tá te contorcendo

*(Pesquisadora):* O corpo fica dolorido?

*(Soldadora):* Ah fica fica com certeza mas gente vai já sabendo disso aí tem curso de espaço confinado tem curso de altura que a gente faz pra se qualificar.

*(Pesquisadora):* Tens colegas homens?

*(Soldadora):* Tenho, na minha equipe só eu de menina.

*(Pesquisadora):* E quantos homens?

*(Soldadora):* São seis

*(Pesquisadora):* Eles exercem a mesma função?

*(Soldadora):* A mesma função.

*(Pesquisadora):* Como tu lidas com essa situação que é só tu de mulher?

*(Soldadora):* Ah eu lido que eles têm que me ajudar [risos] eles me ajudam a subi por exemplo agora eu tô voltando aí eu disse pra eles eu vou poder pegar peso mas na manha [risos] não eles me ajudam a carregar a máquina lá pra cima porque eu tô no bloco lá em cima aí eu puxo o cabo eles me ajudam buscar cilindro de gás a gente carrega então eles me ajudam é legal é bem legal assim são a classe dos soldados a gente é unido sabe a gente vai eu venho vindo de equipes em equipes e às vezes mandam a gente lá pro ERG-2 o mandam tão precisando no cais norte tão precisando na Hidráulica então é uma classe assim bem um ajuda o outro todas as equipes que eu passei são bem legais a primeira equipe quando eu tava com a Rosane era só de meninas que era robo que agora não tô no robô tô na mão.

*(Pesquisadora):* Já passaste por alguma situação constrangedora no seu emprego por ser mulher? Podes relatar?

*(Soldadora):* Não, a única coisa que eu acho assim às vezes tem uns são raros que eles têm uma certa dificuldade de trabalhar com mulher que o homem vai ali pega segura e joga o [caraça] lá pra cima e a mulher já fica mais né nós não é a mesma força não é a mesma coisa e aí tem uns que têm aquela coisa não vamo alí que eu te ajudo tem outros que pô [risos] vou te que ajudá [risos] às vezes também é um certo preconceito porque ainda tem um certo preconceito ainda um minimozinho mas tem né de trabalhar com homem né.

*(Pesquisadora):* Mesmo de trabalhar com os teus colegas?

*(Soldadora):* Não é em geral assim eu noto assim mas isso tá tentando se desfocado acho que por eles mesmos mas que tem tem a gente nota que tem pô a mulher e daqui a pouco tem uma mulher lá duas encarregadas e resto tudo são homens é entre sei lá quantos encarregados são só duas.

*(Pesquisadora):* Encarregado é a posição mais...?

*(Soldadora):* É cada encarregado tem uma equipe então acho que tem uma certa assim mas eu acho que estão superando eu não sinto que a mulher queira pegar o lugar do homem acho que é se igualar acho não sei se igualar totalmente não porque também nós temos limites físicos né mas em relação a ser trabalhadora de tem muita mulher que trabalha muito mais do que muito homem lá dentro assim como tem muito homem muito guerreiro trabalhador isso é o ser humano não é questão homem/mulher entendesse então tem assim uma certa dificuldadezinha mas a gente vai mostrando que pode também.

*(Pesquisadora):* E por ser soldadora, tu já passaste por alguma constrangedora fora da empresa?

*(Soldadora):* Ah não tu sabes que as pessoas dizem assim ai qual é a tua profissão soldadora ai que legal as pessoas dizem isso ninguém diz assim AI SOLDADORA! Não só dizem assim é ah mais é muito puxado digo é puxado olha aqui minhas mãos tão cheia de calos mas eu não falo isso com vergonha eu digo com orgulho olha aqui óh os calos minhas mãos entendesse e aí tem gente que diz pô falando assim ah tu tem curso superior tás como soldadora aí não sei o que eu não acho vergonha tu tens que trabalhar sendo dignamente teu trabalho e a solda é um serviço digno.

*(Pesquisadora):* Não sei se te perguntei antes, mas o teu marido trabalha?

*(Soldadora):* Trabalha no sindicato dos arrumadores

*(Pesquisadora):* Tens algum objetivo profissional?

*(Soldadora):* É eu pretendo claro a solda eu gosto de soldar mas eu quero crescer todo mundo tem um objetivo assim remoto nem que seja de crescer de uma certa forma então continuo estudando vou tentar melhorar lá dentro se puder como profissional de solda de tô estudando por fora pra vê o que que tem pra mim tô me preparando se papai do céu achar que vai ter a oportunidade eu já tô aqui preparada.

*(Pesquisadora):* O que costumava fazer quando estás de folga?

*(Soldadora):* Ah eu adoro tomar meu chimarrão eu adoro escutar música eu gosto de tá com a minha família adoro meus filhos minha mãe meu pai gosto muito de tá com os amigos é música fazer churrasquinho essas coisinhas

*(Pesquisadora):* Dá tempo para tudo isso?

*(Soldadora):* Dá tempo dá tempo pra praia

*(Pesquisadora):* Tem mais alguma coisa que tu queiras falar sobre o teu trabalho que eu não tenha te perguntado?

*(Soldadora):* Ah eu acho que é legal acho bom essa tua entrevista que tu fez pra isso aí ficar registrado pro futuro porque eu boto no face não é prá... boto é pros meus netos digo os meus netos tem que ver isso aí que a vó vai tá de bengala mas ela vai mostrar... que é legal eu sempre quis trabalhar dentro de uma empresa assim dessa forma como não sei por que e não é que quando a gente quer uma coisa a gente consegue e isso é histórico a mulher pode também pode trabalhar e pode conseguir e ser tão útil quanto o homem.